

DEISE MARIA ANTONIO

**O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO APLICADO À
ANÁLISE DOCUMENTAL DE TEXTOS NARRATIVOS
DE FICÇÃO**

Perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP– *Campus* de Marília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento

Linha de Pesquisa: Organização da Informação

Orientador: Prof. Dr. João Batista Ernesto de Moraes

**MARÍLIA
2008**

A635p Antonio, Deise Maria, 1976-
O percursos gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção: perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias / Deise Maria Antonio. - Marília : [s.n.], 2008.
137f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2008

Bibliografia: f. 120 - 123

Orientador: João Batista Ernesto de Moraes

1. Análise documental. 2. Linguística. 3. Semântica discursiva. 4. Percorso gerativo de sentido. I. Autor. II. Título.

CDD

DEISE MARIA ANTONIO

**O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO APLICADO À
ANÁLISE DOCUMENTAL DE TEXTOS NARRATIVOS
DE FICÇÃO**

Perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias

Banca Examinadora:

Dr. João Batista Ernesto de Moraes

Dra. Helen de Castro Silva

Dra. Maria Cristiane Barbosa Galvão

**MARÍLIA
2008**

**Aos meus pais
Cícero e Giovanilda**

ANTONIO, D. M. O **Percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção**: perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

RESUMO

A pesquisa tem como tema “O percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção: perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias”, com o foco no estudo da análise textual buscando a concretização de sentido no encadeamento das figuras e no encadeamento dos temas presentes nos contos para a recuperação da informação. O pressuposto é que não existem ferramentas de análise de assunto adequadas para a análise de obras de ficção devido à ausência de procedimentos metodológicos que contribuam efetivamente para o tratamento desse tipo de documento para o estabelecimento do tema. Dessa forma, propõem-se a busca subsídios teórico-metodológicos no percurso gerativo de sentido, componente da Semântica Discursiva, para compreensão e extração do tema em obras de ficção. Os objetivos da pesquisa são: a análise, identificação e aplicação metodológica do percurso, buscando identificar os textos figurativos e temáticos, bem como a concretização do sentido do texto; o estudo dos atores que permeiam o encadeamento das figuras e dos temas, determinando as relações existentes nesse tipo de superestrutura narrativa; identificar e analisar o nível de experiência na atuação profissional dos bibliotecários na atividade de indexação de obras ficcionais; identificar e analisar as atitudes dos profissionais bibliotecários em relação à atividade de indexação com vistas a oferecer embasamento teórico para futuros estudos que efetivem uma proposta metodológica para a identificação do tema de obras ficcionais. O método escolhido para a realização da investigação é a pesquisa descritiva por permitir a observação, o registro, a análise e a correlação dos fatos. A entrevista estruturada e focalizada será utilizada como técnica de coleta de dados que permitirá a comparação e reflexão das respostas. O percurso temático e figurativo será aplicado e analisado nos contos para o estabelecimento do tema (Fase 1). A coleta de dados será realizada em três bibliotecas da Área de Humanas da Rede UNESP de Bibliotecas com o objetivo de extrair as técnicas utilizadas pelos bibliotecários para identificação do tema de documentos ficcionais (Fase 2). A Fase Final contemplará a transcrição e análise dos resultados e a reflexão que possibilite diretrizes para a análise documentária de obras ficcionais.

Palavras-Chave: Análise documental. Lingüística. Semântica Discursiva.

Temos como objetivos operacionais:

ABSTRACT

The works of fiction have no tools for appropriate subject analysis due to the absence of methodological procedures that contribute effectively to the treatment of this kind of document to the establishment of the theme. Thus, it is proposed to search for subsidies in the gerativo theoretical and methodological journey in a sense, part of Discursive Semantic for understanding and extracting the theme in works of fiction. The objectives of the research are the analysis, identification and methodological application of the route, seeking to identify those figurative and thematic texts as well as the implementation of the meaning of the text, the study of the actors that permeate the sequence of figures and topics, determining the relationship in that kind of superstructure narrative, identify and analyze the level of experience in the professional performance of librarians in the activity Index of works of fiction, identifying and analyzing the attitudes of professional librarians in relation to the activity of indexing and the offering theoretical basis studies for future studies that put into effect that a methodological proposal for identifying the subject of fictional works. The chosen method to carry out the research is the descriptive search that allows the observation, the registration, examination and the correlation of facts. The structured and focused interview will be used as a technique for collecting data that will allow comparison and reflection of the answers. The thematic and figurative journey will be applied and analysed in short stories for the establishment of the theme (Phase 1). The collection of data was held in three libraries of UNESP Libraries Network in order to extract the techniques used by librarians to identify the topic of fictional documents (Stage 2). The final phase includes the transcription and analysis of results and reflection enabling guidelines for the analysis of documentary works fictional.

Keywords: Document analysis. Linguistics. Semantic Discursive.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	14
3	A LINGÜÍSTICA E A SUA INTERFACE COM A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	21
3.1	Lingüística	21
3.2	Lingüística e Ciência da Informação	28
4	LINGÜÍSTICA TEXTUAL E TIPOLOGIAS TEXTUAIS	37
4.1	Tipologias textuais	40
4.2	Narração	41
4.3	Conto	44
5	ANÁLISE DOCUMENTAL DE TEXTOS NARRATIVOS	50
6	SEMÂNTICA	60
6.1	Semântica discursiva	60
6.2	Percurso gerativo de sentido	61
6.2.1	Nível fundamental	62
6.2.2	Nível narrativo	63
6.2.3	Nível discursivo	64
7	METODOLOGIAS, ANÁLISE, COLETA DE DADOS E RESULTADOS	66
7.1	Lingüística textual	66
7.1.1	Percurso temático e percurso figurativo	67
7.1.2	Isotopia	68
7.1.3	Identificação da seqüência canônica nos contos e aplicação do percurso temático e figurativo	68
7.2	Entrevistas	93
7.2.1	Aplicação dos instrumentos de coleta de dados nos indexadores	93
7.2.2	Apresentação, análise e resultados dos dados coletados	98
7.2.3	Apresentação dos dados coletados	98
7.2.4	Análise e discussão dos resultados	103
7.2.5	Informações adicionais acerca das entrevistas	115
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
	REFERÊNCIAS	120
	APÊNDICES	124

1. INTRODUÇÃO

Tudo refloresceu. O filósofo concluiu que não se deve plagiar a eternidade.
Drummond, "A falsa eternidade".

A Ciência da Informação busca, em uma de suas finalidades, a construção de formas de representação da informação, explícita e registrada, possibilitando sua recuperação, seu reuso, sua revisitação.

Por meio da criação de metodologias, a área estabelece parâmetros de ordem contribuindo para a geração, transferência, utilização e preservação de documentos nos ambientes informacionais e em suas vertentes científicas, tecnológicas, empresariais, enfim, da sociedade em geral.

Novos paradigmas de espaço-tempo interferem neste cenário, onde a globalização, as novas práticas dos produtos e serviços eletrônicos, a administração do conhecimento e da informação, a diversidade e a ética e responsabilidade social fazem com que a gestão dos ambientes informacionais, e as técnicas profissionais, sejam repensadas em uma nova lógica, por meio de novos parâmetros e novas orientações que tenham como diferencial o melhor uso dos recursos disponíveis, bem como a inserção e criação de outros.

O grande desafio dos ambientes informacionais, e de seus profissionais, nessas últimas décadas vem sendo a constante busca de capacitação para a incorporação de novos modelos, métodos, técnicas, instrumentos e atitudes, diante das mudanças e inovações que ocorrem para a apropriação do conhecimento e desenvolvimento de competências de recuperação da informação.

A criação de políticas organizacionais que visam o oferecimento e a criação de competências para o uso dos bens que estão à disposição contribui para diminuir os espaços de distanciamento daqueles que possuem competência dos que não a possuem, dos que dominam as inovações oriundas da tecnologia dos que não dominam.

Nesse universo a Ciência da Informação encontra-se em momento de repensar o seu fazer, suas metodologias.

Com o objetivo de contribuir com essa área do conhecimento o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UNESP (Universidade Estadual Paulista), *Campus* de Marília, trabalha na perspectiva de tornar a informação

disponível e acessível através do estudo crítico das metodologias e do uso das tecnologias para a construção do conhecimento científico, tecnológico e social, oferecendo duas linhas de pesquisa: Informação e tecnologia e Organização da Informação.

Esse trabalho está inserido na linha de pesquisa “Organização da Informação” que no cenário exposto anteriormente tem a Organização do Conhecimento como aporte teórico e metodológico, comportando-se como área intermediária, mediadora, fazendo a análise dos conteúdos das unidades informacionais garantindo a qualidade na recuperação da Informação desejada.

O foco está na Análise Documental que trabalha com as questões inerentes ao processo de tratamento temático da informação explicitando os procedimentos voltados para a identificação e seleção de conceitos tendo como procedimentos à etapa analítica, etapa sintética, seleção de conceitos, condensação documentária e representação documentária.

Essa informação produzida, a informação documentária, é a meta informação que representa o documento, sua materialidade, intenção, pressupondo, conseqüentemente, seu tratamento por meio de instrumentos como os sistemas de classificação, os cabeçalhos de assunto, os tesouros, as ontologias e as terminologias.

A pesquisa tem como tema “O percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção: perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias”, com o foco no estudo da análise textual buscando a concretização de sentido no encadeamento das figuras e no encadeamento dos temas presentes nos contos para a recuperação da informação.

Este trabalho vem complementar uma rede de pesquisa a respeito do tema de obras de ficção desenvolvidos no programa de pós-graduação em Ciência da Informação da UNESP de Marília: *“Análise de assunto de conto espírita por meio do percurso figurativo do percurso temático na análises de romances espíritas”*, autora Alessandra Cristina Damazo; *“A questão do aboutness em documentos narrativos ficcionais: subsídios para a análise documental de crônicas”*, autor Igor Aparecido Dalaqua Pedrini; *“Análise documental de conteúdo de textos literários infanto-juvenis: perspectivas metodológicas com vistas à identificação do tema”* Roberta Caroline Vesu Alves.

O interesse em trabalhar com obras de ficção nasceu na época de minha graduação quando na disciplina “Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa”, disciplina oferecida na grade curricular nos anos que estudei Biblioteconomia na UNESP, *Campus* de Marília (1996 a 1999), tive a oportunidade de ter contato com elementos da Lingüística, tais como a coesão à coerência. O professor da disciplina, João Batista de Ernesto Morais, que hoje é o orientador desta pesquisa de mestrado, propôs que escolhêssemos um livro de literatura para desenvolvermos um trabalho referente à disciplina. Vejo que essa proposta foi fundamental para minha trajetória acadêmica e profissional, fato que culminou neste trabalho.

Os livros de literatura sempre tinham sido até aquele momento grandes companheiros. De tal forma que chegava a substituir as amizades pela companhia destes. Passava horas intermináveis lendo os títulos da famosa e memorável “Coleção Vagalume”, os títulos de Monteiro Lobato, José de Alencar, Machado de Assis, dentre muitos outros. Como em “minha época” criança dormia cedo, e como toda criança eu não queria ir dormir, eu ficava na cama com “Agora estou sozinha”, “Barcos de Papel”, “Senhora”, etc. Chegava a levar um farolete, ou até mesmo uma vela acesa, para cama para que ninguém percebesse que ainda estava acordada lendo.

Assim, a proposta dessa disciplina veio ao encontro de um anseio que sempre proporcionou grande prazer: a leitura.

Lembro que no trabalho proposto na disciplina trabalhei com o livro “Verão no Aquário”, de Lígia Fagundes Telles, mas na época estava lendo “Amar verbo intransitivo” de Mário de Andrade. A escolha por “Verão no Aquário” foi pelo desejo de ler Telles, e conhecer apenas trechos de seus trabalhos nos livros de gramática e literatura do segundo grau, como “Antes do Baile Verde”, mas também pelo título “Verão no Aquário”, que sinceramente era “legal” mas não me dizia nada.

Li o livro, fiz o trabalho, ainda na máquina de datilografar, e joguei o mesmo por debaixo da porta do departamento de Biblioteconomia, pois o ano letivo já tinha terminado, apesar do prazo ter se estendido.

Mas o que me despertou na leitura desse romance foi que os “assuntos” tratados no interior da obra não tinham nada a ver com seu título, ou melhor, tinham de forma denotativa, mas para um bibliotecário trabalhar com um conteúdo assim, de forma a representá-lo ao usuário seria muito complicado, pois muito de seu conteúdo

poderia se perder. Como ir além dos termos encontrados nos sistemas de classificação?

O exemplo “clássico” desta situação profissional era apresentada nas aulas de indexação, pelo professor José Augusto Chaves Guimarães, com o caso do bibliotecário que foi indexar “Raízes do Brasil”, de Sergio Buarque de Holanda, e indexou na área de botânica.

Nos semestres subseqüentes cursei disciplinas para a atuação profissional como “Representação Descritiva I” e “Representação Temática I”, onde novamente a questão da representação do conteúdo dos documentos me chamou atenção, principalmente as linguagens documentárias, os sistemas de Classificação, tesouros e indexação. Participei, também durante a graduação, do Grupo PET (Programa Especial de Treinamento), sob a tutoria do professor José Augusto Chaves Guimarães e a professora Maria Helena T. C. de Barros, onde as trabalhos realizados convergiam para os interesses acadêmicos que se formavam em mim. De forma que desenvolvi o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação trabalhando com sistemas de classificação, com o título “Mariologia em linguagens documentárias: uma comparação entre CDD e CDU”.

Retomar a literatura, a ficção, na pós-graduação foi um grande desafio, uma vez que, neste universo a maioria dos estudos voltam-se para os documentos técnico-científicos, para a tecnologia e seus ambientes virtuais. Mas não poderia deixar passar a oportunidade, e o desafio tem me proporcionado enorme crescimento e maturidade profissional.

A escolha pelo autor Carlos Drummond de Andrade também resgata os tempos nostálgicos da meninice, quando lia seus contos e suas poesias nos livros do ginásio, como a “Morte do leiteiro”. E, com certeza, de seus contos na série “Para gostar de ler”.

Com o objetivo de trabalhar com o texto narrativo de ficção, a proposição desta pesquisa é trabalhar com o que Propp e Greimas designam como percurso gerativo de sentido, elementos que fazem parte da Semântica Discursiva, para a compreensão e extração do Tema em Obras de Ficção, usando especificamente como objeto de pesquisa o livro “Contos Plausíveis” de Carlos Drummond de Andrade.

Temos como objetivos operacionais:

- analisar e identificar e aplicar metodologicamente o percurso temático e do percurso figurativo em cinco contos do livro “Contos Plausíveis” de Carlos Drummond de Andrade, identificando os textos figurativos e temáticos, buscando por meio dessa tematização e figurativização a concretização do sentido do texto. Estudando, assim, os fatores que permeiam o encadeamento das figuras e o encadeamento dos temas, percebendo as relações existentes nesse tipo de superestrutura narrativa;
- Identificar e analisar o nível de experiência na atuação profissional dos bibliotecários na atividade de indexação de obras ficcionais;
- Identificar e analisar as atitudes dos profissionais bibliotecários em relação à atividade de indexação.

Pretendemos, com isso, oferecer embasamento teórico para uma proposta metodológica que identifique o tema de obras de ficção, bem como diagnosticar as dificuldades dos profissionais bibliotecários acerca a atividade de indexação de obras ficcionais. Dessa forma, atingiremos nosso objetivo final: contribuir para o conhecimento teórico da Análise Documental

A pesquisa foi realizada em três Bibliotecas que compõem a Rede de Bibliotecas da UNESP: Biblioteca “Acácio José Santa Rosa” *Campus* de Assis, Biblioteca “UNESP – *Campus* de São José do Rio Preto” e Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras – FCLAr - UNESP - *Campus* de Araraquara. Essas unidades foram escolhidas por possuírem os maiores acervos compostos por obras de ficção, e principalmente por abrigarem cursos de graduação e de pós-graduação que utilizam esse material bibliográfico como referencial teórico-científico.

Refletindo as questões enunciadas até aqui, a dissertação está dividida em oito capítulos. O capítulo primeiro dedicado à introdução. Os capítulos subsequentes, dois, três, quatro, cinco e seis, abordam aspectos históricos da ciência da informação, sobre a lingüística e sua interface com a ciência da informação, a

lingüística textual e as tipologias textuais, a análise documental dos textos narrativos e a semântica discursiva.

O capítulo sete apresenta a metodologia, análise, coleta de dados e resultados da pesquisa, a aplicação dos questionários com os indexadores selecionados na Rede UNESP de Biblioteca.

Finalizando, no capítulo oito são apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa e sugestões para futuros estudos.

2. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Estabelecer paradigmas epistemológicos da Ciência da Informação, bem como os aspectos de sua evolução ao longo da história é uma preocupação presente em vários trabalhos e artigos de autores renomados da área que buscam sua consolidação teórica e metodológica.

Autores como Aldo Barreto (2002) traçam quais seriam os tempos da Ciência da Informação. Para ele estariam divididos em três momentos: i) gerência da informação (1948 – 1980); ii) tempo de relação informação – conhecimento (1980 – 1995); e iii) tempo sociedade da informação (1995 -).

Sob essa ótica a gerência da informação teria como preocupação os estoques, a organização, a classificação, a indexação dos documentos. Este seria legitimado por sua característica física. A preocupação residia na busca de metodologias para a condensação dos conteúdos e posterior recuperação da informação. É um período onde o volume de informação cresce exponencialmente, de agitação econômica e social marcado pelo pós-guerra. Onde surgem soluções tecnológicas para a explosão informacional como o MEMEX de Bush (1945). Calvin Mooers (1951) cunha o termo sistemas de recuperação da informação. Alguns autores como Heilprin (1989) acreditam que o termo Ciência da Informação tenha sido criado em torno de 1960 a partir do estudo, processamento e uso da informação sendo considerada predominantemente como atividade humana. De 1961 a 1962 acontecem conferências do *Geórgia Institute of Technology* onde a preocupação com o conceito acerca da ciência da informação é desenvolvido por meio da investigação das propriedades, dos fluxos, dos meios de processamento da informação para sua ótima acessibilidade e uso (BORKO, 1968).

Nas proximidades do final da década de 1970 surge a Teoria do Estado Anômalo do Conhecimento, reconhecendo este como estado dado por uma estrutura de conceitos que são ligados por relações, imagem do mundo. A informação, neste contexto, viria corrigir a anomalia que seria o estado de deficiência do sujeito.

Belkin (1978) relaciona quais seriam as 5 (cinco) áreas de preocupação da ciência da informação: a relação entre informação e produtor, questões da representação da informação através do uso de linguagens documentárias; e a relação entre informação e usuário: questões relativas à relevância e uso da informação.

O segundo tempo teria foco na relação entre a informação e conhecimento, a informação acontecendo na realidade de seus receptores e não mais nos estoques estáticos de informação. A preocupação se desloca dos estoques para a questão da assimilação da informação. Ou seja, os documentos apenas serão válidos dentro dos estoques se forem assimilados e apropriados pelos sujeitos.

Nesse período, surgem políticas de transferência da informação para atender a premissa de que nem toda a informação que está estocada, portanto disponível, está acessível.

A partir de 1990 temos o terceiro tempo conhecido como sociedade da informação onde o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação marcam profundamente o cenário pela convergência tecnológica de imagem, som e texto traduzidas em linguagem digital. A apropriação da informação pelo sujeito é condição para o “conhecer”, e conhecer é um ato de interpretação da informação.

Quando tratamos das correntes epistemológicas da Ciência da Informação (CI), encontramos três grandes correntes por onde a comunidade científica se posiciona. A primeira é que a CI teria suas origens na documentação, a segunda da biblioteconomia, e a terceira com o advento da tecnologia.

Saracevic (1996) sustenta a posição de que a Ciência da Informação teve suas origens na revolução científica e técnica que ocorreu após a Segunda Guerra Mundial. Tendo como marco inicial o artigo de Vannevar Bush, “As we may think”, onde estabelece duas coisas:

(1) definiu sucintamente um problema crítico que estava por muito tempo na cabeça das pessoas, e (2) propôs uma solução que seria um ajuste tecnológico, em consonância com o espírito do tempo, [...] O problema era (e, basicamente, ainda é) ‘ a tarefa massiva de tornar mais acessível, um acervo crescente de conhecimento’; Bush identificou o problema da explosão informacional – o irreprímível crescimento exponencial da informação e de seus registros, particularmente em ciência e tecnologia.

Para resolver esse problema, ele utiliza os aparatos da tecnologia da informação e propõe a criação do MEMEX ¹, máquina que possibilitaria a associação de idéias, que duplicaria artificialmente os processos mentais.

¹ MEMEX: *Memory Extension*, máquina capaz de estocar enormes quantidades de informações de forma fácil e rápida de serem alcançadas. Concebido a partir da idéia de que a soma dos conhecimentos, aumentando de forma exponencial, não mantinha relação com os seus meios de armazenagem e acesso aos dados, e também pela observação do funcionamento da mente humana.

O conceito de Ciência da Informação como campo surgiu para Saracevic nos anos 60, período em que várias definições eram expostas.

A definição surgida nas conferências do *Geórgia Institute of Technology*, outubro de 1961 e abril de 1962 valem ser citada, pois ainda permanecem como sendo uma das mais consensuais:

Ciência da Informação é a que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que regem o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso. O processo inclui a origem, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação. O campo deriva ou relaciona-se com a matemática, a lógica, a lingüística, a psicologia, a tecnologia computacional, as operações de pesquisa, as artes gráficas, as comunicações, a biblioteconomia, a gestão e alguns outros campos.

Em 1968, Borko formula uma definição semelhante à nascida das conferências, mas que a ultrapassava, mostrando que a biblioteconomia e a documentação são componentes da Ciência da Informação:

A ciência da informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso. Está ligada ao corpo de conhecimentos relativos à origem, coleta, organização, estocagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso de informação. Isto inclui a investigação, as representações da informação tanto no sistema natural, como no artificial, o uso de códigos para uma eficiente transmissão de mensagens e o estudo dos serviços e técnicas de processamento da informação e seus sistemas de programação. Trata-se de uma ciência interdisciplinar derivada e relacionada com vários campos como a matemática, a lógica, a lingüística, a psicologia, a tecnologia computacional, as operações de pesquisa, as artes gráficas, as comunicações, a biblioteconomia, a gestão e outros campos similares. Tem tanto uma componente de ciência pura, que indaga o assunto sem ter em conta a sua aplicação, como uma componente de ciência aplicada, que desenvolve serviços e produtos (...) a biblioteconomia e a documentação são aspectos aplicados da ciência da informação.

Outras definições são sumarizadas como a de Goffman (1970) colocando como tarefa da Ciência da Informação o estudo das propriedades dos processos de comunicação tendo como objetivo a tradução dentro de um sistema de informação. Mas em 1990, Saracevic(1996, p. 47) fez sua redefinição a cerca da Ciência da Informação:

A Ciência da Informação é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltada para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto

social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento, destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais.

Para ele a CI teria relações interdisciplinares com quatro campos: biblioteconomia, ciência da informação, ciência da computação, ciência cognitiva e comunicação.

A segunda corrente defende que a origem da Ciência da Informação é a Biblioteconomia.

Le Coadic (1996) diz que a Ciência da Informação tem origem anglo-saxônica, nascendo da biblioteconomia, tendo primeiramente como objeto de estudo a informação fornecida pelas bibliotecas, e posteriormente, informações referentes às ciências, às técnicas, indústria e Estado. Seu objeto é a informação que é um conhecimento inscrito, registrado, comportando o elemento de sentido, ou seja, por meio de uma mensagem em um suporte, ela é transmitida a um sujeito consciente, e ela é carregada de significado.

O objetivo da informação “permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação, sou seja, continua sendo o conhecimento; e o meio é a transmissão do suporte, da estrutura” (LE COADIC, 1996, p. 5).

Portanto, a ciência da informação estaria no campo das ciências sociais (das ciências do homem e da sociedade), com a preocupação de esclarecer o problema da informação, um problema social concreto do sujeito social que procura informação. E, seria uma ciência interdisciplinar que faz interações com a psicologia, a lingüística, a sociologia, a informática, a matemática, a lógica, a estatística, a eletrônica, a economia, o direito, a filosofia, a política e as telecomunicações.

Para outros autores, a ciência da informação tem suas origens na documentação. Essa visão é chamada por Smith (2000, p. 126) de interpretação desenvolvimentista da evolução da ciência da informação. Shera (1980) e Dias (2000) também consideram que as origens da Ciência da Informação podem estar ligadas à documentação que conseqüentemente teria como origem a biblioteconomia.

Uma forte tendência dentro da perspectiva histórica da Ciência da Informação é a de considerar que suas origens remontam no final do século XIX, embora nascida oficialmente no pós-segunda grande guerra, esta teria suas raízes e fundamentos colocados em prática por Paul Otlet, que concebe e desenvolve o sistema de classificação universal, com bases na classificação de Melvil Dewey, e cria o Instituto Internacional de Bibliografia

(IIB) juntamente com Henri La Fontaine em 1895. A partir do Instituto começa-se a colocar em prática uma estratégia para compilação de um catálogo universal da informação registrada existente, catálogo que permitia o acesso por assuntos ao conteúdo informacional. Este sistema de informação funcionava diferente de uma biblioteca, era um centro difusão de informação onde os aspectos predominantes eram o acesso e a divulgação.

Rayward (1997) apresenta as idéias e práticas desenvolvidas por Paul Otlet estabelecendo relações no seu trabalho com os métodos, técnicas e práticas atuais de organização, recuperação e divulgação da informação. As atividades desenvolvidas por Otlet e pelo Instituto são comparadas, com as devidas reservas tecnológicas da época, com os modelos de recuperação de informação que hoje são utilizados, bem como os serviços de informação pagos, as bases de dados on line, os softwares de gerenciamento de banco de dados, multimídia, hipertexto e o próprio conceito da Internet.

Buckland (1999)² citado por Robredo (2003, p. 77)

acha que não devemos discutir sobre o significado da ciência da informação', mas reconhecer que a informação é importante por sua relação com o conhecimento. Observa que a área possui profundas raízes históricas na documentação e nos métodos (especialmente os baseados no uso de computadores) para o processamento, a gestão e a utilização dos documentos.

Para alguns autores as formulações acerca da definição de Ciência da Informação desde 1968 para cá não demonstraram diferenças substanciais em relação à definição de Borko, usando este como quadro de referência, centrando o debate em torno da definição do objeto da C.I., sendo quase que consensual que seu objeto é a informação, mas qual seria a melhor e mais adequada definição deste conceito?

Para Robredo (2003) o paradigma de Borko (1968) começa a ser questionado por correntes que enfatizam os aspectos socioeconômicos e socioculturais dos fluxos e de sua relação com a gênese de novos conhecimentos.

As discussões a respeito do que é informação fomentam a literatura da ciência da informação em busca de um objeto único, um método único que caracterize a C.I. como ciência.

² BUCKLAND, M. The landscape of information Science: the American society for information Science. Journal of the American Society for information Science, v. 50, p. 970 – 974. 1999.

Segundo Robredo (2003) pode-se encontrar em Stonier (1998)³ e Hjørland (1998) grandes contribuições para a compreensão do conceito de informação.

Para o desenvolvimento desse trabalho os esclarecimentos de Hjørland são pertinentes, pois trazem subsídios importantes para a proposta da pesquisa.

Dois artigos desse autor levantam questões relevantes. O primeiro ⁴ de 1995

defende que a ciência da informação deve ser considerada como uma disciplina social mais do que como uma disciplina mental (cognitiva) e descreve algumas tendências transdisciplinares recentes que fazem fronteira com as ciências da informação (pesquisa educacional, psicologia, lingüística, filosofia da ciência, etc), o que está fazendo surgir uma nova visão do conhecimento. O autor enfatiza a natureza social, ecológica e orientada ao conteúdo da ciência da informação, em oposição à abordagem mais formal, baseada no uso dos computadores, em voga nos anos oitenta. Compara a análise de domínios e outras abordagens das ciências da informação, especialmente abordagem cognitiva, e aponta para problemas que precisam ser investigados, tais como a forma em que os diferentes domínios do conhecimento podem afetar o valor da informação dos diversos pontos de acesso por assunto, nas bases de dados.

O segundo ⁵ de 1998

Destaca alguns princípios importantes no desenho dos documentos estabelecidos em recentes pesquisas sobre a composição dos mesmos, e discute as possibilidades de identificação dos pontos de acesso. Segundo o autor, as teorias de recuperação da informação devem se basear em – ou se relacionar com – as teorias do conceito e do significado. Discute os contrastes de duas semânticas elaboradas por WITTGENSTEIN: a teoria da imagem descritiva e a teoria dos jogos de linguagem, e mostra as diferentes conseqüências da aplicação de cada teoria para a recuperação da informação e suas implicações no trabalho dos profissionais da informação.

O primeiro pontua as interfaces da ciência da informação com outras áreas do conhecimento dentre elas a lingüística (significado e semântica) que será o ponto de intersecção abordado nessa pesquisa, também, a preocupação de criação de metodologias de construção de classificações especializadas, outra preocupação deste trabalho que é oferecer subsídios para a construção de um referencial teórico e metodológico para a análise de documentos de ficção. O segundo diz a respeito dos princípios importantes no desenho

³ STONIER, T. Definition of information. In: Virtual Conference on the Foundations of Information Science January-December, 1998 (FIS 98). Pedro C. MARIJUÁN (Org.) <http://fis.iguw.tuwien.ac.at/fis98/>.

⁴ HJORLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information Science: domain analysis. Journal of the American Society for Information Science, v. 45, n. 6, p. 400 – 425, 1995.

⁵ HJORLAND, B. Information retrieval, text composition and semantics. Knowledge Organization, v. 25, n. 1/2, p. 16 – 31, 1998.

dos documentos e identificação dos pontos de acesso, entendendo a informação como fenômeno social coletivo refletido nos padrões de cooperação, formas de linguagem e comunicação, nas estruturas e organizações do conhecimento, sistemas de informação, na literatura e nos critérios de relevância (NASCIMENTO; MARTELETO, 2004).

Importante esclarecer que trabalhamos acreditando que a Ciência da Informação tem suas origens a partir da biblioteconomia, mas seria em uma perspectiva histórica. Não podendo negar que o processo histórico é importante, fundamental e determinante para o avanço científico e tecnológico da área. Tendo essa interpretação histórica da evolução da ciência da informação, a Ciência da Informação teria em Paul Otlet o marco de aplicabilidade do desenvolvimento de técnicas e fundamentos precursores das práticas profissionais e teóricas hoje desenvolvidas.

No próximo capítulo abordaremos justamente a relação entre lingüística e ciência da informação na busca de estabelecer suas contribuições para a Análise Documental.

3. LINGÜÍSTICA E A INTERFACE COM A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

3.1 LINGÜÍSTICA

A lingüística é a ciência do século XX que estuda a linguagem humana tentando elaborar teorias a respeito da natureza e funcionamento da linguagem e desenvolver sistemas de descrição e análise das diferentes línguas. Dependendo do ramo da lingüística algumas mensurações e experimentos laboratoriais são realizados aproximando-se dos métodos empregados nas ciências naturais. O estudo da língua como um conjunto de sistemas formais é um dos aspectos centrais da moderna lingüística. Os estudos psicolingüísticos, direcionados aos aspectos psicológicos da língua e de como se apresentam nos falantes individuais, e os sociolingüísticos, que abordam os aspectos sociais do funcionamento e uso da linguagem, também são muito importantes.

Segundo Lopes (1993, p. 24)

A lingüística é uma ciência interdisciplinar. Ela toma emprestada a sua instrumentação metalinguística dos dados elaborados pela Estatística, pela Teoria da Informação, pela Lógica Matemática, etc., e, por outro lado, na sua qualidade de ciência piloto, ela empresta os métodos e conceitos que elaborou à Psicanálise, à Musicologia, à Antropologia, à Teoria e Crítica Literária, etc.; enfim, ela se dá, como Lingüística Aplicada, ao Ensino das Línguas e à Tradução Mecânica.

De acordo com Borba (1967)

a lingüística é uma ciência que procura determinar, com métodos próprios, a estrutura e a função da linguagem humana. Como a linguagem humana, isto é, a capacidade que tem o homem de comunicar-se por meio de sons articulados em si, é uma abstração, a lingüística procura a concretização desta linguagem, ou seja, as línguas.

O seu objeto de estudo é a linguagem entendida como sistema de elementos sonoros com os quais os homens podem estabelecer relações de comunicação, expressando seus sentimentos, pensamentos, dentro dos grupos sociais.

Algumas características particulares da linguagem são enunciadas por Borba (1967, p. 36):

- a) os signos lingüísticos que entram na comunicação têm um valor simbólico, ou melhor, são representações ou interpretações de tudo o que impressiona nosso sentidos. Os símbolos são auditivos e produzidos pelos órgãos do “aparelho fonador”, têm valor objetivo e, pois, não se identificam com as cousas simbolizadas;
- b) se a linguagem é atividade mental e é capaz de expressar estados mentais, logo verificamos que linguagem e pensamento se relacionam muito estreitamente. Um depende do outro para desenvolver-se em larga escala. O pensamento só é exteriorizado pela linguagem. Sendo assim, esta teria apenas a função secundária de invólucro do pensamento? [...] Linguagem e pensamento não são coexistentes e, do ponto de vista de origem, ‘não podemos imaginar que um sistema de símbolos lingüísticos bem desenvolvido tenha podido elaborar-se com anterioridade à gênese de conceitos definidos e a utilização dos conceitos, ou seja, o pensamento’.
- c) A linguagem humana é articulada, isto é, presta-se a uma divisibilidade sistemática, o que permite chegar a seus elementos mínimos. Esta articulação é dupla;
- d) A linguagem é primordialmente um sistema auditivo de símbolos. Sua contraparte articulada indica que é motora, mas este é um aspecto secundário, pois a linguagem é aprendida primeiramente pela audição. Depois disto é que entra o processo motor;
- e) Os símbolos lingüísticos são arbitrários, isto é, não há relação necessária entre o objeto e o seu nome [...] Um mesmo conceito tem nomes diferentes nas diferentes línguas, sem que nenhum deles seja mais ou menos adequado para a realidade da cousa;
- f) A linguagem humana é um sistema adquirido por aprendizagem. Sendo o homem capaz de falar, pode transmitir sua experiência. Cada ser humano não só apreende a experiência de seus maiores como também sua língua;
- g) A linguagem é universal e se traduz numa variedade enorme de línguas.

Várias são as escolas lingüísticas: Comparativista, Neogramáticos, Escola de Genebra, Escola de Paris, Escola Idealista, Escolas Estruturalistas, Neolingüistas, Escola Mecanicista.

Na história da lingüística existem dois momentos-chaves:

SÉCULO XVII	SÉCULO XIX
Século das Gramáticas Gerais	Séculos das Gramáticas Comparadas (ou históricas)
<ul style="list-style-type: none"> • Marcado pelo racionalismo, onde os estudos são concentrados em estudar a linguagem enquanto representação do pensamento, procurando mostrar que as línguas obedecem princípios racionais e lógicos; • A linguagem é regida por princípios gerais que são racionais, passam a exigir dos falantes clareza e precisão no uso da linguagem; • A gramática que constroem deve funcionar como uma máquina que possa separar automaticamente o que é válido e o que não o é; • Querem atingir a língua ideal: universal, lógica, sem equívocos, sem ambigüidades; 	<ul style="list-style-type: none"> • Já não tem mais validade o ideal universal, o que chama atenção dos estudiosos é o fato das línguas se transformarem com o tempo; • O que importa é a mudança e não a precisão; • Estudos históricos que tentam mostrar que a mudança das línguas não depende da vontade dos homens, mas de uma necessidade da própria língua, tendo uma regularidade; • Figura expressiva da época: F. Bopp, sua obra sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita data o nascimento da Lingüística Histórica; • No século XIX descobre-se a semelhança entre a maior parte das línguas européias e sânscrito, denominando esse conjunto de línguas de indo-européias; • Os indo-europeístas dizem que as semelhanças das línguas indicam seus parentescos, são consideradas da mesma família, tendo transformações naturais de uma mesma língua de origem: o indo-europeu; • Propõem o método histórico comparado: comparam a língua e estabelecem correspondências sonoras e gramaticais; • O alvo é a língua mãe explicar um pouco mais
Contribuição: estabelecer princípios que não se prendiam à descrição de uma língua particular, mas de pensar a linguagem em sua generalidade.	Contribuição: evidenciar que as mudanças são regulares, têm uma direção, não são caóticas, como se pensava.
Tendência: Formalismo se ocupa do percurso psíquico da linguagem e pensamento, busca o que é único, universal.	Tendência: Sociologismo, aplica a estudar o percurso social, explorando a relação entre linguagem e sociedade (múltiplo, diverso e variado).

Fonte: ORLANDI, E. P. **O que é lingüística**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 11-15.

A gramática histórica contribui para o aparecimento da Lingüística, como ciência, construindo a escrita simbólica que descreve a própria língua por meio dos simbólicos, ou seja, a metalinguagem.

As bases teóricas da lingüística remontam a Ferdinand de Saussure, considerado pioneiro da semiologia e da semiótica.

É Fernand Saussure (Escola de Genebra) quem define com clareza o objeto da lingüística. Ele divide a linguagem em língua (*langue*) e discurso (*parole*).

A língua é um sistema de valores que se opõem uns aos outros e que está depositado como produto social na mente de cada falante de uma comunidade; possui homogeneidade e por isso é o objeto da lingüística propriamente dito. O discurso é um ato individual, em que interferem muitos outros fatores extralingüísticos e no qual se fazem sentir a vontade e liberdade individuais, sendo, portanto, heterogêneo e não se prestando à descrição lingüística. Apesar de reconhecer a interdependência entre língua e discurso, F. de Saussure considerava, pois, como objeto *stricto sensu* da lingüística, a língua. (CABRAL, 1976, p. 4)

Para Saussure a linguagem é “heteróclita e multifacetada” porque abrange vários domínios, ou seja, é ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, pertencente ao domínio individual e social (FIORIN, 2007, p. 14). É um “sistema de signos”, de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. Assim, para Saussure, o signo lingüístico é uma entidade puramente psíquica, uma forma, unidade indissolúvel entre imagem acústica (significante) e conceito (significado) (CABRAL, 1976, p. 29).

Os fenômenos lingüísticos podem ser estudados de acordo com duas perspectivas: a estática (ou de equilíbrio) e a dinâmico (ou de movimento através do tempo). O primeiro caso é chamado de lingüística descritiva e o segundo de histórica. São interdependente e se auxiliam mutuamente. “A distinção e conceituação destes dois aspectos sob os quais os fatos podem ser encarados se deve a Fernand de Saussure (Cours ... 1962 – p. 114), que chama sincronia quando não há intervenção do tempo e diacronia quando os fenômenos se sucedem no tempo” (BORBA, 1967, p. 43).

Para Saussure

é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução [...] A lingüística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela

consciência coletiva. A lingüística diacronia estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e eu se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si (SAUSSURE, 1970, p. p.96; 116).

A lingüística sincrônica estuda todos os elementos gramaticais da língua, pois as relações gramaticais estabelecem-se pelos estados da língua. Dessa forma é sincrônica porque é um sistema relacionado de peças entre si. Apenas os estados da língua comportam um sistema. A lingüística diacrônica estuda os fatos no decorrer dos tempos, onde o dinamismo da língua é constante. As mudanças são propiciadas pelo uso ininterrupto e a descontinuidade da transmissão (BORBA, 1967, p. 43).

Saussure desmembrou a língua em unidades lingüísticas básicas, fonemas e palavras, que, segundo ele, não se definem isoladamente, mas somente por meio das inter-relações com outras unidades. Elas relações entre os termos ou elementos podem ser de dois tipos: sintagmático (coerência, contigüidade) ou paradigmático (substituição).

Saussure define o objeto da lingüística: a língua, conceituando-a como o sistema de signos que forma um todo pela organização das unidades e definindo o signo como associação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito).

Segundo o autor o laço que une o significante com o significado seria arbitrário, convencional e imotivado, sendo, dessa forma, formado de unidades abstratas e convencionais. Não há motivo para que um determinado animal seja chamado pelo nome que conhecemos, por exemplo, “gato”. Mas uma vez atribuído esse nome a ele, ele passa a ter um “valor” na língua. Quando chamamos “gato” associamos em nosso cérebro com a idéia de “gato” e não de cão, cavalo, etc.

Essa relação de diferença que constituem o sistema da língua. Um signo sempre terá relação com outro que ele não é. Desta forma, o valor do signo é relativo e negativo, “gato” significa “gato”, porque não significa “cão”.

A língua e a fala são consideradas de forma distinta por ele. A língua é considerada como um sistema abstrato, fato social, geral, virtual. A fala é a realização concreta da língua pelo sujeito falante. Dessa forma ele exclui a fala do campo da lingüística uma vez que essa depende do indivíduo e não da sistemática. Ele também separa a sincronia, considerado o estado atual do sistema da língua, da

dicronia, sucessão de diferentes estados da língua em evolução, excluindo esta última do domínio da Lingüística.

As bases da lingüística são lançadas com os conceitos de *língua*, *valor* e *sincronia*.

A organização interna da língua é chamada de *sistema*, mas os sucessores de Saussure a chamam de *estrutura*, ou seja, os elementos da língua só adquirem valor quando se relacionam com o todo.

Uma das formas de estruturalismo, no interior da lingüística, é o funcionalismo que tem como objetivo a consideração das funções desempenhadas pelos elementos lingüísticos e seus aspectos: fônicos, gramaticais e semânticos. Que apresentam dificuldades para encontrar traços de distinção, por exemplo, no campo semântico e morfológico, o que leva a sofisticação dos instrumentos de descrição, levando em consideração diferentes níveis de relações: oposição (aspectos fônicos) e de contraste. Esses níveis de relação constituíram os dois eixos que são o suporte da organização geral do sistema da língua: eixo paradigmático e sintagmático.

As relações de substituição ou de combinação de formas dariam, portanto, sustentação para toda a estrutura da língua. Mas, não só a noção de relação foi entendida de várias formas pelos estruturalistas, a própria noção de função foi vista de outras maneiras criando outros funcionalismos.

As funções constitutivas da natureza da linguagem que serão caracterizadas segundo o papel que cada um dos elementos do processo de comunicação.

Esses elementos seriam: função expressiva centrada no emissor; a conotativa centrada no receptor; a referencial centrada no objeto da comunicação; a fática centrada no canal, no meio que liga o emissor e receptor; a poética centrada na mensagem; e a metalingüística centrada no código.

Dependendo do contexto salientamos mais uma função em detrimento da outra.

O “distribucionalismo” seria outra forma de estruturalismo. Teoria elaborada por L. Bloomfield que propõe uma teoria geral da linguagem que tem pontos de interseção com a teoria europeia do funcionalismo. Ele apresenta uma explicação comportamental, “behaviorista” dos fatos lingüísticos, com a fundamentação no esquema estímulo/resposta. Para aplicação de seu projeto lingüístico a descrição é colocada em prática, onde o historicismo e qualquer referência de significado é excluída. Portanto, para estudar a língua é necessário reunir um conjunto de

enunciados efetivamente emitidos pelos falantes em um certo momento, isso seria o que Bloomfield demonina de *Corpus*.

O desenvolvimento da lingüística é marcado pelos círculos lingüísticos que são grupos de estudiosos que se reúnem para discutir a linguagem sobre várias perspectivas.

A lingüística sofre uma grande mudança na década de 1950 com os estudos de Chomsky que critica a evocação classificatória dos distribucionalistas propondo uma reflexão sobre a linguagem, fazendo com que ela tornasse-se explicativa e científica. Para Chomsky os lingüistas devem descrever a competência que é a capacidade que todo falante/ouvinte tem de produzir/compreender as frases da língua. O desempenho dos falantes em suas atividades lingüísticas concretas que é a performance, ou estudo da atuação, não interessa a ele.

Assim como Saussure – que separa língua de fala, ou o que é lingüístico do que não é – Chomsky distingue competência de desempenho. A competência lingüística é a porção do conhecimento do sistema lingüístico do falante que lhe permite produzir o conjunto de sentenças de sua língua; é um conjunto de regras que o falante contruiu em sua mente pela aplicação de sua capacidade inata para a aquisição da linguagem aos dados lingüísticos que ouviu durante a infância (FIORIN, 2007, p. 15).

Muitas críticas são levantadas a semântica gerativa de Chomsky, pois para os defensores da semântica gerativa na relação entre sintaxe e semântica, a primeira não é o centro autônomo das frases, pois quem determina o poder gerativo é a semântica.

A língua – sistema lingüístico socializado – de Saussure aproxima a Lingüística da Sociologia ou da Psicologia Social; a competência – conhecimento lingüístico internalizado – aproxima a Lingüística da Psicologia Cognitiva ou da Biologia (FIORIN, 2007, p. 15).

A partir dos estudos da Lingüística como ciência da linguagem vários outros estudo surgem sempre avaliando a relação entre o signo e a relação entre os signos e o mundo.

3.2 LINGÜÍSTICA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A ciência da informação tem firmado uma estreita ligação com a lingüística ao utilizar seus métodos e processos para a descrição dos documentos. Esses campos do conhecimento são explorados em suas subáreas por pesquisadores na procura de subsídios para a aplicabilidade nas duas áreas.

Um exemplo desses pesquisadores são os profissionais que compõem o Grupo Temma. O Grupo Temma nasceu de um grupo de professores que promoviam discussões para melhor integrar as disciplinas que eram oferecidas no curso de graduação em biblioteconomia e documentação da Escola de Comunicações da USP (Universidade de São Paulo). Conforme as preocupações tornaram-se mais específicas

uma vez que, por um lado, havia uma forte demanda por cursos extra-curriculares na área de ‘análise e representação temática’, as quais se tentou responder organizando cursos de extensão, de outro lado a linha de pesquisa, em nível de pós-graduação, na medida em que se estruturava, reunia pesquisadores com preocupações convergentes. (SMIT, 1989, p. 7).

A partir das discussões, dos cursos e da avaliação da pesquisa, cada grupo de pesquisadores aprofunda-se nas questões e preocupações de interesse.

Então, no início da década de 1970, as pesquisas de um grupo foram direcionadas para um campo que não integrava o currículo da biblioteconomia no Brasil: a interseção entre a documentação e a lingüística.

Uma das fundadoras do Grupo Temma, professora Johanna W. Smit, descreve como surgiu essa interseção:

Lembro-me de uma conferência que James Perry fez em 1970: seria incapaz de lembrar o assunto geral da conferência; a única imagem que ficou gravada na minha memória dizia respeito aos anéis de benzeno que o homem desenhava na lousa, discorrendo sobre os diferentes radicais e as relações que se estabeleciam entre o anel e os radicais. Naquele momento, um paralelo se estabeleceu entre o anel de benzeno e o “miolo” das palavras, modificáveis pelos diferentes radicais. Na época, tive a impressão de que, se conseguisse isolar melhor os “miolos”, a documentação trabalharia com maior economia e eficácia, preocupando-se unicamente com o “cerne” da questão (SMIT, 1989, p. 8)

A busca pelo “cerne” da questão levou o Grupo Temma a direcionar seus trabalhos à lingüística, conseqüentemente à gramática dos casos e à lingüística e semântica dos textos, que ultrapassavam a barreira da frase. A análise documentária e a lingüística passaram a ser discutidas em conjunto.

Inicialmente o Grupo Temma era composto por sete pesquisadores, dentre eles bibliotecários e lingüistas, e em sua maior parte docentes do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP, dentre eles: Eunides Aparecida do Vale; Anna Maria Marques Cintra; Isabel M. R. Ferin Cunha; Maria de Fátima G. M. Tálamo; Johanna Smit; Nair Yumiko Kobashi e Regina Keiko Obata Amaro.

A ligação entre a documentação e a lingüística existe desde 1957 quando Luhn, o idealizador dos índices KWIC e KWOC⁶, utilizou-se de fundamentos da lingüística distribucionalista de Harris.

Outro componente importante destacado pelo Grupo Temma é a lógica, pois com o surgimento das discussões em torno da automação da indexação, análise e classificação perceberam que a problemática de análise não se resumia nas questões de sintaxe e semântica, uma vez que ao ultrapassar os limites da frase, entrando no texto, esse componente (a lógica) intervinha. As relações lógico-semânticas são importantes para a criação de instrumentos que normalizem e homogenizem a tradução da informação contida nos documentos em informação documentária.

Dessa forma, Smith enumera várias barreiras que foram ultrapassadas;

- a) para fins de análise documentária, a frase não é forçosamente uma unidade relevante de informação, uma vez que a informação relevante pode estar numa palavra, frase, parágrafo ou texto. A unidade de análise pré-determinada deixa de ser um conceito pertinente;
- b) quando a unidade de análise é o próprio texto, para gerenciá-lo de forma eficaz é necessário dominar, entre outras, sua estruturação

⁶ Índice criado por H. P. Luhn (1959). O índice Kwic (keyword in contexto index) é rotado, derivado, em sua forma mais comum, dos títulos de publicações. Cada palavra-chave que aparece num título torna-se ponto de entrada, destacada de alguma forma, aparecendo, normalmente, realçada no centro da página. As palavras restantes do título aparecem “envolvendo” a palavra-chave. O índice kwic constitui o método mais simples de produção de índices impressos por computador, no entanto, tem alguma eficiência, pois cada palavra-chave é vista em seu “contexto”. O índice Kwoc (keyword out of contexto) é similar ao Kwic, exceto que as palavras que se tornam pontos de acesso são repetidas fora do contexto, comumente destacadas na margem esquerda da página. LANCASTER, F. W. Indexação e resumos: teoria e prática. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. p. 54-55.

interna, o que leva a uma valorização das relações lógico-semânticas presentes no texto;

- c) na hipótese precedente, o texto (inclusive o texto científico) deixa de ser um espaço neutro, composto de uma única camada unívoca, passando a ser entendido como uma sobreposição de várias camadas, algumas internas ao texto, outras externas. Surge a discussão da pragmática: as condições de produção do texto, bem como suas condições de consumo. O texto deixa de ser um objeto neutro, isolado, fechado, e passa a ser um espaço de circulação de informações, ou seja: as informações contidas no próprio texto acrescidas das “leituras” que delas são feitas no momento da produção, análise documentária ou consumo.

A coordenadora do Grupo Temma, professora Smit, descrevia em 1989 o que o grupo buscava:

Não acreditamos que seja possível chegar à compreensão do processo da análise documentária sem o devido aprendizado da dosagem adequada entre a lingüística do texto e a análise do discurso. Trata-se tanto da busca de uma homogeneidade entre conceitos provenientes de horizontes diversos (lingüísticos e lógicos, principalmente), como também de uma procura pelo ponto de equilíbrio entre a análise da frase e a análise do discurso, tentando extrair de ambas aquilo que, somado, levará a uma análise documentária eficaz (Smit, 1989, p. 6)

Atualmente o Grupo Temma é formado pelos pesquisadores Anna Maria Marques Cintra, João Batista Ernesto de Moraes, Johanna Wilhelmina Smit, José Augusto Chaves Guimarães, Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo, Mariângela Spotti Lopes Fujitta, Marilda Lopes Ginez de Lara, Nair Yumiko Kobashi e Vânia Mara Alves Lima.⁷

⁷ O Grupo TEMMA vem atuando na construção de conhecimentos relacionados à organização da informação. Inicialmente o grupo concentrou seus esforços na Análise Documentária, enfatizando os procedimentos que subjazem à atividade profissional da "representação do conteúdo". A elaboração de diferentes pesquisas permitiu diferenciar claramente, na temática do grupo, 3 eixos de ação: a) o processo da análise documentária, principalmente a indexação, enquanto procedimento de representação da informação contida em documentos e a elaboração de resumos; b) a função comunicacional dos produtos gerados pela análise documentária (resumos e índices); c) a construção de linguagens de organização e transferência de informação. O Grupo TEMMA vem diversificando o escopo de suas pesquisas, investindo particularmente nos estudos de terminologia aplicada à organização e transferência da informação; processos de leitura que sustentam a análise documentária e a reflexão acerca da linguagem de especialidade da Ciência da Informação. As pesquisas, inicialmente limitadas aos documentos textuais, passaram a incluir os documentos audiovisuais, arquivísticos e jurídicos. O Grupo TEMMA é reconhecido nacionalmente como o único grupo formalmente voltado para as pesquisas relacionadas à organização da informação: seus pesquisadores orientam na pós-graduação e atuam na graduação em temáticas relacionadas aos objetivos do Grupo e sua produção

Neste contexto, em pesquisa realizada por Mendonça (2000), é destacada as subáreas mais estudadas nos últimos 10 (dez) anos apontam para estudos da terminologia e análise documental com o objetivo de construção de vocabulários, o autor cria grupos temáticos de interseção entre a lingüística e as áreas conhecidas dos estudos da informação, inseridos na grande área da Organização do Conhecimento e Representação da Informação, sendo caracterizados por: fundamentos teóricos, sistemas de classificação, indexação e métodos, representação do conhecimento por linguagem e terminologia, classificação e indexação aplicadas, sistemas de classificação universal e tesouros, ambiente da organização do conhecimento.

Foram identificados 7 (sete) grupos temáticos que possuem, por sua vez, subgrupos, a saber: teórico, quantitativo, temático, aplicativo, ensino, tecnológico, normativo.

1 – ABORDAGEM TEXTUAL (TEÓRICO): 1.1 Abordagem geral e profunda dos aspectos da linguagem e da linguagem documentária; 1.2 A estruturação e a representação do conhecimento através de elementos da linguagem e da psicologia cognitiva; 1.3 Os parâmetros das áreas da documentação e da pesquisa; 1.4 As novas disciplinas que interagem no campo da ciência da informação.

2 – LINGÜÍSTICA E BIBLIOMETRIA (QUANTITATIVO): 2.1 A validade da Lei de Zipf⁸ na quantificação da informação.

3 – A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO, ABORDAGEM SEMÂNTICA, CONCEITUAL E TERMINOLÓGICA (TEMÁTICO): 3.1 A tradução do termo descritor e a temática do empréstimo lingüístico; 3.2 Questões e contribuições filosóficas na representação do conhecimento; 3.3 As relações e contribuições lexicográficas; 3.4 A estruturação de conceitos visando à recuperação da informação.

bibliográfica constitui bibliografia básica para os cursos de graduação e pós-graduação brasileiros e espanhóis. Intercâmbios vêm se desenvolvendo com pesquisadores portugueses (Universidade do Porto) e espanhóis (Universidade Autónoma de Madri, Salamanca e Carlos III).

⁸ Uma das principais leis da bibliometria. As leis de Zipf estão relacionadas com a frequência de ocorrência de palavras em um dado texto enriquecida pelo Ponto de Transição (T) de Goffman diretamente com a representação da informação, isto é, a indexação temática automática. Zipf observou que, num texto suficientemente longo, existia uma relação entre a frequência que uma dada palavra ocorria e sua posição na lista de palavras ordenadas segundo sua frequência de ocorrência. Essa lista era confeccionada, levando-se em conta a frequência decrescente de ocorrências. A posição nesta listada-se o nome de ordem de série (*rank*). Assim, a palavra de maior frequência de ocorrência tem ordem de série 1, a de segunda maior frequência de ocorrência, ordem de série 2 e, assim, sucessivamente

4 – O ESTUDO DA INDEXAÇÃO AUTOMÁTICA E DA LINGUAGEM NATURAL

(APLICATIVO): 4.1 As abordagens da indexação automática que estudam a aplicação operacional da estrutura de projetos; 4.2 A recuperação automática e o processamento eletrônico da informação em base de dados; 4.3 O uso do sintagma nominal no encadeamento da informação.

5 – AS RELAÇÕES CURRICULARES (ENSINO): 5.1 As relações curriculares da lingüística com a biblioteconomia, a documentação e a ciência da informação.

6 – AS TECNOLOGIAS DOS SISTEMAS ESPECIALISTAS E A INTELIGÊNCIA

ARTIFICIAL (TECNOLÓGICO): 6.1 Os sistemas especialistas e a temática da inteligência artificial para uso na recuperação da informação.

7 – A CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL E A LINGÜÍSTICA (NORMATIVO):

7.1 O atraso no desenvolvimento da CDU em relação ao campo lingüístico; 7.2 A ausência de normalização e o uso da linguagem nas tabelas de classificação.

Nos estudos aplicados no sentido de compreender o conteúdo dos documentos a serem analisados com fins de Análise Documental, para a recuperação da informação, as contribuições advindas da lingüística têm sido muito importantes.

Gardin (1974)⁹ *apud* Kobashi (1989)

considera a Análise Documentária como um tipo de análise semântica que se aproxima da análise de conteúdo do ponto de vista do objeto – textos a serem analisados, devendo-se chegar ainda à sua representação pela mediação de um sistema simbólico: uma metalinguagem. A análise documentária aproxima-se também da semiótica pela preocupação com a formulação de modelos de simbolização da linguagem.

A partir dos estudos de Gardin, do léxico documental, temos o marco para a lingüística no tratamento temática da informação. Para o autor existe uma aproximação da análise documentária com outros tipos de análises de conteúdo considerando sua característica de especificidade e caráter pragmático.

⁹ GARDIN, J. C. *Lês analyses de discours*. Neuchatel, Delachaux et Niestlé, 1974.

Kobashi (1989, p.50) sistematiza quais seriam as noções da Lingüística importantes para a análise documentária:

- a. Relações sintagmáticas e paradigmáticas: noções importantes para a organização de campos semânticos e estruturação de campos lexicais, tendo em vista a elaboração de linguagens documentárias.
- b. Distinção entre “linguagem”, “língua” e “fala”: noções importantes para a distinção entre linguagem natural e linguagem documentária.
- c. Estudos distribucionais e de ocorrência: importantes tendo em vista a elaboração de instrumentos de análise documentária.
- d. Gramática transformacional: a relação entre a estrutura gramatical e estruturas lógicas do pensamento permitem pensar em identificação sistemática de funções e enunciados, conceito importante para a realização automática da análise documentária.
- e. Gramática de casos: conceitos que permitem isolar universais lingüísticos e categorizá-los operacionalmente no processo de construção de linguagens documentárias.

Várias são as contribuições da Lingüística para a Análise Documental. A Lingüística textual tem colaborado grandemente por meio de esquemas formais dos diferentes tipos de texto para a prática da indexação

Segundo Koch (2004) diversas concepções de texto fundamentam os estudos em lingüística:

- 1) Texto como frase complexa ou signo lingüístico mais alto na hierarquia do sistema lingüístico – aqui apresentando uma concepção de base gramatical;
- 2) Texto como signo complexo – aqui apresentando uma concepção de base semiótica;
- 3) Texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas – aqui apresentado uma concepção de base semântica;

- 4) Texto como ato de fala complexo – aqui apresentando uma concepção de base pragmática;
- 5) Texto como discurso “congelado”, como produto acabado de uma ação discursiva – aqui apresentando uma concepção de base discursiva;
- 6) Texto como meio específico de realização da comunicação verbal – aqui apresentando uma concepção de base comunicativa;
- 7) Texto como processo que mobiliza operações e processos cognitivos – aqui apresentando uma concepção de base cognitivista;
- 8) Texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos – aqui apresentando uma concepção sócio-cognitiva-interacional.

A lingüística textual concentra sua atenção no processo comunicativo estabelecido entre o autor, o leitor e o texto em um determinado contexto. A interação entre eles é que define a textualidade. A textualidade é o conjunto de características que fazem com que um texto seja considerado como tal, ou seja, tenha sentido. Segundo Beaugrande e Dressler (1981), dois blocos de 7 (sete) fatores são responsáveis pela textualidade em qualquer discurso:

FATORES SEMÂNTICO/FORMAL	Coerência
	Coesão
FATORES PRAGMÁTICOS	Intencionalidade
	Aceitabilidade
	Situcionabilidade
	Informatividade
	Intertextualidade

A lingüística textual surgiu na Europa Continental, sendo especialmente valorizada na Alemanha e Holanda. Começou a se desenvolver na Europa a partir do final dos anos 1960, principalmente entre os anglo-germânicos, dedicando-se a

estudar os princípios constitutivos do texto e os fatores envolvidos em sua produção e recepção. Tinha como preocupação a descrição dos fenômenos sintático-semânticos que ocorriam entre enunciados ou seqüência de enunciados. Nesse momento, ainda não se faz distinção entre os fenômenos ligados à coesão, e os ligados à coerência, sendo chamada de “análise transfrástica” (KOCK, 2002). Também, na mesma época, fortaleceram os estudos voltados para fenômenos que ultrapassam os limites da frase, como o texto e o discurso, a enunciação, a interlocução e suas condições de produção.

A análise do Discurso, as teorias da enunciação, a Pragmática, a Análise da Conversação, os estudos de língua falada, também contribuíram para o conceito de textualidade, questões que antes não eram consideradas dentro do campo lingüístico.

Segundo Koch (2004), quando a lingüística textual surgiu, o conceito de texto girava em torno da análise transfrástica e a construção de gramáticas do texto, onde o objeto de estudo era a coesão e a coerência consideradas como qualidades e propriedades do texto. Mas, na década de 1980, na Europa e também no Brasil, o conceito de coerência é ampliado. Pesquisas são realizadas sobre coesão e coerência textuais. Outros fatores (alguns aqui já enunciados) passam a ser objetos das pesquisas sobre o texto (informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade, contextualização, focalização, consistência e relevância).

Na década de 1990 uma tendência sociocognitivista envolve as pesquisas dando uma nova perspectiva para os estudos do texto, tais como a referenciação, inferenciação, acessamento ao conhecimento prévio. Nesse momento retorna a questão dos gêneros literários dentro do eixo das pesquisas na perspectiva de Bakhtin.

A lingüística textual “trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas” (KOCH, 2002, p.11), preservando a organização linear (coesão) e considerando a organização reticulada (aspectos semânticos e funções pragmáticas realizados pela coerência).

O objeto de investigação da lingüística textual é o texto entendido como “unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos lingüísticos que só podem ser explicados no interior do texto” (KOCH, 2002, p.11).

Entre os autores que defendem as principais vertentes da lingüística textual Van Dijk é um dos mais pertinentes porque trabalha com as macroestruturas textuais, produzindo resumos, estudando as superestruturas, a tipologia dos textos, e dedicando os seus estudos a Análise Crítica do Discurso, ciência do texto, pragmática da comunicação literária.

No capítulo a seguir serão apresentadas mais questões envolvendo a lingüística textual, bem como as tipologias textuais.

4. LINGÜÍSTICA TEXTUAL E TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Interpretar um texto não é dar-lhe um sentido (mais ou menos esclarecido, mais ou menos livre), é, ao contrário, observar de que plural ele é feito.

ROLAND BARTHES

A lingüística textual “trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas” (KOCH, 2002, p.11), preservando a organização linear (coesão) e considerando a organização reticulada (aspectos semânticos e funções pragmáticas realizados pela coerência).

O objeto de investigação da lingüística textual é o texto entendido como “unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos lingüísticos que só podem ser explicados no interior do texto” (KOCH, 2002, p. 1).

Entre os autores que trabalham com a lingüística textual temos Van Dijk que direciona seus estudos às macroestruturas textuais, produzindo resumos, estudando as superestruturas, a tipologia dos textos, e dedicando os seus estudos a Análise Crítica do Discurso, ciência do texto, pragmática da comunicação literária. Beaugrande e Dressler se dedicam ao estudo dos principais critérios ou padrões de textualidade e o processamento cognitivo do texto. Givón, bem como outros autores que trabalham na linha americana de Análise do Discurso, estuda mais as formas de construção lingüística do texto enquanto seqüência de frases, também com o processamento cognitivo do texto e com o estudo dos mecanismos e os modelos cognitivos envolvidos no processamento. Em Weinrich, vemos a construção de uma macrossintaxe do discurso, o texto é uma seqüência linear de lexemas e morfemas que se condicionam reciprocamente constituindo o contexto.

Inserido nos estudos da lingüística textual utilizaremos os elementos da semântica discursiva para potencializar a interpretação dos textos, que segundo Greimas citado por Fiorin (1999, p.13) deve ser: gerativa; sintagmática e geral, e que serão mais bem explicados no próximo capítulo.

Segundo Koch (2004)

é por meio dos textos que o ser humano consegue organizar cognitivamente o mundo. Devido a isto, os textos também são

considerados excelentes meios de intercomunicação, produção, preservação e transmissão do saber. [...] Não apenas tornam o conhecimento visível, mas, na realidade, sociocognitivamente existente.

A palavra texto significa “tecido, entrelaçado”, sua proveniência é do latim *textum*. Etimologicamente, provém da ação de tecer, entrelaçar unidades e partes para formar um todo inter-relacionado (INFANTE, 2001, p. 90)

O texto é constituído de uma base composta por uma série de proposições que objetivam a seqüência textual que pode ser explícita ou implícita. A base explícita do texto “é a seqüência de proposições das que uma parte fica implícita ao ‘pronunciá-las’ como seqüência oracional”, já a base implícita do texto “se manifesta em sua totalidade, mediante a omissão das proposições ‘conhecidas’, diretamente como ‘texto’, por isso, uma base explícita do texto é tão só uma construção teórica e acaso também uma reconstrução de processos de interpretação cognitiva”. (VAN DIJK, 1997)

Dois dados, conforme explica Fiorin e Savioli (2003), são importantes para a leitura de um texto:

- a) num texto, o significado de uma parte não é autônomo, mas depende das outras com que se relaciona;
- b) o significado global de um texto não é o resultado de mera soma de suas partes, mas de uma certa combinação geradora de sentidos.

Ou seja, “num texto o sentido de cada parte é definido pela relação que mantém com as demais constituintes do todo; o sentido do todo não é mera soma das partes, mas é dado pelas múltiplas relações que se estabelecem entre ela” (FIORIN; SAVIOLLI, p. 14)

A primeira propriedade de um texto seria a coerência de sentido, ou seja, as frases estão relacionadas entre si e o sentido de uma frase depende do sentido das demais com que se relaciona. O contexto é fundamental, pois, uma frase pode ter sentidos diferentes dependendo do local em que está inserida. Segundo Fiorin e Saviolli (2003, p.14) o contexto é a unidade maior em que uma unidade menor está inserida. A frase (unidade menor) serve de contexto para a palavra; o texto, para a frase, etc. O contexto pode ser explícito, quando é expresso com palavras, ou implícito, quando está embutido na situação em que o texto é produzido.

O texto é um todo organizado de sentido onde existem partes solidárias. Para tanto, existem os fatores que garantem que as frases não sejam um amontoado desorganizado. Os fatores são a coerência e a ligação das frases por certos elementos que recuperam as passagens já apresentadas.

A base da coerência é a continuidade de sentido, a ausência de discrepâncias. O segundo fator, que garante a ligação pela utilização de conectivos não é tão importante, pois mesmo sem a presença deles um conjunto de frases podem ser coerentes.

A segunda característica do texto é a delimitação “por dois brancos”. Ele sempre será delimitado por dois espaços, chamados de dois brancos, um quando começa o texto, e outro depois quando termina. “É o espaço em branco no papel antes do início e depois do fim do texto” (FIORIN; SAVIOLLI, 2003, p. 17).

A terceira característica é que todo texto tem um caráter histórico, não no sentido de narrar fatos históricos, mas por revelarem ideais e concepções de um grupo social em uma determinada época. Seu autor pertence a um grupo social num tempo e num espaço e, conseqüentemente, escreve sobre as idéias, anseios, temores, expectativas desse tempo e grupo social. Por isso, é necessário compreender as concepções na época em que o texto foi produzido para não olhá-lo de uma perspectiva errônea.

De acordo com Tati (2002)

todo texto é um tecido, uma estrutura construída de tal modo que as frases não têm significado autônomo, e, que num texto o sentido de uma frase é dado pela correlação que ela mantém com as demais, acrescenta ainda, que todo o texto admite três planos distintos em sua estrutura.

Esses três planos seriam:

- **Estrutura superficial ou discursiva:** Esta fase seria onde afloram os significados mais concretos e diversificados. É nesse nível que se instalam no texto o narrador, os personagens, os cenários, o tempo e as ações concretas.
- **Estrutura intermediária ou narrativa:** Nesta fase, definem-se basicamente os valores com que os diferentes sujeitos entram em acordo ou desacordo.
- **Estrutura profunda:** Nesta fase, ocorrem os significados mais abstratos e mais simples. É nesse nível que se podem postular dois significados abstratos

que se opõem entre si e garantem a unidade do texto inteiro. Por exemplo: vida versus morte, natureza versus civilização, unicidade versus multiplicidade. Cada um dos pólos opostos da estrutura profunda vem investido de uma apreciação valorativa. A valorização é dada pelo texto, e não cabe ao leitor alterá-la.

Os fatores semântico, formal e pragmáticos de textualidade e processamento cognitivo seriam responsáveis pelos traços semânticos que estabeleceriam a leitura que deve ser feita no texto.

4.1 TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Pode-se observar que os textos apresentam diferentes formas de estrutura. Sendo os textos diferentes, também são diferentes os modos de interação e interlocução, o que contribui fundamentalmente para o desenvolvimento da competência comunicativa. Cada tipologia textual é apropriada para um tipo de interação específica (TRAVAGLIA, 2002).

A tipologia textual seria a forma de instaurar um modo de interação, de interlocução, segundo perspectivas que podem variar. Elas podem estar ligadas ao produtor do texto em relação ao objeto, ou ao fazer e acontecer, ou conhecer e saber, e também, à inserção destes no tempo e/ou no espaço. Ou seja, dependendo da perspectiva que o autor apresentar gerará um tipo de texto. As classificações de tipologias textuais não são unívocas entre os pesquisadores. No entanto, os quatro tipos mais conhecidos são: narração, argumentação, exposição e descrição.

A narração é a modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Refere-se a objetos do mundo real. Há uma relação de anterioridade e posterioridade. O tempo verbal predominante é o passado. Estamos cercados de narrações desde que nos contam histórias infantis como Chapeuzinho Vermelho ou A Bela Adormecida, até as picantes piadas do cotidiano. A descrição é tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal ou um objeto. A classe de palavras mais utilizada nessa produção é o adjetivo, por sua função caracterizadora. Numa abordagem mais abstrata, pode-se até descrever sensações ou sentimentos. Não há relação de anterioridade e posterioridade. A argumentação é o estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de

idéias. Tem por base a argumentação, apresentada de forma lógica e coerente a fim de defender um ponto de vista. Presença de estrutura básica: apresentação da idéia principal, argumentos, conclusão. Utiliza verbos na 1ª e 3ª pessoas do presente do indicativo. E a exposição apresenta informações sobre assuntos, expõe idéias; explica, avalia, reflete. Sua estrutura básica é formada por: idéia principal, desenvolvimento, conclusão. Faz uso de linguagem clara, objetiva e impessoal. A maioria dos verbos está empregada no presente do indicativo.

Para o desenvolvimento deste trabalho abordaremos somente a tipologia textual narrativa.

4.2 NARRAÇÃO

Para Fiorin e Savioli (2003) antes de definir o que é narração se faz necessário distinguir narrativa de narração.

A narratividade é uma mudança de estado operada pela ação de uma personagem, sendo definido por uma mudança de situação, e isso acontece mesmo quando a personagem não aparece no texto.

Existem dois tipos de mudança. O primeiro é marcado quando uma personagem passa a ter alguma coisa que não tinha, por exemplo, um bem material, uma posição, um cargo. O segundo quando uma personagem deixa de ter alguma coisa que possuía, por exemplo, era rica e ficou pobre.

Estes são dois exemplos dos tipos básicos de narratividade: de aquisição e de perda.

Mas o texto narrativo não é marcado somente por mudanças. Nele ocorrem várias transformações. Tipicamente a narrativa apresenta quatro mudanças de situações, sejam elas implícitas ou explicitamente, e podem ser de aquisição ou perda.

Vejamos a seguir essas quatro mudanças:

- a) uma em que uma personagem passa a ter um querer ou um dever, um desejo ou uma necessidade de fazer algo: quando alguém diz *me deu uma vontade enorme de tomar uma cerveja*, temos a primeira transformação, pois passou de um não querer a um querer;

- b) uma em que ela adquire um saber e um poder, isto é, a competência necessária para fazer algo: se quem passou a ter vontade de tomar uma cerveja vai pegar dinheiro para comprá-la, passou de um estado de não poder tomar a cerveja para o de poder tomá-la;
- c) uma que é a mudança principal da narrativa, a realização daquilo que se quer ou se deve fazer: quando quem quer tomar a cerveja a compra e a bebe, passamos da situação de não ter o prazer gustativo proporcionado pela bebida para a situação de tê-lo;
- d) uma em que se constata que a transformação principal ocorreu e em que se podem atribuir prêmios ou castigos às personagens: suponhamos que a personagem que tomou a cerveja seja uma criança e que o pai, tendo constatado que ele bebeu uma bebida alcoólica, ou seja, tendo passado da situação de não saber para a de saber, aplique um castigo a ela; teremos uma transformação do estado de não-castigado para o de castigado. Geralmente, os prêmios são para os bons, e os castigos, para os maus, mas há narrativas em que o bem é castigado, e o mal, premiado.

Essas quatro mudanças estão presentes em todas as narrativas, mesmo quando não são mencionadas, pois existe uma ordem lógica de apresentação dele, ou seja, elas se pressupõem.

As narrativas são simulacros das ações do homem no mundo, sendo o estudo da narrativa uma teoria da ação realizada em relação às coisas ou aos seres humanos (FIORION; SAVIOLI, 2003).

As seqüências narrativas coordenam-se umas às outras e em uma narrativa longa várias seqüências podem ser apresentadas.

A narrativa é diferente da narração. Pode ser um componente existente em textos que não são narrações.

A narrativa possui quatro características básicas:

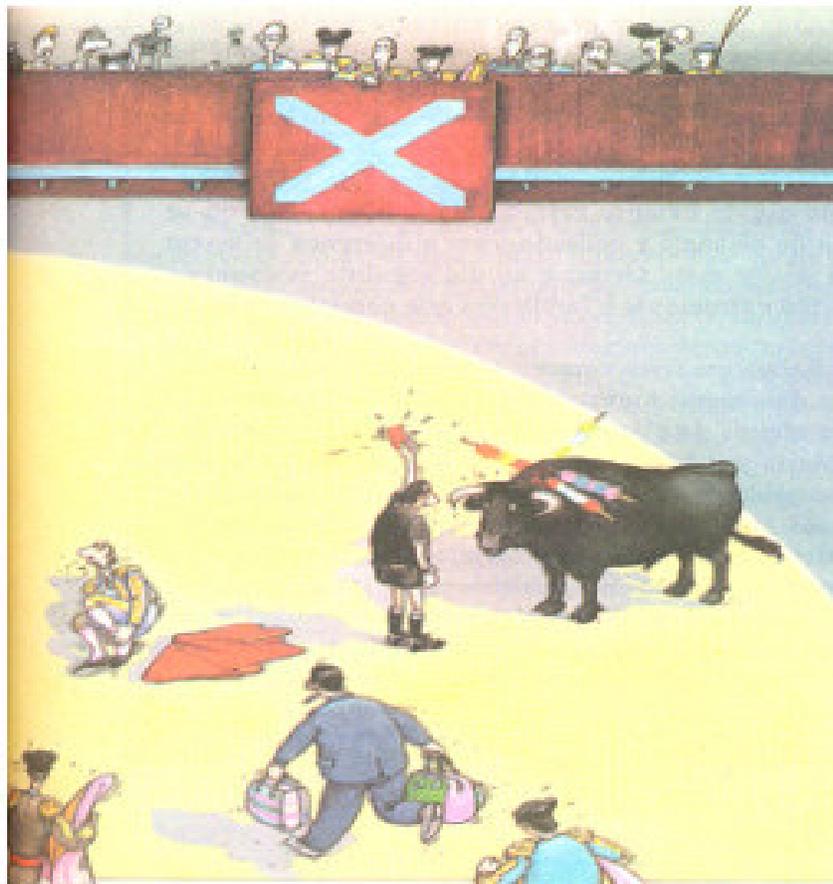
- 1) é um conjunto de transformação de situações referentes a personagens determinadas, mesmo que sejam coletivas (por exemplo, o povo brasileiro), ou a coisas particulares, num tempo preciso e num espaço bem configurado;

- 2) como a narração opera com personagens, situações, tempos e espaços bem determinados, trabalha predominantemente com termos concretos, sendo, portanto, um texto figurativo¹⁰;
- 3) no interior do texto narrativo, há sempre uma progressão temporal entre os acontecimentos relatados, isto é, conta ele eventos concomitantes, anteriores ou posteriores uns aos outros (devemos observar, no entanto, que o narrado pode dispor os acontecimentos no texto na ordem em que quiser, o concomitante e o posterior, pode começar a contar uma história e, depois de dizer, por exemplo, *antes disso*, narrar eventos que sucederam antes. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, começa-se a narração pelo óbito do narrador e, depois, vêm seu nascimento, sua infância, a vida adulta etc);
- 4) o ato de narrar ocorre, por definição, no presente, dado que, como vimos, o presente indica uma concomitância em relação ao momento da fala (no caso, fala do narrado), ele é posterior à história contada, que, por conseguinte, é anterior a ele; por isso, o subsistema do pretérito (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito) é o conjunto de tempos por excelência da narração.

Essas quatro características, situações concretas, figuratividade, relações de posterioridade, concomitância e anterioridade entre os episódios relatados, e utilização preferencial do subsistema temporal do passado, devem estar conjuntamente presentes em um texto para que ele seja uma narração. A ausência de uma delas descaracteriza o texto como narração.

A seguir um exemplo de texto visual que contém as quatro características:

¹⁰ Veremos no capítulo sete a definição de texto figurativo



Fonte: Cartum de Roger Blachon

Este *Cartum* de Roger Blachon, segundo Fiorin e Platão (2003), é um exemplo de seqüência narrativa concentrada em uma só imagem. O toureiro enfrentando o touro, o touro chifrando-o na perna, o toureiro caindo, a entrada do homem para socorrer o toureiro e do juiz para repreender o touro. Encontramos neste *Cartum* ações pressupostas pela anterioridade quando imaginamos que o touro chifrou o toureiro; ações projetivas, o touro sendo saindo da arena ao ser expulso; e as reações, ou a indiferença da platéia.

4.3 CONTO

O conto compõe umas das formas narrativas de menor extensão. Tem como características a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou efeito único são total.

Para a análise dessas obras de ficção faz-se necessário considerar os seguintes elementos: a ação, o tempo, as personagens, o ponto de vista e os recursos narrativos.

O conto, por suas características fundamentais, parece acolher ao mesmo tempo a intensidade e a densidade. Constituindo uma célula dramática, com unidade de tempo, lugar e ação, é natural que o conto aborreça o ritmo da câmara-lenta e prefira a intensidade implícita em todo flagrante tomado da realidade cotidiana. Dir-se-ia que, de modo genérico, corresponde a uma cena ou a uma "tomada". Entretanto, a pressa com que ela se oferece ao escritor e ao leitor não significa ausência absoluta de densidade. Pelo contrário, graças a ser uma espécie de alargamento ao microscópio de um pormenor apresentado pelo real de todos os dias, o conto se admite a condensação de outros aspectos desse mesmo real. Como se, na verdade, ele fosse o minúsculo espelho em que se refletisse uma legião de minúcias dramáticas e psicológicas. Entenda-se, porém, que a densidade possível no conto não comporta maior análise ou sondagem psicológica, visto impedi-lo a própria condição de 'instantâneo' fotográfico do real (MOISÉS, 1970, p. 98).

A intensidade e a densidade são componentes da ação. Por ação entende-se a soma de gestos e atos que compõem o enredo, o trecho ou a história. Segundo Moisés (1970, p.94-95):

- intensidade: é o volume, a quantidade, a frequência da ação, ou melhor, dos ingredientes que compõem a ação. Faz parte da intensidade a rapidez com que ocorrem as cenas, diz respeito ao número de componentes da ação e a velocidade com que surgem no *écran* narrativo, mas uma ação pode ser intensa apenas com poucos elementos;
- densidade: é a altura ou/e a condensação de tais ingredientes. Faz parte da densidade a lentidão, refere-se ao aspecto compacto assumido pelos componentes da ação, e à vagareza com que se desdobram.

Especificamente, no conto, a densidade é atmosférica ou poética, que é o somatório do acúmulo compacto de minunciosidades. "Tudo se passa como se, no aparente gratuito das narrativas, ou no ar de 'histórias de exemplo', a densidade se concentrasse na moral da história ou na realidade psicológica ou ideológica que o escritor alcança esclarecer com sua intuição"(MOISÉS, 1979, p.98)

Outro aspecto considerado muito importante na prosa de ficção é o tempo. Para ele são direcionados todos os integrantes da massa ficcional, o enredo até a linguagem.

Criando o tempo, o homem nutre a sensação de superar a brevidade da existência, e de identificar-se, demiurgicamente, com o tempo cósmico, que permanece para sempre, indiferente á finitude da vida humana: gerando o tempo, o ficcionista alimenta a ilusão de imobilizá-lo ou de transcendê-lo. Basta isso para nos alertar acerca da fundamental relevância da categoria 'tempo' nas obras de ficção (MOISES, 1970, p. 102)

Tudo na obra de ficção está subordinado ao fator tempo. Ele pode ser classificado em cronológico (ou histórico) ou psicológico (metafísico).

O conto é marcado pelo tempo cronológico, caracterizado pela marcação das horas, minuto, segundos, no relógio de acordo com o tempo físico que conhecemos.

O espaço é outro elemento que deve ser considerado na análise de obras de ficção. Ele é o local, cidade, lugar geográfico onde ocorre na narração. Mas para o conto, o espaço conta pouco, pois a geografia tem que estar diretamente relacionada com o drama da situação, conforme reitera Moisés: “No conto, a circunstância conta pouco, menos ainda no romance introspectivo, quer o enredo se desenvolva na cidade, quer no perímetro rural, o que facilmente se explica pelo fato da tônica recair sobre o sujeito da ação, e não sobre a paisagem” (MOISÉS, 1970, p. 108).

Quanto às personagens, teriam lugar de relevo na prosa de ficção. Conforma características consideradas básicas, são ordenadas em dois grupos: personagens redondas e personagens planas (MOISÉS, 1970, p.111)

- Personagens planas: bidimensionais, dotadas de altura e largura, mas não possuem profundidade (um só defeito ou uma só qualidade) – geram os tipos e caricaturas;
- Personagens redondas: mostram a dimensão que falta às planas possuindo complexidade de qualidades ou defeitos – envolvem os caracteres.

O conto é marcado por personagens de características planas.

O ponto de vista é o que se conhece por foco narrativo, ou seja, a posição que se coloca o escritor para contar a história, a pessoa verbal desenvolve a narração.

E por fim, os recursos narrativos que completa a análise de uma obra de ficção: os diálogos, descrição, narração e dissertação.

Segundo Propp (1984) o conto pode ser classificado em unidades estruturais (constantes, variantes, sistemas, fontes, funções, assuntos), e dividido em duas fases: a primeira (religiosa) e uma segunda (da história do conto).

O conto por sua brevidade foi considerado, por alguns escritores, como mais difícil de escrever do que os romances.

Para muitos críticos a condensação dos contos é uma característica essencial. Para Massaud Moisés (1995, p.20) o conto “trata-se de uma narrativa unívoca, univalente. Constitui uma unidade dramática, uma célula dramática. Portanto, gravita em torno de um só conflito, um só drama, uma só ação: unidade de ação”.

Para Moisés (1995) em português a palavra conto tem vários significados, dentre eles, a acepção de história, narração, historieta, fábula, caso, é nesse sentido que é usada na literatura. Sua origem nessa acepção seria da palavra *computus* – (latim), com o sentido “cálculo”, “conto”. Ou, como consideram alguns, sua origem estaria na palavra *commentum* – (latim), com significado de “invenção”, “ficção”.

Para o autor, a origem do conto é desconhecida, mas por características estruturais pode ser considerado a verdadeira matriz das demais formas literárias, principalmente a historiografia e a prosa de ficção. Nos tempos modernos passou por várias fases, caminhando às vezes na direção de crônica ou poema.

O conto é constituído de uma unidade dramática: um só conflito, um só drama, uma só ação. É uma síntese dramática onde há unidade de ação, espaço, tempo e tom. O lugar físico sempre é dinâmico. O tempo é de período curto, caracterizado sempre por horas ou dias, ou não será um conto. Não possui pormenores secundários, pois vai direto ao ponto, com muita objetividade. Quer provocar no leitor uma só impressão: medo, simpatia, piedade, pavor, horror, riso, etc. Cria situações de conflito onde o leitor pode se identificar, sendo seus personagens instrumentos de ação.

O conto é composto por poucas personagens, mas nunca por uma só. São estáticas, imóveis no tempo, no espaço e na personalidade. Massaud (1995, p.127) considera que a personagem do conto “figura-se uma tela em que se fixa plasticamente o apogeu de uma situação humana”.

Sua estrutura narrativa é marcada pela terceira pessoa, usando somente as palavras estritamente necessárias que se voltam para o objetivo, querendo que o leitor faça uma ponte metafórica direta com a realidade.

Necessita da palavra como signo de sentimento, pois sem o diálogo não há situações de discórdias, maledicências, desavenças, brigas, sarcasmo, ou seja, o tom eminentemente dramático do conto depende da ação e do conflito engendrados no diálogo. O diálogo é a base expressiva do conto.

Moisés (1995) apresenta quatro tipos de dialógos:

- direto (discurso direto): as personagens falam diretamente;
- indireto (discurso indireto): o contista resume a fala em forma narrativa, sem destacar o diálogo;
- indireto livre (discurso indireto livre): a fusão entre a terceira e a primeira pessoa narrativa, entre autor e personagem, o interlocutor é híbrido;
- diálogo (ou monólogo interior): acontece dentro, no mundo psíquico da personagem; que fala consigo mesma, já que palavras possuem níveis de consciência antes de serem deliberadamente faladas.

A situação de conflito no conto mora nas personagens, por isso são diferenciadas pelo contorno dramático ou psicológico. A fisionomia, a vestimenta, o desenho das figuras não são importantes de serem descritos, o que importa é o contorno dramático. Sua trama é sempre linear e objetiva. Mas contém um mistério, uma questão dramática que tem que ser desfeita.

A grande força do conto, e também a grande dificuldade dos contistas, está no jogo narrativo para prender a atenção do leitor até o final do conto. A regra geral é existir um enigma fazendo do final uma surpresa que deixa uma nuvem de meditação ou indignação perante a nova situação.

Para o foco narrativo, Moisés (1995) menciona a Classificação de Cleanth Brooks e Roberto Penn Warren:

- 1- personagem principal conta sua história: onde a primeira pessoa do singular é um limitador pois pode aparentar juiz em causa própria; dá a ilusão da preventividade;
- 2- uma personagem secundária conta a história da personagem central: tem foco mais dinâmico entre o leitor e o conteúdo da narrativa, pois quem conta foi testemunha ou é;
- 3- o escritor, analítico ou onisciente conta a história: o escritor é o demiurgo, acompanha as personagens a todos os lugares, penetra a intimidade da

personagem, devassa seu psicológico, caminha pelos meandros de seu inconsciente e subconsciente;

- 4- o escritor conta a história como observador: amplia a faixa de observação, suspende ou diminui a penetração psicológica em favor da ação, do conflito, tornando a narração mais linear, menos complexa.

Os contos poderiam ser classificados, segundo Carl H. Grabo citado por Moisés (1995) em:

- a) histórias de ação: o mais comum, predomina a aventura, é linear e menos importante que os outros, é o mais freqüente;
- b) histórias de personagem: menos comum, conto de caráter;
- c) histórias de cenário ou atmosfera: raro, a tônica dramática está no cenário ou ambiente que se transforma no herói do conto;
- d) história de idéia: trata-se de um conto em que a idéia emerge identificada com a ação e as personagens, a idéia de transmitir ocupa o lugar preponderante, onde a atenção do leitor fica concentrada;
- e) história de efeitos emocionais: relacionado com a emoção, geralmente mesclado com a idéia, o enredo é secundário.

Essas seriam as características fundamentais presentes nos contos onde o cuidado do contista está em prender a atenção do leitor no início, nas primeiras linhas, pois dessas dependem a decisão do leitor em terminar ou não a leitura.

5. ANÁLISE DOCUMENTAL DE TEXTOS NARRATIVOS

A representação do conteúdo temático dos documentos por meio da Análise Documental, e suas operações de análise, síntese e representação, tem como objetivo principal à recuperação da informação por parte do usuário.

Gardin (1974) *apud* Kobashi (1994, p.15) diz que as informações contidas em um documento são submetidas a um “conjunto de procedimentos utilizados para exprimir o conteúdo dos documentos científicos sob formas destinadas a facilitar a sua localização ou consulta”.

Tanto para a classificação, indexação e elaboração de resumos, a identificação e seleção de conceitos é um processo importante, pois é nele que o assunto (tematicidade) do documento será extraído através de análise conceitual.

A indexação é considerada por Chaumier (1988, p.63) como a parte mais importante da análise documentária pois condiciona o valor de um sistema documentário.

Chaumier (1988) *apud* UNISST¹¹ define a indexação como a “operação que consiste em escrever e caracterizar um documento, com o auxílio da representação dos conceitos nela contidos”.

Vários autores da área de Biblioteconomia e Documentação propuseram trabalhos de estudos teóricos, para o estabelecimento do assunto dos documentos. Citamos alguns autores da síntese evolutiva elaborada por Fujita (2003): J. Kaiser (1911); S. R. Ranganathan (1933); E. J. Coates (1960); J. W. Metcalfe (1959); M. F. Lynch (1973); J. E. L. Farradane (1977); POSPI criado por Neelameghan e Gopinath (1975); T. C. Craven (1978); D. Austin (1974); Tálamo (1987); Kobashi (1994).

Entretanto, aproximadamente há duas décadas, a análise do conteúdo do documento vem sendo objeto de estudos na área de tratamento da informação. Segundo Moraes e Guimarães (2006, p.4)

no âmbito dos estudos de tematicidade, que os mesmos têm, via de regra, voltado sua atenção para o texto científico, no mais das vezes considerado como paradigma para estudos de análise documental. No entanto, tal abordagem aplica-se a outros universos documentais

¹¹ UNISIT. Príncipes d'indexation. Paris, UNESCO, 1975,

A maioria dos estudos teóricos nesse sentido referem-se a documentos técnico-científicos, verificamos e apontamos como problema as obras de ficção não possuírem ferramentas de análise de assunto adequadas devido à ausência de procedimentos metodológicos que contribuam efetivamente para o tratamento desse tipo de documento para o estabelecimento da tematicidade, interferindo diretamente na recuperação dessa informação. Esta situação acentua-se por esse tipo de documento possuir caráter literário e ficcional distanciando-se das características técnico-científicas dos livros didáticos e periódicos existentes em um sistema de informação.

Sabemos que a codificação de um conteúdo informacional deve representar condensadamente o mesmo, a fim de facilitar a circulação das informações, e que

o produto desta representação deve manter com o texto original uma relação de similaridade, isto é, deve ser equivalente ao texto original do ponto de vista do conteúdo informacional, permitindo que o sentido do texto original, construído em Linguagem Natural, e que remete a contextos e circunstâncias determinados, sejam convertidos em uma Linguagem Documentária (KOBASHI, 1994)

Dependendo do nível de descrição do conteúdo a Análise Documental irá produzir resultados diferentes quanto ao nível de condensação, realizando a classificação, a indexação e a elaboração de resumos.

Importantes contribuições Moraes, Guimarães e Guarido (2007) trazem-nos a esse respeito esboçando acerca das bases epistemológicas e perspectivas metodológicas da análise documental do conteúdo de textos narrativos.

Em perspectiva histórica, os autores explicam que a expressão análise documental¹² carrega os conceitos de análise e de documento. Análise porque está ligada a decomposição do conteúdo informacional em seus elementos constitutivos; e documento porque é a informação registrada.

Dependendo da concepção de análise documental a identificação, extração e representação da informação podem apresentar uma dimensão de forma ou de conteúdo, ou seja, forma quando está ligada ao processo de descrição bibliográfica, conhecida como catalogação, tendo como objetivo a criação de registros; e conteúdo quando está ligada aos processos de análise e descrição dos aspectos intrínsecos do documento conhecido como tratamento temático da informação.

¹² Expressão marcada pelo desenvolvimento teórico nas linhas francesa, espanhola e brasileira.

Segundo os autores:

Em suma, pode-se dizer que a área de análise documental de conteúdo, materializa-se por meio de um conjunto de procedimentos de natureza analítico-sintética, envolvendo os processos de análise do conteúdo temático dos documentos e sua síntese, por meio da condensação ou da representação em linguagens documentárias, com o objetivo de garantir uma recuperação rápida e precisa pelo usuário ou cliente.

Dez elementos teriam destaque nessa concepção: os processos, a análise, o conteúdo temático, os documentos, a condensação, a representação, as linguagens documentárias, a recuperação da informação, a rapidez, a precisão.

O tratamento temático da informação teria como base epistemológica três linhas teóricas construídas sobre três óticas: *a subject cataloguing*, *a indexing* e *a analyse documentaire*. Sendo desenvolvidas em partes geograficamente distantes do ponto de vista de localização, ou seja, sofrendo influências bem diferentes.

Essas linhas teóricas foram objeto de abordagem no texto narrativo por Moraes, Guimarães e Guarido¹³ a parti do que se pode traçar o seguinte quadro:

<i>SUBJECT CATALOGUING</i>	<i>INDEXING</i>	<i>ANALYSE DOCUMENTAIRE.</i>
Orientação: predominante norte-americana	Orientação: predominantemente inglesa	Orientação: predominantemente francesa com reflexões na área científica da Espanha e do Brasil.
Influenciada pelos princípios de catalogação de Cutter e pelos cabeçalhos de assunto da Library of Congress, tendo ênfase no catálogo, sendo esse produto do tratamento da informação em Bibliotecas. Tendo como autores de significativa contribuição Kaiser, Coates, Hope Olson, Sanford Berman.	Influenciada pelos trabalhos do Classification Research Group. Os produtos do tratamento temático da informação são índices que decorrentes da utilização de linguagens de indexação, como os tesouros. Tem preocupação de natureza mais teórica sobre a construção das linguagens. Tendo como autores de significativa contribuição Foskett, Austin, Farradane, Metcalfe, Aichinson, Gilchrist e Lancaster	Foco centralizador é o tratamento temático em si, ou seja, a explicitação dos procedimentos voltados para a identificação e seleção de conceitos para posterior representação e geração de produtos. Tem interface com a Lógica, Terminologia, e especialmente com a Lingüística. Tem como diferencial a preocupação da busca de dimensão metodológica para a área onde a definição e explicitação de procedimentos deve preceder primordialmente a questão das linguagens de indexação ou a geração de produtos. Tendo como autores pioneiros: Coyaud e Gardin.
Ênfase: Catálogo	Ênfase: índices	Ênfase: dimensão metodológica

¹³ MORAES, J. B. E. ; GUIMARÃES, J.A.C. ; GUARIDO, M. D.M. . Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. In: Francisco Javier García Marco (Org.). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación en entorno digital**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007, p. 93-100.

A terceira orientação é muito pertinente para esse trabalho, pois o objetivo do mesmo é a contribuição para o arcabouço teórico e metodológico do tratamento temático de obras ficcionais, buscando quais os procedimentos mais adequados para a identificação e seleção de conceitos na perspectiva da lingüística, especificamente da semântica discursiva. Levando em consideração que os procedimentos metodológicos que são aplicados ao texto científico não foram construídos de forma a contemplar os textos de narração.

Dentre as diversas discussões sobre as tipologias textuais e os diversos autores, é importante esclarecer que essa pesquisa tem como norteador para a análise textual a proposta de Van Dijk (1977; 1978). O autor trabalha com a noção de superestrutura que seriam as estruturas globais responsáveis, independentemente do conteúdo, pela caracterização do tipo do texto. Os textos se adaptariam a esses esquemas formais que são adquiridos culturalmente. Segundo essa noção, esquemas prévios devem ser seguidos para a construção de um texto e, os mesmos fazem com que o leitor tenha a compreensão no ato da leitura. Seriam esses esquemas que caracterizariam a tipologia do texto.

Van Dijk (1989) explica que

subjacentes às informações lingüísticas da estrutura de superfície existem macroestruturas de organização em termos de categorias que funcionam como esquemas (frames) organizacionais armazenados na memória. Através desses esquemas, torna-se possível à reintegração da informação nova à prévia e a reformulação de hipóteses. Constitui a forma lógica de um texto, o nível cognitivo. É o nível do conteúdo, dos aspectos semânticos, nos quais tema e tópico definem a representação do texto.

No nível superficial é onde acontece o processamento da organização da estrutura lingüística, onde se localizam as microestruturas (estrutura local de um texto) compondo as proposições básicas do texto que proporcionam, por meio de suas relações, a coerência do texto. A coesão é definida pela relação das estratégias e processos sintáticos entre as proposições que estabelecem, também, a tessitura do texto.

Segundo Fávero e Koch (1988), citados por Moraes, Guimarães e Guarido (2007) três seriam os critérios para a verificação de uma tipologia textual, que oferecem subsídios para a classificação dos textos em:

CLASSIFICAÇÃO TEXTUAL	CRITÉRIOS / DIMENSÕES
• Pragmática (macroatos de fala e atualização em situações comunicativas)	Narrativos
	Descritivos
• Esquemática global (Superestrutura de Van Dijk)	Expositivos (explicativos)
	Argumentativos "Stricto sensu"
• Lingüística de superfície (Marcas sintético-semânticas)	Injuntivos (diretivos)
	Predicativos

Consideraremos os critérios de análise para os textos narrativos uma vez que esses compõem o escopo da pesquisa. Com base nas autores Van Dijk, Koch e Fávero seriam estes:

- **Superestrutura** → Na narrativa predominam as ações. Na estrutura clássica da narrativa, a situação espacial e temporal, bem como as personagens e os contextualizadores, são introduzidos no resumo; seguem-se os acontecimentos, que envolvem a complicação, a avaliação e a resolução.
- **Macroestrutura** → o tema envolve uma pessoa, um ser animado, ou uma coisa definida antropologicamente. Pressupõe uma idéia de ação, de mudança de estado, de transformação ou de acontecimento. A seqüência temporal é fundamental.
- **Dimensão lingüística de superfície** → predominam relações subordinativas, com um verbo de mudança no passado e indicadores de tempo e lugar.

Após a identificação dos critérios para a classificação do texto em narrativo, a preocupação da pesquisa é contribuir com subsídios para a proposição de uma metodologia para a realização da Análise Documental do Conteúdo onde seja possível a identificação do tema das obras de ficção.

A identificação do tema para Vickery (1980, p.30) é a característica mais importante da organização dos documentos por determinar a natureza do que trata o documento, os temas que estão inseridos em seu contexto.

Para a identificação do tema dos documentos encontramos vários estudos realizados na área que tinham como objetivo nuclear à criação de uma metodologia

que oferecesse mecanismos e ferramentas para a análise de assunto. Como os trabalhos de: J. Kaiser (1911) que visava à análise de assunto por meio de três categorias combinadas (concreto – processo – lugar); Ranganatham (1933) que através da análise de facetas e das cinco categorias fundamentais (personalidade, matéria, energia, espaço e tempo) elaborou seu esquema de classificação. Aproximando de nossos tempos temos: Tálamo (1987) que propõe a identificação da estrutura temática do documento usando um mecanismo de perguntas e respostas: (Quem? (ser); O que? (tema); Como? (modo); Onde? (lugar); e Quando? (tempo); e Kobashi (1994) que utilizou um método analítico que consiste em: Who, What, Whem, Where, Why.

Em perspectiva histórica, Kaiser (1911) *apud* Lancaster (2004, p.59) um método que reconhecia três categorias de termos: concretos, processos e termos de localidade.

- Concretos: termos relativos à ‘coisas’, reais ou imaginárias, e ‘processos’ que abrangem atividades. Para Kaiser, os enunciados de indexação eram apresentados em termos com seqüência sistemática e não alfabética. Apenas três seqüências eram permitidas:
 - 1- concreto-processo (como em Tubos-Soldagem ou Tubos de Aço-Soldagem);
 - 2- Localidade-Processo (como em Argentina-Comércio);
 - 3- Concreto-Localidade-Processo (como em Café- Brasil-Exportação).

O profissional de indexação deveria evidenciar o termo concreto que estivesse implícito (dessalinização seria igual a “Água-Dessalinização”.

Detalhar facetas Ranganathan (1933), muito conhecido por sua teoria de classificação, seu próprio esquema de classificação bibliográfica (*Colon Classification*), também trouxe contribuições para a indexação alfabética de assuntos por meio de sua “indexação em cadeia”. A “indexação em cadeia” constituía em “um processo de desenvolvimento coerente do índice alfabético de assuntos do catálogo sistemático 9em forma de fichas ou de livro) (LANCASTER, 2004, p. 60).

Na década de 1952, o Classification Research Group (Londres) inicia seus estudos cooperativos tendo quatorze componentes: D. J. Campell, E. J. Coates, J. E. L. Farradane, D. J. Foskett, G. Jones, J. Mills, T. S. Morgan, B. I. Palmer, O. W. Pendleton, L. G. M. Roberts, B. C. Vickery, A.J. Walford, K. E. Watkins e A. J. Wells.

A teoria de análise facetada proposta por Ranganathan foi utilizada como base para a construção da classificação bibliográfica, sendo que alguns aspectos foram modificados devido sua restrição.

A teoria da análise facetada sob a ótica do Classification Research Group encontra-se dispersa em vários trabalhos publicados pelos seus diversos membros e sua teoria não estava fundamentada em princípios. As propostas metodológicas de Ranganathan e do Classification Research Group possuem vários pontos de congruência. “À primeira vista, suas terminologias diferem em diversos pontos mas, observadas mais de perto, verifica-se que o conteúdo de alguns conceitos se sobrepõe” (LIMA, 2004, p. 64).

Quanto aos princípios:

- Ordem dos Renques: o Classification Research Group considera que focos não devem ser arranjados em um tipo de ordem, considerando que *a priori* que nenhum seja correto. A ordem de assunto proposto é: simples para complexo; complexo para simples; espacial/geográfico; cronológico e alfabético (seqüência que corresponde a utilizada por Ranganathan sendo confundidas “no modelo simplificado” de Spiteri);
- Divisão: o Classification Research Group entende que o domínio do sistema de classificação deve possuir apenas uma faceta que deve apresentar característica de divisão (em Ranganathan isso corresponde aos princípios de exclusividade e simultaneidade, homegeinidade e de exclusividade mútua);
- Relevância: o Classification Research Group entende que as facetas devem ser escolhidas pelas suas relevâncias na proposta, objetivo e

domínio do sistema de classificação (correspondendo ao princípio em Ranganathan).

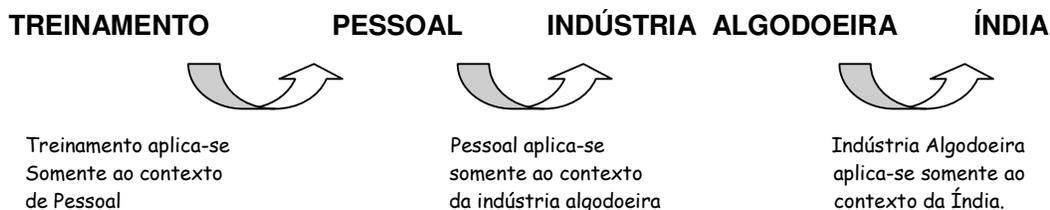
A divergência entre o Classification Research Group e Ranganathan está no ponto de vista que a Classification têm sobre a análise das facetas: primeiro na escolha das categorias, pois estas devem ser derivadas da natureza dos assuntos a serem classificados; segundo na ordem de citação.

As cinco categorias de Ranganathan (personalidade, matéria, energia, espaço e tempo) conhecidas como PMEST foram ampliadas pelo Classification Research Group para dez: tipos de produto final (*final product type*), partes (*parts*), materiais (*materials*), propriedades (*property*), processos (*process*), operações (*operation*), agentes (*agent*), espaço (*space*), tempo (*time*) e forma de apresentação (LIMA, 2004, p. 66).

As teorias de Ranganathan tiveram efeito nas mais diversas práticas de indexação de assuntos. Podemos verificar isso no PRECIS (Preserved Context Index System – Sistema de Indexação de Programas Contexto Preservado) criado por Austin (1984).

No Precis, programas de computador geram um conjunto completo de entradas de índices e remissivas a partir de uma seqüência de termos e códigos de instrução fornecidos pelo indexador para cada item. O conteúdo temático de um documento é descrito por meio de uma série de termos colocados numa seqüência ‘dependente do contexto’ (LANCASTER, 2004, p. 62).

O exemplo que Austin e Digger (1977) demostram é: Índia, Indústria algodoeira, Pessoal, Treinamento. Pode-se observar que a ordem de cada termo está dependendo do termo que é antecedido imediatamente.



As relações dos termos são evidenciadas em duas linhas no PRECIS, pois acredita-se que é a forma mais prática de mostrar “a relação entre o termo

empregado como ponto de entrada no índice e os termos que são: a) de contexto mais amplo; e b) de contexto mais restrito (LANCASTER, 2004, p. 62).

PESSOAL. INDÚSTRIA ALGODOEIRA. ÍNDIA

TREINAMENTO

Essas entradas podem ser geradas por computador tendo como partida uma série de termos apresentados numa seqüência dependente do contexto.

Estes sistemas apresentados, como vários outros existentes, foram criados para indexar os assuntos dos documentos, demonstrando eficácia devido à própria tipologia dos materiais que oferecessem uma estrutura textual adequada para a aplicabilidade dessas análises metodológicas, compostas por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, relações de pré-coordenação, que favoreciam o exame e avaliação na investigação do assunto, já que são construídos sobre uma plataforma técnica normalizadora. Mas são dificilmente aplicáveis a obras de ficção que são construídas sobre uma rede de relações diferentes, apesar de existir características nos textos literários que coincidem com as características gerais de um texto (VAN DIJK, 1997, p. 16).

Realizar a análise de documentos de narrativa literária para fins de condensação e posterior recuperação é um desafio uma vez que os resultados, dependendo do nível de descrição escolhido, não são satisfatórios e a relação de similaridade com o texto original fica prejudicada.

Para tanto, encontramos na construção do Percorso Gerativo de Sentido “três patamares: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas”.

Nas estruturas

encontram-se as categorias semânticas que ordenam os conteúdos do texto de maneira mais geral e mais abstrata; as estruturas narrativas podem ser definidas como mudanças de estado em termos de conjunção e disjunção (manipulação, competência, performance e sanção); no nível das *estruturas discursivas* aparecem as estruturas narrativas abstratas, as quais podem ser concretizadas através da *figurativização* ou da *tematização*, ou seja, através de *temas* ou *figuras* (MORAES; GUIMARÃES, 2006).

As estruturas narrativas e as estruturas discursivas seria o que Fiorin (2006) chama de **seqüência canônica** “porque, de um lado revela a dimensão sintagmática da narrativa e, de outro, mostra as fases obrigatoriamente presentes no simulacro da ação do homem no mundo, que é a narrativa”.

O processo para se extrair o tema do texto será realizado por meio do levantamento das estruturas narrativas e discursivas, por meio dos temas e das figuras, para a construção do percurso temático e do percurso figurativo.

Dessa forma, o Percurso Gerativo de Sentido proporciona a classificação do tema, oferecendo a abstração de conceitos, exemplos que serão demonstrados no Capítulo 8, em cinco Contos de Carlos Drummond de Andrade, extraídos de sua obra “Contos Plausíveis”.

No capítulo a seguir aprofundaremos as questões sobre o Percurso Gerativo de Sentido apresentando os elementos constitutivos da semântica discursiva com o objetivo de interpretar os textos escolhidos para fins da Análise Documental.

6. SEMÂNTICA

6.1 A semântica discursiva

A semântica é definida como o estudo do significado ou teoria da significação. O lingüista Michel Bréal, no final do século XIX, utilizou esse termo para designar o estudo do sentido, estabelecendo que seu objetivo era investigar as mudanças de sentidos que as palavras tinham com o fim de regular essas alterações. Os fundamentos da semântica diacrônica são instituídos por ele.

Posteriormente, nasce uma semântica direcionada para a descrição sincrônica. Surge uma corrente de semanticistas, a partir do trabalho de J. Trier, que consideram que a finalidade dos estudos lingüísticos é estabelecer e analisar os campos semânticos (conceituais ou nocionais), entendidos como conjunto de unidades lexicais associadas por uma determinada estrutura subjacente.

Cronologicamente, da década de 1960 surge a Semântica Estrutural tendo como fundamento a proposição do paralelismo do plano de expressão e do plano de conteúdo. Ou seja, partia da hipótese de que o plano de expressão é constituído de distinções diferenciais que correspondem a distinções do plano de conteúdo. Utilizando-se, dessa forma, da semântica sêmica do modelo fonológico. Por dificuldades práticas de estabelecer os universos semânticos e para definir regras de compatibilidade e de incompatibilidade entre as unidades, os lingüistas renunciaram a idéia de efetuar análise lexical dispondo matrizes semânticas.

Com a interrupção dos trabalhos da Semântica Estrutural, que analisava unidades menores, os estudos voltaram seu foco para unidades maiores do que a palavra. A semântica lingüística começa a ser desenvolvida por Ducrot tendo como problema o discurso.

Greimas citado por Fiorin (1999) considera que a semântica deve ser:

- a) gerativa, ou seja, deve estabelecer modelos que apreendam os níveis de invariância crescente do sentido de tal forma que se perceba que diferentes elementos do nível de superfície podem significar a mesma coisa num nível mais profundo (por exemplo, a

aprovação no vestibular e a arca da aliança, no filme “Os caçadores da arca perdida”, significam a mesma coisa num nível mais profundo, *poder fazer* no primeiro caso, poder fazer um curso superior; no segundo, poder vencer os inimigos);

- b) sintagmática, isto é, deve explicar não as unidades lexicais que entram na feitura das frases, mas a produção e a interpretação do discurso;
- c) geral, ou seja, deve ter como postulado a unicidade do sentido, que pode ser manifestado por diferentes planos de expressão (por um de cada vez ou por vários deles ao mesmo tempo: por exemplo, o conteúdo, negação e pode ser manifestado por um plano de expressão verbal “não” ou por um gesto como “repetidos movimentos horizontais da cabeça”; o conteúdo de uma telenovela é manifestado, ao mesmo tempo, por um plano de expressão verbal, por um visual, etc).

Desenvolveremos a partir de agora os elementos da semântica discursiva que propiciam a capacidade de interpretação dos textos: semântica gerativa, sintagmática e geral.

6.2 Percorso Gerativo de Sentido

Segundo Fiorin (1999) “a noção de percurso gerativo de sentido constitui um simulacro metodológico para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo”.

O percurso gerativo de sentido é formado pela sucessão de patamares, com suas descrições adequadas, que demonstram a produção e interpretação do sentido. Sendo um processo que parte do simples para o complexo.

Fiorin (1999, p. 17) apresenta os três níveis do percurso: profundo (ou fundamental), narrativo e discursivo.

	Componente sintático	Componente Semântico
Estruturas sêmio-narrativas	Nível profundo Sintaxe fundamental	Semântica fundamental
	Nível de Superfície Sintaxe narrativa	Semântica narrativa
Estruturas discursivas	Sintaxe discursiva Discursivização (actorialização, temporalização, espacialização)	Semântica discursiva Tematização Figurativização

Cada nível possui um componente sintático e um componente semântico. A sintaxe estuda a estrutura do vocábulo, e a semântica as regras que presidem às relações entre os vocábulos, as construções das orações e às relações inter-oracionais.

A sintaxe “dos diferentes níveis do percurso gerativo é de ordem relacional, ou seja, é um conjunto de regras que rege o encadeamento das formas de conteúdo na sucessão do discurso” (FIORIN, 1999, p. 18).

6.2.1 Nível fundamental

A semântica de nível fundamental congrega as categorias semânticas que constituem a base de construção do texto.

Nas estruturas fundamentais as categorias semânticas “que ordenam os conteúdos do texto de maneira mais geral e mais abstrata. Para que possa compreender, entretanto, o *valor* de cada categoria, há que se buscar elementos nos outros níveis mais concretos do texto” (MORAES, 2007).

Ela tem como fundamento a diferença, a oposição, mas não qualquer oposição, pois, traços comuns precisam existir para estabelecer essa diferença. E, abrange, também, as operações de negação e asserção que ocorrem na sucessividade do texto.

“A semântica e a sintaxe do nível fundamental representam a instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso” (FIORIN, 1999, p. 20).

6.2.2 Nível narrativo

A sintaxe narrativa é definida como mudanças de estado em termos de conjunção e disjunção, sendo formada por dois tipos de enunciados elementares: enunciados de estado e enunciados do fazer.

Eles enunciados são explicitados por Fiorin (1999, p. 21) como:

- a) enunciados de estado:** são os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto (no enunciado “Aurélia é rica”, há uma relação de conjunção, indicada pelo verbo ser, entre um sujeito “Aurélia” e um objeto “riqueza”; em “Seixas não é rico”, há uma relação de disjunção, revelada pela negação e pelo verbo ser, entre um sujeito “Seixas” e um objeto “riqueza”);
- b) enunciados de fazer:** são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro (no enunciado “Seixas ficou rico”, há uma transformação de um estado inicial “não rico” num estado final “rico”).

Existem duas formas de narrativas mínimas caracterizadas pela privação e a de liquidação da privação. Na privação o estado conjunto que existe passa a um estado final disjunto (família rica que fica pobre). Na liquidação da privação acontece o contrário, o estado inicial é o disjunto e o final conjunto (pessoa pobre que fica rica).

Nessa perspectiva, os textos não são narrativas mínimas, são narrativas complexas onde os enunciados de estado (fazer e ser) estão hierarquicamente organizados, tendo como estrutura uma seqüência canônica composta por quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção.

- **Manipulação:** um sujeito agora sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. O sujeito é um papel narrativo e não, necessariamente, uma pessoa. São vários os tipos de manipulação aqui descritos os quatro mais comuns: tentação, intimidação, sedução e provocação.

- **Competência:** o sujeito que realiza a narrativa é dotado de um saber e ou poder fazer.
- **Performance:** fase em que se dá a transformação central da narrativa.
- **Sanção:** última fase onde há a constatação de que a performance se concretizou. A sanção pode ser cognitiva se há o reconhecimento que a competência se realizou; ou sanção pode ser pragmática, com prêmios e castigos.

Moraes (2007) salienta que “a seqüência canônica não implica num formato pré-definido nos quais todos os textos narrativos devem se encaixar, ao contrário, algumas fases podem apenas ser pressupostas, ou ter um destaque maior do que as outras”.

6.2.3 Nível discursivo

No nível narrativo as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos concretos através dos temas e das figuras. Essa concretização se dá por meio da semântica discursiva que reveste as mudanças de estado do nível narrativo.

Os esquemas narrativos abstratos podem estar revestidos com temas e com figuras.

Os textos figurativos “produzem um efeito de realidade, e por isso representam o mundo, criam uma imagem do mundo, com seus seres, seus acontecimentos”; os textos temáticos “explicam as coisas do mundo, ordenam-nas, classificam-nas, interpretam-nas, estabelecem relações e dependências entre elas, fazem comentários sobre suas propriedades” (FIORIN; SAVIOLI, 2003, p. 89).

Assim como as figuras, “os temas também se encadeiam em percursos, isto é, em conjuntos organizados. São os percursos temáticos. Para apreender o tema geral, é preciso perceber esse encadeamento dos temas e depreender a unidade subjacente à diversidade” (FIORIN; SAVIOLI, 2003, p. 101).

Com essas bases teóricas e metodológicas trabalharemos com cinco Contos extraídos do livro “Contos Plausíveis” de Carlos Drummond de Andrade: “O torcedor”, “A escola perfeita”, “Aquele casal”, “O locutor esportivo” e “Os esquadrões”; analisando e avaliando a rede relacional dos percursos temáticos e figurativos para a busca da tematicidade.

7. METODOLOGIA, ANÁLISE, COLETA DE DADOS E RESULTADOS

7.1 Lingüística Textual

Vimos no capítulo anterior que os esquemas narrativos abstratos podem estar revestidos com temas e com figuras. Assim, figuratização e tematização são considerados dois níveis de concretização de sentido, e todos os textos tematizam o nível narrativo que poderá ser figurativizado ou não.

Assim, existem duas formas básicas de discurso, o que são concretos e os que são abstratos. Esses termos não são termos polares que fazem oposição, mas constituem um continuum, que gradualmente caminha do abstrato para o concreto.

Dessa forma, podemos caracterizar que o discurso quando é concreto é construído com figuras, ou seja, é figurativo. E, quando é abstrato, é construído por temas, ou seja, ele é temático.

Os textos figurativos remetem a algo do mundo natural, remetem a algo da realidade, representam o mundo, criam imagens desse mundo, dos seres que compõem esse mundo. Quando fala-se mundo real devemos pensar também no mundo construído, no caso, o texto de ficção onde coisas tem pernas, olhos e falam.

O tema é um

investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. Temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc. (FIORIN, 1999, 65).

Dependendo do grau de concretude dos elementos narrativos teremos dois tipos de textos: os figurativos e os temáticos.

Os textos figurativos criam um efeito do real, construindo um simulacro da realidade, representando a forma e o mundo. Enquanto que os temáticos tentam explicar a realidade, classificando-a e ordenando-a.

TEXTOS FIGURATIVOS	TEXTOS TEMÁTICOS
<ul style="list-style-type: none">• Efeito de realidade;• Representam o mundo;• Criam imagem do mundo;• Criam imagem dos seres;• Criam os acontecimentos do mundo;• Referem-se ao concreto;• Tem função representativa;• Constroem simulacro da realidade;• Tem função descritiva ou representativa.	<ul style="list-style-type: none">• Explicam a realidade;• Classificam e ordenam a realidade;• Estabelece relações e dependências;• Tem função predicativa ou interpretativa;• Faz comentários sobre as propriedades do mundo;• Um grande tema abarca temas principais;• Dá coerência ao texto principal.

Um texto nunca é totalmente figurativo, ou totalmente temático, fala-se em predominância, e não em absolutismo de termos, pois eles coexistem, marcados pela dominância de elementos abstratos ou concretos, e não da exclusividade.

De acordo com Fiorin (1999, p. 67)

em todo texto, temos um nível de organização narrativa, que será tematizado. Posteriormente, o nível de organização temática poderá ou não ser figurativizado. O nível temático dá sentido ao figurativo e o nível narrativo ilumina o temático. A tematização pode ser manifestada diretamente, sem a cobertura figurativa. Temos então os textos temáticos. No entanto, não há texto figurativo que não tenha um nível temático subjacente, pois este é um patamar de concretização do sentido anterior à figurativização.

7.1.1 Percurso Temático e Percurso Figurativo

As figuras no texto estabelecem redes de relações entre si. Para a análise textual o que é mais importante é esse encadeamento das figuras, chamado por Fiorin (1999, p, 70) de tecido figurativo. Essa rede relacional, esse encadeamento é chamado de percurso figurativo. Ainda para o autor “para que um conjunto de figuras ganhe um sentido, precisa ser a concretização de um tema, que, por sua vez, é o revestimento de enunciados narrativos. Por isso, ler um percurso figurativo é descobrir o tema que subjaz a ele”.

Um texto pode ter mais de um percurso figurativo, isso vai depender dos temas que se queira manifestar. Ele deve manter uma coerência interna, pois a quebra de coerência produz a chamada inverossimilhança no texto. “Nos textos narrativos de ficção, essa coerência entre as figuras torna-se essencial, de modo que o leitor, ao ter contato com um texto, possa através desse jogo de figuras ou conexões, entender o contexto em que se insere o mesmo, e a partir daí extrair os temas” (MORAES, 2007).

O encadeamento dos temas é chamado de percurso temático, ocorrendo apenas nos textos temáticos. Nos percursos temáticos “é preciso perceber esse encadeamento dos temas e depreender a unidade subjacente à diversidade. Os encadeamentos temáticos também devem manter uma coerência interna. Quebrá-la significa construir um texto incoerente ou alterar o tema geral” (FIORIN; SAVIOLI, 2003,p. 101).

O elemento amalgamador do sentido para a construção os percursos temáticos e figurativos é a isotopia.

7.1.2 Isotopia

A isotopia seria o plano de leitura de um texto. O modo com que esse texto deve ser lido, que para a análise do discurso é denominado de recorrência do mesmo traço semântico ao longo de um texto.

Do termo isotopia, também vocábulo derivado da química, “isótopo” designa os elementos do mesmo número atômico, mas que tem massas diferentes. O conceito é o mesmo para o texto, a isotopia daria a possibilitada das diversas leituras que o leitor pode fazer de um texto, pois elas já estariam intrínsecas no texto pela coerência semântica que lhe imprime reiteração, redundância, repetição, recorrência de traços semânticos ao longo do discurso. As diversas leituras que o texto aceita já estariam inscritas nele.

7.1.3 Identificação da seqüência canônica nos contos e aplicação do percurso temático e figurativo

A reflexão teórica apresentada nesse trabalho de pesquisa oferece elementos teóricos para a aplicação que será realizada em cinco contos de Carlos Drummond e Andrade, extraídos do livro “Contos Plausíveis” de Carlos Drummond de Andrade: “O torcedor”, “A escola perfeita”, “Aquele casal”, “O locutor esportivo” e “Os esquadrões”.

O livro “Contos Plausíveis foi publicado pela primeira vez em 1981 pela José Olympio Editora em pequena tiragem especial. A origem dos contos é o Jornal do Brasil onde o Carlos Drummond de Andrade, ao deixar o “Correio da Manhã, em 1969, passou a ser colaborador escrevendo a coluna nas terças e quintas-feiras, considerado por muitos a coluna que o tornaria referência no jornalismo brasileiro.

Os contos sempre vêm acompanhados de uma brincadeira, uma pincelada de humor, mesmo os mais insólitos e, evidentemente plausíveis. São cinco e cinquenta contos brevíssimos que cabem em uma página e remetem a vida cotidiana, emoções

do dia a dia, solidão, regresso, monotonia, sentimentos e situações que tomam o ser humano a cada dia, invadindo o espaço que circula ao nossa redor todos. Curiosamente, tanto a edição de 1981 como a de 1985 são acompanhadas de uma ilustração, assinadas pelos artistas Irene Peixoto e Márcia Cabral, onde a ilustração especificada em uma página não refere ao conto expresso. Esse fator estimula o leitor a investigar no livro qual a figura, a imagem, correspondente ao texto lido. A essa singularidade Carlos Drummond de Andrade diz : “parece que na vida também é assim: as pessoas e coisas nem sempre andam de par constante” (prefácio).

Os textos foram escritos na década de 1969, período brasileiro marcado pelo ditadura militar, e governado pelo general Emília Garrastazu Médici, considerado por historiados o mais duro e repressivo do período conhecido como “anos de chumbo”. A repressão a luta armada cresce, e igualmente, a censura é aplicada a jornais, revistas, livros, peças de teatro, filmes, músicas, e outras formas de expressão artística. Concomitante, o milagre econômico faz com que o país cresce de forma rápida, mas não sem conseqüências pagas futuramente ao capital estrangeiro.

Nesse contexto os contos foram construídos e disseminados pelo “Jornal do Brasil”.

Os critérios utilizados para escolha dos contos foram: 1) gênero narrativo não trabalhado pelo grupo de pesquisa “Análise Documental de Textos Narrativos de Ficção: uma proposta metodológica com vistas à identificação do tema” 2) brevidade dos contos para facilitar a análise; 3) contos que traduzissem questões do cotidiano; 4) autoria de autoridade no cenário brasileiro relacionada à produção de contos.

A aplicação do percurso temático e figurativo deu-se pela análise da coerência interna dos textos, buscando os traços semânticos comuns, destacando nos contos escolhidos a seqüência canônica: manipulação, competência, performance e sanção. Posteriormente, em seqüência, a análise do assunto por meio do percurso temático e figurativo.

A seguir, os contos e a análise, a extração dos temas e figuras, de cada um deles:

A) O TORCEDOR

- 1 No jogo de decisão do campeonato, Eváglio torceu pelo Atlético Mineiro, não porque fosse atleticano ou mineiro, mas porque receava o carnaval nas ruas se o Flamengo vencesse. Visitava um amigo em bairro distante, nenhum dos dois tem carro, e ele previa que a volta seria problema.
- 2 O Flamengo triunfou, e Eváglio deixou de ser atleticano para detestar todos os clubes de futebol, que perturbam a vida urbana com suas vitórias. Saindo em busca de táxi inexistente, acabou se metendo num ônibus em que não cabia mais ninguém, e havia duas bandeiras rubro-negras para cada passageiro. E não eram bandeiras pequenas nem torcedores exaustos: estes parecia terem guardado a capacidade de grito para depois da vitória.
- 3 Eváglio sentiu-se dentro do Maracanã, até mesmo dentro da bola chutada por 44 pés. A bola era ele, embora ninguém reparasse naquela esfera humana que ansiava por tornar a ser gente a caminho de casa.
- 4 Lembrando-se de que torcera pelo vencido, teve medo, para não dizer terror. Se lessem em seu íntimo o segredo, estava perdido. Mas todos cantavam, sambavam com alegria tão pura que ele próprio começou a sentir um pouco de flamengo dentro de si. Era o canto? Eram braços e pernas falando além da boca? A emanção de entusiasmo o contagiava e transformava. Marcou com a cabeça o acompanhamento da música. Abriu os lábios, simulando cantar. Cantou. Ao dar fé de si, disputava à morena frenética a posse de uma bandeira. Queria enrolar-se na pano para exteriorizar o seu partidário que pulava em suas entranhas. A moça em vez de ceder o troféu, abraçou-se com Eváglio e beijou-o na boca. Estava batizado, crismado e unguento: uma vez flamengo, sempre flamengo.
- 5 O pessoal desceu na Gávea, empurrando Eváglio para descer também e continuar a festa, mas Eváglio mora em Ipanema, e já com o pé no estribo se lembrou. Loucura continuar flamengo a noite inteira à base de chope, caipirinha, batucada e o mais. Segurou firme na porta, gritou: “Eu volto, gente! Vou só trocar de roupa” e, não se sabe como, chegou intacto ao lar, já sem compromisso clubista.

M
A
N
I
P
U
L
A
Ç
Ã
O

1 No jogo de decisão do campeonato, Eváglio torceu pelo Atlético Mineiro, não porque fosse atleticano ou mineiro, mas porque receava o carnaval nas ruas se o Flamengo vencesse. Visitava um amigo em bairro distante, nenhum dos dois tem carro, e ele previa que a volta seria problema.

2 O Flamengo triunfou, e Eváglio deixou de ser atleticano para detestar todos os clubes de futebol, que perturbam a vida urbana com suas vitórias. . Saindo em busca de táxi inexistente, acabou se metendo num ônibus em que não cabia mais ninguém, e havia duas bandeiras rubro-negras para cada passageiro. E não eram bandeiras pequenas nem torcedores exaustos: estes parecia terem guardado a capacidade de grito para depois da vitória.

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Decisão	Jogo; Campeonato
Torceu	Eváglio; Atlético Mineiro;
Receava	Carnaval nas Ruas
Vencesse	Flamengo
Visitava	Amigo; Bairro Distante; Carro
Triunfou; Detestar; Perturbavam;	Flamengo; Eváglio; Clubes de Futebol; Vida Urbana; Vitória
Saindo em busca; Acabou se metendo;	Táxi; Ônibus;

Cabia; Havia; Guardado a Capacidade	Ninguém; Duas bandeiras rubro-negras; Passageiro; Bandeiras pequenas; Torcedores exaustos; Grito.
TEMA: Jogo de Futebol Cidade e Jogo de Futebol Jogo de Futebol e Comemoração Jogo de Futebol e Bagunça	

C O M P E T Ê N C I A	<p>3 Eváglio sentiu-se dentro do Maracanã, até mesmo dentro da bola chutada por 44 pés. A bola era ele, embora ninguém reparasse naquela esfera humana que ansiava por tornar a ser gente a caminho de casa.</p> <p>4 Lembrando-se de que torcera pelo vencido, teve medo, para não dizer terror. Se lessem em seu íntimo o segredo, estava perdido. Mas todos cantavam, sambavam com alegria tão pura que ele próprio começou a sentir um pouco de flamengo dentro de si. Era o canto? Eram braços e pernas falando além da boca?</p>
--	--

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Sentiu-se dentro; Dentro; Chutada;	Eváglio; Maracanã; Bola; 44 pés; Bola
Ninguém reparasse; Ansiava por tornar	Esfera humana; Gente; Caminho de Casa
Lembrando-se; torcera; vencido; Estava perdido	Medo; Terror; Íntimo; Segredo

Sentir um pouco; flamengo dentro de si; Falando além da boca	Cantavam; Sambavam; Alegria; Flamengo; Canto; Braços; Pernas
TEMA: Alegria da Vitória	

P E R F O R M A N C E	<p>4 A emanção de entusiasmo o contagiava e transformava.</p> <p>4 Marcou com a cabeça o acompanhamento da música. Abriu os lábios, simulando cantar. Cantou. Ao dar fé de si, disputava à morena frenética a posse de uma bandeira. Queria enrolar-se no pano para exteriorizar o seu partidário que pulava em suas entranhas. A moça em vez de ceder o troféu, abraçou-se com Eváglio e beijou-o na boca. Estava batizado, crismado e ungido: uma vez flamengo, sempre flamengo.</p>
---	--

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Emanção de entusiasmo	Contagiava; Transformava
Marcou; Acompanhamento da música;	Cabeça; Abriu os olhos; Cantar;
Ao dar fé de si; Exteriorizar o seu partidário; Pulava em suas entranhas;	Disputava à morena frenética; A posse de uma bandeira; Queria enrolar-se no pano;
	Moça em vez de ceder o troféu; Abraçou-se a Eváglio; Beijou- na Boca
Estava batizado, crismado e ungido;	

Uma vez flamengo, sempre flamengo	
TEMA: Alegria do Torcedor Manifestação da Torcido de Futebol	

S A N S Ã O	5 O pessoal desceu na Gávea, empurrando Eváglio para descer também e continuar a festa, mas Eváglio mora em Ipanema, e já com o pé no estribo se lembrou. Loucura continuar flamengo a noite inteira à base de chope, caipirinha, batucada e o mais. Segurou firme na porta, gritou: “Eu volto, gente! Vou só trocar de roupa” e, não se sabe como, chegou intacto ao lar, já sem compromisso clubista.
----------------------------	--

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Já com o pé no estribo se lembrou; Eu volto gente	Pessoal desceu na Gávea; Empurrando Eváglio; Eváglio mora em Ipanema; Loucura; Chope; Caipirinha; Batucada; Gritou; Trocar de Roupa
Chegou intacto	Lar
	Compromisso clubista
TEMA: Retorno a realidade	

Subtemas extraídos da aplicação do percurso temático e figurativo:

- **Jogo de Futebol**
- **Cidade e Jogo de Futebol**
- **Jogo de Futebol e Comemoração**
- **Jogo de Futebol e Bagunça**
- **Alegria da Vitória**
- **Alegria do Torcedor**
- **Manifestação da Torcido de Futebol**

- **Retorno à realidade**

Tema geral: Partida de Futebol

B) A ESCOLA PERFEITA

- 1 A Escola de Pais, fundada em Sambaíba, no Maranhão, não deu os resultados com que se sonhava. O estabelecimento tinha pouca freqüência, e os pais iam beber no botequim próximo.
- 2 A direção da escola achou conveniente experimentar novos métodos, e colocou a responsabilidade do ensino nas mãos dos filhos dos alunos.
- 3 A princípio o aproveitamento foi extraordinário, pois os adolescentes que passaram a controlar a casa exerceram disciplina severa, exigindo dos pais o máximo de aplicação, pontualidade e aproveitamento. Depois, a disciplina foi abrandando, e havia meninos que convidavam seus pais e os pais de outros meninos a trocar a aula por futebol, no que eram atendidos.
- 4 Ao fim do semestre, a Escola de Pais tornara-se Escola de Pais e Filhos, sem programa definido, despertando imitação em outros pontos do Estado e até no Piauí.
5. Era uma escola festiva, em que os macacos, as borboletas, os seixos da entrada não só faziam parte do material escolar como davam palpites sobre a matéria, por esse ou aquele modo peculiar a cada um deles. O entusiasmo foi tamanho que pais e filhos chegaram à conclusão de que melhor fora transformar o estabelecimento, já então sem sede fixa nem necessidade de tê-la, numa escola natural de coisas, em que tudo fosse objetivo de curiosidade, sem currículo, e surgiu a escola da natureza, sem mestres, sem alunos, sem decreto, sem diplomas, onde todos aprendem de todos, na maior alegria e falta de cerimônia, até que o INCRA ou outro organismo civilizador qualquer se lembrou de dividir as terras de Sambaíba em fatias burocráticas e legais. Será a escola perfeita?

M A N I P U L A Ç Ã O	<p>1. A Escola de Pais, fundada em Sambaíba, no Maranhão, não deu os resultados com que se sonhava. O estabelecimento tinha pouca frequência, e os pais iam beber no botequim próximo.</p> <p>2. A direção da escola achou conveniente experimentar novos métodos, e colocou a responsabilidade do ensino nas mãos dos filhos dos alunos.</p>
---	---

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Sonhava	Escola de Pais Sambaíba Maranhão
Frequência	Pais Beber Botequim
Experimentar Colocou a responsabilidade nas mãos	Direção da escola Novos métodos Filhos dos alunos
Tema: Novo método de ensino	

P E R F O R M A N C E	<p>3. A princípio o aproveitamento foi extraordinário, pois os adolescentes que passaram a controlar a casa exerceram disciplina severa, exigindo dos pais o máximo de aplicação, pontualidade e aproveitamento.</p>
---	--

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Princípio Aproveitamento Passavam a controlar Exerceram disciplina severa Exigindo O máximo de aplicação Pontualidade Aproveitamento	Adolescentes Casa Pais
Tema: Educação Severa Disciplina	

M A N I P U L A Ç Ã O	<p>3. Depois, a disciplina foi abrandando, e havia meninos que convidavam seus pais e os pais de outros meninos a trocar a aula por futebol, no que eram atendidos.</p> <p>4. Ao fim do semestre, a Escola de Pais tornara-se Escola de Pais e Filhos, sem programa definido, despertando imitação em outros pontos do Estado e até no Piauí.</p>
---	---

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Disciplina foi abrandando Convidavam Trocar Eram atendidos	Meninos Seus pais Aula Futebol
Ao fim do semestre	Escola de pais Escola de pais e filhos
Sem programa definido Despertando imitação	Estado Piauí
Tema: Novo método de ensino Nova prática de ensino Escola diferente	

P E R F O R M A N C E	<p>5. Era uma escola festiva, em que os macacos, as borboletas, os seixos da entrada não só faziam parte do material escolar como davam palpites sobre a matéria, por esse ou aquele modo peculiar a cada um deles. O entusiasmo foi tamanho que pais e filhos chegaram à conclusão de que melhor fora transformar o estabelecimento, já então sem sede fixa nem necessidade de tê-la, numa escola natural de coisas, em que tudo fosse objetivo de curiosidade, sem currículo, e surgiu a escola da natureza, sem mestres, sem alunos, sem decreto, sem diplomas, onde todos aprendem de todos, na maior alegria e falta de cerimônia.</p>
---	---

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Palpites sobre a matéria Modo peculiar de cada um deles	Escola festiva Macacos Borboletas Seixos Material escolar
Entusiasmo Conclusão Transformar Sem sede fixa Objetivo de curiosidade Falta de cerimônia	Pais e filhos Estabelecimento Escola natural de coisas Sem currículo Escola da natureza Sem mestres Sem alunos Sem decreto Sem diplomas Todos aprendem Maior alegria
Tema: Escola da vida Aprendizagem pela experiência	

S A	
--------	--

N S Ã O	5. [...] até que o INCRA ou outro organismo civilizador qualquer se lembrou de dividir as terras de Sambaíba em fatias burocráticas e legais. Será a escola perfeita?.
----------------------------	---

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Lembrou Dividir	INCRA Organismo civilizador Terras Sambaíba Fatias burocráticas Legais
Será	Escola perfeita
Tema: Burocratização Escolar Educação Tradicional	

Subtemas extraídos da aplicação do percurso temático e figurativo:

- **Novo método de ensino**
- **Educação Severa**
- **Disciplina**
- **Novo método de ensino
Nova prática de ensino**
- **Escola diferente**
- **Escola da vida**
- **Aprendizagem pela experiência**
- **Burocratização Escolar**
- **Educação Tradicional**

Tema geral: Educação

C) AQUELE CASAL

1. O Sr. Inclusive roia as unhas, preocupado. A Sra. Alternativa, sua mulher, dissera que não ia se demorar, e já se haviam passado cinco horas sem que ela voltasse.

2. - Com Alternativa não se pode ficar sossegado – resmungava ele. – Inclusive já pedia a ela que percorresse sempre o mesmo caminho de volta, que é o mais curto e o mais seguro. Não quer me ouvir, prefere dar voltar. Alega que assim está sempre experimentando novas possibilidades de caminho, e quem sabe se não descobrirá um dia a mais favorável.

3. A Sra. Alternativa, postada diante de uma bifurcação, hesitava na escolha de rumos. E, consultando um caderninho, monologava.

4. - Meu problema é escolher entre dois caminhos, mas eu preferia que a escolha fosse entre nove ou dez. O bom seria que de uma alternativa derivasse outra alternativa, e assim por diante, gerando número infinito de opções. O Inclusive não compreende isto. Fica pensando que todas as alternativas podem se englobar no processo de inclusão. Ele esquece que todo inclusive tem alternativa de um exclusive (aliás, de muitos). Isso torna a nossa vida conjugal bastante monótona. Pensando bem, só há uma alternativa para mim: o divórcio ou um amante sensível às variantes da vida.

5. - Inclusive já pensei em matá-la – disse consigo o marido, à mesma hora, andando de um lado para outro. – Como é que eu posso viver com uma mulher que inclusive não tem hora de chegar em casa?

M
A
N
I
P

1. O Sr. Inclusive roia as unhas, preocupado. A Sra. Alternativa, sua mulher, dissera que não ia se demorar, e já se haviam passado cinco horas sem que ela voltasse.

U L A Ç Ã O	<p>2. - Com Alternativa não se pode ficar sossegado – resmungava ele. – Inclusive já pedia a ela que percorresse sempre o mesmo caminho de volta, que é o mais curto e o mais seguro. Não quer me ouvir, prefere dar volta. Alega que assim está sempre experimentando novas possibilidades de caminho, e quem sabe se não descobrirá um dia a mais favorável.</p>
----------------------------	--

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Roia Preocupado	Sr. Inclusive Unhas
Demorar	Sra. Alternativa Mulher Cinco horas
Não se pode ficar sossegado Sempre o mesmo	Alternativa Resmungava ele Inclusive Percorresse Caminho
Prefere	Não quer me ouvir Dar volta
Experimentando Novas possibilidades Não descobrirá Mais favorável	Caminho Dia
Tema: Casal Relacionamento	

C O M P E T Ê	<p>3. A Sra. Alternativa, postada diante de uma bifurcação, hesitava na escolha de rumos. E, consultando um caderninho, monologava.</p> <p>4. - Meu problema é escolher entre dois caminhos, mas eu preferia que a escolha fosse entre nove ou dez. O bom seria que de uma alternativa derivasse outra alternativa, e assim por diante, gerando</p>
---------------------------------	---

N C I A	número infinito de opções. O Inclusive não compreende isto. Fica pensando que todas as alternativas podem se englobar no processo de inclusão. Ele esquece que todo inclusive tem alternativa de um exclusive (aliás, de muitos). Isso torna a nossa vida conjugal bastante monótona.
----------------------------	---

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Hesitava Escolha Rumos	Sra. Alternativa Bifurcação
Consultando Monologava	Caderninho
Problema Escolher Preferia Escolha	Dois caminhos Nove Dez
Bom Alternativa Número infinito de opções	
Não compreende Pensando Todas as alternativas Englobar Processo de inclusão	Inclusive
Esquece Todo inclusive Tem alternativa Exclusive	
Muito monótona	Vida conjugal
Tema: Escolhas da vida Monotonia da vida conjugal	

P E R F O	4. Pensando bem, só há uma alternativa para mim: o divórcio ou um amante sensível às variantes da vida.
----------------------------------	---

R M A N C E	5. - Inclusive já pensei em matá-la – disse consigo o marido, à mesma hora, andando de um lado para outro. – Como é que eu posso viver com uma mulher que inclusive não tem hora de chegar em casa?
----------------------------	---

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Pensando Uma alternativa Variantes da vida	Divórcio Amante sensível
Inclusive Já pensei	Mata-la
Disse consigo	Marido Andando de um lado para outro
Posso Inclusive Não tem hora Chegar	Viver Mulher Casa
Tema: Problemas conjugais Problemas de Relacionamento	

Subtemas extraídos da aplicação do percurso temático e figurativo:

- **Casal**
- **Relacionamento**
- **Escolhas da vida**
- **Monotonia da vida conjugal**
- **Problemas conjugais**
- **Problemas de Relacionamento**

Tema geral: Relação Conjugal

D) O LOCUTOR ESPORTIVO

1. O locutor esportivo mais festejado em 1929 foi Anselmo Fioravanti, que não entendia de futebol e por isso inventava.

2. Sua estréia ao microfone gerou uma tempestade de protestos. Os ouvintes exigiam sua dispensa, mas o diretor da estação considerou que muitos outros se pronunciaram encantados com Anselmo, classificado como humorista de primeira água. Foi mantido, e sua atuação despertou sempre o maior sucesso. Jogo narrado por ele era muito mais fascinante do que a verdadeira partida.
3. Anselmo creditava o gol ao time cujo arco fora vazado. Trocava os nomes dos jogadores, invertia posições e fazia com que o clube derrotado empatasse ou ganhasse, conforme a inspiração do momento. Na verdade, ele não mentia. Apenas, ignorava as regras mais comezinhas do esporte e contava o que lhe parecia estar certo.
4. Torcedores e agremiações o tinham em alta conta, porque ele mantinha aceso o interesse pelo futebol. Os vencedores de fato não se magoavam com a informação contrária, pois a vitória era inquestionável. E os derrotados consolavam-se com o triunfo imaginário que ele generosamente lhes concedia.
5. De tanto assistir a jogos, um dia ele narrou corretamente um lance. Houve pênalti e Anselmo anunciou pênalti. Foi a sua desgraça. Nunca mais ninguém lhe prestou ouvidos, e Anselmo terminou os dias como gari em Vila Isabel. 129

M A N I P U L A Ç Ã O	<ol style="list-style-type: none"> 1. O locutor esportivo mais festejado em 1929 foi Anselmo Fioravanti, que não entendia de futebol e por isso inventava. 2. Sua estréia ao microfone gerou uma tempestade de protestos. Os ouvintes exigiam sua dispensa, mas o diretor da estação considerou que muitos outros se pronunciaram encantados com Anselmo, classificado como humorista de primeira água.
---	---

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Mais festejado Não entendia Inventava	Locutor esportivo Anselmo Fioravanti Futebol
	Estréia Microfone Tempestade de protestos
Exigiam sua dispensa Se pronunciaram	Ouvintes Diretor da estação Anselmo Humorista
Tema: Locução Esportiva	

C O M P E T Ê N C I A	<p>2. Foi mantido, e sua atuação despertou sempre o maior sucesso. Jogo narrado por ele era muito mais fascinante do que a verdadeira partida.</p>
---	--

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Despertou Muito mais fascinante	Maior sucesso Jogo narrado Ele Verdadeira partida
Tema: Jogo	

P E R F O R M A N C E	<p>3. Anselmo creditava o gol ao time cujo arco fora vazado. Trocava os nomes dos jogadores, invertia posições e fazia com que o clube derrotado empatasse ou ganhasse, conforme a inspiração do momento. Na verdade, ele não mentia. Apenas, ignorava as regras mais comezinhas do esporte e contava o que lhe parecia estar certo.</p>
---	--

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Creditava Invertia posições Conforme a inspiração	Anselmo Gol Time Arco fora vazado Nomes Jogadores Clube derrotado Empatasse Ganhasse
Apenas Contava Parecia	Verdade Ele Não mentia Ignorava as regras mais comezinhas do esporte
Tema: Jogo de futebol Narração de Futebol	

S A N S Ã	<p>4. Torcedores e agremiações o tinham em alta conta, porque ele mantinha aceso o interesse pelo futebol. Os vencedores de fato não se magoavam com a informação contrária, pois a vitória era</p>
-----------------------	---

O inquestionável. E os derrotados consolavam-se com o triunfo imaginário que ele generosamente lhes concedia.

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
O tinham em alta conta	Torcedores Agremiações
	Ele Mantinha aceso Interesse pelo futebol
Não se magoavam Informação contrária	Vencedores Vitória era inquestionável
Consolavam-se Generosamente Concedia	Derrotados Triunfo imaginário Ele Lhes
Tema: Vitória e Derrota no futebol	

C
O
M
P
E
T
Ê
N
C
I
A

5. De tanto assistir a jogos, um dia ele narrou corretamente um lance.

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
De tanto Corretamente	Assistir a jogos Dia Ele Narrou Um lance

Tema: Narração de Jogo

P E R F O R M A N C E	5. Houve pênalti e Anselmo anunciou pênalti.
---	--

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Houve Anunciou	Pênalti Anselmo Pênalti
Tema: Pênalti	

S A N S Ã O	5. Foi a sua desgraça. Nunca mais ninguém lhe prestou ouvidos, e Anselmo terminou os dias como gari em Vila Isabel.
----------------------------	---

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Foi a usa desgraça	
Nunca mais Lhe prestou	Ninguém Ouvidos
Terminou Como	Anselmo Os dias Gari

	Vila Isabel
Tema: Fim de carreira	

Subtemas extraídos da aplicação do percurso temático e figurativo:

- **Locução Esportiva;**
- **Jogo;**
- **Jogo de Futebol;**
- **Narração de Futebol;**
- **Vitória e Derrota no futebol;**
- **Narração de Jogo;**
- **Pênalti;**
- **Fim de carreira.**

Tema geral: Narração de Futebol

E) OS ESQUADRÕES

Dois esquadrões da morte disputavam o campeonato de outono. O que tinha como logotipo o escorpião levava certa vantagem sobre o que inseria na lapela, em gótico, a palavra *Justice*. Cinquenta e cinco massacrados, por conta do primeiro, e 38, de iniciativa do segundo, eram os números computados até a primeira quinzena de abril.

O grupo *Justice*, sentindo-se em inferioridade, reagiu empreendendo caçada espetacular, mas o Escorpião parecia disposto a levar-lhe a palma, e toda a periferia urbana ficou juncada de corpos.

Uns tantos indivíduos marcados para morrer, em vez de se entregarem ao pânico, decidiram enfrentar o Escorpião e o Justice, formando o terceiro esquadrão, que saía pela madrugada com ânimo e munição suficientes. Ocorreram inúmeras baixas, inclusive por engano.

Achando-se em perigo, os dois esquadrões tradicionais puseram de lado os melindres e fundiram-se numa hiperorganização. O terceiro grupo, cujo símbolo era o lobisomem, acabou achando mais útil entrar em negociação e compor-se com os

adversários. O que foi feito. Constituem hoje uma força invencível, disposta a acabar com todos os inocentes da cidade.

M A N I P U L A Ç Ã O	Dois esquadrões da morte disputavam o campeonato de outono. O que tinha como logotipo o escorpião levava certa vantagem sobre o que inseria na lapela, em gótico, a palavra <i>Justice</i> . Cinquenta e cinco massacrados, por conta do primeiro, e 38, de iniciativa do segundo, eram os números computados até a primeira quinzena de abril.
---	---

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Disputavam	Dois Esquadrões da morte Campeonato de outono
Levava certa vantagem Inseria	Logotipo O escorpião Lapela Gótico Palavra <i>Justice</i>
Números computados	Cinquenta e cinco massacrados 38 Primeira quinzena de abril
Tema: Campeonato Competição	

P E R F O R	O grupo <i>Justice</i> , sentindo-se em inferioridade, reagiu empreendendo caçada espetacular, mas o Escorpião parecia disposto a levar-lhe a palma, e toda a periferia urbana ficou juncada de corpos.
----------------------------	---

M A N C E	<p>Uns tantos indivíduos marcados para morrer, em vez de se entregarem ao pânico, decidiram enfrentar o Escorpião e o Justice, formando o terceiro esquadrão, que saía pela madrugada com ânimo e munição suficientes. Ocorreram inúmeras baixas, inclusive por engano.</p>
-----------------------	---

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Sentindo-se inferioridade Reagiu empreendendo Espetacular Parecia disposto Levar-lhe	Grupo <i>Justice</i> Caçada Escorpião Palma Periferia urbana Juncada de corpos
Uns tantos Marcados Em vez de se entregarem Decidiram Enfrentar Formando Saía Suficientes Ocorreram inúmeras baixas Inclusive Engano	Indivíduos Morrer Pânico Escorpião Justice Terceiro esquadrão Madrugada Ânimo Munição
Tema: Briga de Grupos Competição Mortal	

C O M P E T	<p>Achando-se em perigo, os dois esquadrões tradicionais puseram de lado os melindres e fundiram-se numa hiperorganização.</p>
----------------------------	--

É N C I A	
-----------------------	--

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Achando-se em perigo Puseram de lado Fundiram-se numa	Dois esquadrões tradicionais Melindres Hiperorganização
Tema: União	

P E R F O R M A N C E	<p>O terceiro grupo, cujo símbolo era o lobisomem, acabou achando mais útil entrar em negociação e compor-se com os adversários.</p>
---	--

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
Acabou achando mais útil Entrar Compor-se com os	Terceiro grupo Símbolo Lobisomem Negociação Adversários
Tema: Negociação	

S A N S Ã O	O que foi feito. Constituem hoje uma força invencível, disposta a acabar com todos os inocentes da cidade.
----------------------------	--

Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
O que foi feito Constituem Disposta a acabar	Hoje Força invencível Todos Inocentes da cidade
Tema: União de forças	

Subtemas extraídos da aplicação do percurso temático e figurativo:

- **Campeonato;**
- **Competição;**
- **Briga de Grupos;**
- **Competição Mortal;**
- **União;**
- **Negociação**
- **União de forças.**

Tema geral: Briga entre Grupos

7.2 Entrevistas

7.2.1 Aplicação dos instrumentos de coleta de dados nos indexadores

O método escolhido para a realização da investigação é a pesquisa descritiva (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 20) por permitir a observação, o registro, a análise e a correlação dos fatos.

A técnica de coleta de dados eleita foi a entrevista por permitir a proximidade da pesquisa com a atuação do profissional na área de indexação. Com o objetivo de uma abordagem social, a entrevista permite a coleta dos dados para a resolução de um problema social. Ele compõem se uma conversação realizada face a face, com o

entrevistado.

Segundo Marconi e Lakatos (2002, p. 93)

A entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como da sociologia, da antropologia, da psicologia social, da política, do serviço social, do jornalismo, das relações públicas, da pesquisa de mercados e outras.

Sendo o objeto da Ciência da Informação social, pois busca categorias que possam ser apropriadas por consumidores, a pesquisa teve como premissa a escolha de uma técnica que privilegiasse a investigação social. Caracteriza-se pela obtenção de informações do entrevista acerca de determinado assunto ou problema.

Em relação ao conteúdo da entrevista, Selltiz (1965) citado por Marcone e Lakatos (2002) demonstra seis tipos de objetivos:

- a) averiguação de “fatos”. Descobrir se as pessoas que estão de posse de certas informações são capazes de compreendê-las;
- b) determinação das opiniões sobre os “fatos”. Conhecer o que as pessoas pensam ou acreditam que os fatos sejam;
- c) determinação de sentimentos. Compreender a conduta de alguém por meio de seus sentimentos e anseios;
- d) descoberta de planos de ação. Descobrir, por meio das definições individuais dadas, qual a conduta adequada em determinadas situações, a fim de prever qual seria a sua. As definições adequadas da ação apresentam em geral dois comportamentos: os padrões éticos do que deveria ter sido feito e considerações práticas do que é possível fazer.
- e) Conduta atual ou do passado. Inferir que conduta a pessoa terá no futuro, conhecendo a maneira pela qual ela se comportou no passado ou se comporta no presente, em determinadas situações;
- f) Motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas. Descobrir por que e quais fatores podem influenciar as opiniões, sentimentos e conduta.

Os tipos de entrevista variam de acordo com o objetivo do entrevistador. Três tipos são destacados na literatura: a padronizada ou estruturada; a despadronizada ou não estruturada; e a painel.

A padronizada (estruturada) tem como característica o roteiro que é seguido pelo entrevistador, construído de forma prévia, onde as perguntas aos indivíduos da pesquisa são predeterminadas. Ela é elaborada por formulário e aplicada em pessoas escolhidas dentro do universo a ser explorado.

Para Lodi (1974, p. 16)

O motivo da padronização é obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, permitindo 'que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas

A entrevista despadronizada ou não estruturada é aquela onde o entrevistado tem liberdade para desenvolver as situações apresentadas. As perguntas são feitas de forma aberta sendo respondidas dentro de uma conversação informal. Apresentam-se em três modalidades (ANDER-EGG, 1978, p.110):

- Entrevista focalizada: há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. Para isso, são necessárias habilidades e perspicácia por parte do entrevistador. Em geral, é utilizada em estudos de situações de mudança de conduta;
- Entrevista clínica. Trata-se de estudar os motivos, os sentimentos, a conduta das pessoas. Para esse tipo de entrevista pode ser organizada uma série de perguntas específicas;
- Não dirigida. Há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretando, forçá-lo a responder.

A entrevista painel consiste

na repetição de perguntas, de tempo em tempo, às mesmas pessoas, a fim de estudar a evolução das opiniões em períodos curtos. As perguntas devem ser formuladas de maneira diversa, para que o entrevistado não distorça as respostas com essas repetições (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 94)

A abordagem técnica de coleta de dados para a realização da pesquisa era apenas a entrevista estruturada, como consta no projeto inicial dos trabalhos, mas no desenvolvimento dos estudos, e no decorrer das reflexões teórico-metodológicas, identificou-se a necessidade de perguntas que fossem padronizadas, permitindo a comparação e a análise das diferenças das respostas, bem como extrair determinadas informações utilizando a entrevista focalizada.

Para a elaboração das perguntas padronizadas foi usada a escala Lickert. A escala Lickert é um método simples para a construção de escalas de atitudes, e não requer especialidade tendo como base a escala de Thurstone. O instrumento foi construído com dois blocos de escalas de cinco posições: nenhuma intensidade, pouca intensidade, média intensidade, substancial intensidade e intensa (bloco I); discordo totalmente, discordo pouco, discordo médio, concordo, concordo totalmente (APÊNDICE A).

As questões foram divididas em 03 blocos, procurando identificar os aspectos da experiência profissional em relação à atividade de indexação, bem como suas atitudes e posturas, e por fim a caracterização do perfil do entrevistado.

As questões da entrevista focalizada foram construídas de acordo com as situações de conduta do indexador (APÊNDICE B).

A identificação da seqüência canônica nos contos, e aplicação do percurso temático e figurativo para a extração dos assuntos no conto, a princípio era dos um dos objetivos dessa pesquisa. O instrumento para que os bibliotecários realizassem o exercício foi construído (APÊNDICE C), mas conforme as entrevistas eram realizadas, os entrevistados apresentaram dificuldades para a compreensão da prática do mesmo.

Procedimentos anteriores à coleta de dados

Universo da pesquisa: o *locus* de investigação foram as bibliotecas da Rede UNESP na área de Humanas: Biblioteca “Acácio José Santa Rosa”

Campus de Assis, Biblioteca “UNESP – *Campus* de São José do Rio Preto” e Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras – FCLAr - UNESP - *Campus* de Araraquara. Essas unidades foram escolhidas por possuírem os maiores acervos compostos por obras de ficção, e principalmente por abrigarem cursos de graduação e de pós-graduação que utilizam esse material bibliográfico como referencial teórico-científico. Utilizaremos Unidade A, Unidade B e Unidade C para designação das bibliotecas que participaram da pesquisa.

Seleção dos indivíduos: foi selecionado para a realização das entrevistas os bibliotecários responsáveis pela indexação nesses unidades de informação. Utilizaremos a identificação bibliotecária A, bibliotecário B, bibliotecário C, bibliotecário D e bibliotecário E para preservar os profissionais que participaram da pesquisa.

Procedimentos execução: o primeiro passo foi o contato telefônico com a diretora da biblioteca a ser visitada para e entrevista, explicação sucinta acerca do trabalho a ser realizado e a solicitação de autorização. Após concessão de autorização, o agendamento para a realização da pesquisa foi obtido de acordo com a disponibilidade do bibliotecário.

Procedimentos de análise de coleta

Locus da pesquisa: as entrevistas foram realizadas nos locais pertinentes à pesquisa. Sempre respeitando o pré-agendamento estabelecido. Todas as entrevistas foram realizadas no ambiente de trabalho do bibliotecário.

Procedimentos execução: a primeira ação, após o contato inicial, foi explicar para os profissionais o objetivo da pesquisa e o motivo da escolha por tais unidades. Após isso, o profissional respondia as questões do bloco I, bloco II e bloco III (APÊNDICE I). As interferências por parte dos bibliotecários foi uma característica constante em todas as unidades, ora solicitando explicações, ora oferecendo informações sobre a questão proposta, e por muitas vezes justificando a opção escolhida. Mesmo sendo estruturada as perguntas, muitas informações importantes foram obtidas nesse contato entre uma pergunta e outra. A próxima ação foi

aplicação da entrevista focalizada onde os entrevistados prontamente responderam as questões.

7.2.2 Apresentação, análise e resultados dos dados coletados

7.2.3 Apresentação dos dados coletados

a) Perguntas estruturadas

Conforme explicitado no capítulo anterior, os dados a seguir são referentes às questões estruturadas respondidas pelo bibliotecário.

Bloco I – Experiência com a atividade de indexação.

Respostas de cinco bibliotecários entrevistados:

ATIVIDADE DE INDEXAÇÃO	Nenhum(a)	Pouco(a)	Médio(a)	Substancial	Intenso(a)
1. É importante o bibliotecário de indexação ter trabalhado em outra área dentro da biblioteca?				4	1
2. É importante o bibliotecário que trabalha com indexação de obras ficcionais conhecer seu público-alvo (demanda)?					5
3. Existe diferença entre a indexação de uma obra técnico-científica e uma obra de ficção?			1	2	2
4. É importante o uso de um vocabulário controlado ou tesouro para a indexação?				1	4
5. É importante o bibliotecário fazer a leitura documentária das obras de ficção?				2	3
6. Qual o grau de importância do profissional bibliotecário que trabalha com indexação?					5
7. A experiência profissional faz a diferença no momento da atividade de indexação de obras ficcionais?		1		2	2
8. Existe diferença entre indexação e catalogação?					5
9. O público-alvo (demanda) pode interferir na atividade de indexação				2	3
10. As ferramentas e recursos utilizados no momento da indexação têm influência na recuperação da informação?				1	4
11. O tratamento temático da obra de ficção têm importância para o desenvolvimento técnico-científico?			2	2	1
12. Existe uma política de capacitações sobre indexação para o bibliotecário indexador dentro da Rede de Bibliotecas da UNESP.	3	2			

Bloco II – Atitudes do entrevistado em relação à atividade de indexação

Respostas de cinco bibliotecários entrevistados:

1. Discordo Totalmente
2. Discordo pouco

3. Discordo Moderadamente
4. Concordo Pouco
5. Concordo Substancialmente

ATITUDES EM RELAÇÃO A ATIVIDADE DE INDEXAÇÃO	1	2	3	4	5
1. A recuperação da informação fica prejudicada com uma indexação realizada sem descritores que representem adequadamente o assunto.					5
2. Você prefere usar os métodos mais avançados de indexação. ¹⁴			2	1	1
3. Você tem a impressão que as linguagens de indexação utilizadas em outras universidades são mais adequadas do que a que você utiliza.		1	1	2	1
4. A indexação utilizada na Rede Unesp de Biblioteca para obras ficcionais é adequada para representar os conteúdos das obras.	1	1	1	2	
5. A indexação na Rede UNESP de biblioteca utiliza os descritores de assunto conforme o Bibliodada, fundamentado no Library of Congress Subject Headings (LCSH).				1	4
6. Você está atualizado com os avanços na área de indexação. ¹⁵		1	1	2	
7. Existe diferença em indexar uma obra técnico-científica (livros didáticos, obras de referência, periódicos, etc) de uma obra de ficção (conto, crônica, romance, novela).			1	1	3
8. Indexar uma obra de ficção é mais complexo, pois não existem as marcações textuais dos textos técnico-científicos (introdução, objetivo, justificativa, metodologia, conclusão).			2	1	2
9. É importante a UNESP ter sua própria linguagem de indexação para que a identificação e seleção de conceitos sejam realizadas segundo a concepção orientada para o conteúdo e para a demanda.				2	3
10. Você faz a indexação das obras ficcionais (ou técnicas) no momento que vai realizar a catalogação.				1	3
11. Você nunca utilizava o Campo 690 (termo livre), pois não é necessário.	2	2			1
12. Não existe Manual de Indexação na Rede Unesp de Biblioteca.	1			1	2
13. Você nunca precisa procurar o termo em inglês porque todos os termos estão em português.	1	2			2
14. Os assuntos das obras no OPAC são bem representados por isso o aluno prefere fazer a pesquisa pelo assunto e não por autor e título.		3	2		
15. Você considera que a lista de termos autorizados no Bibliodata contempla os assuntos concernentes as obras de ficção (romances, contos, crônicas, novelas, literatura infanto-juvenil, etc).	1	1	2	1	
16. Você considera importante que os procedimentos metodológicos de análise de assunto das obras ficcionais sejam diferentes dos procedimentos aplicados às obras técnicas.			1	2	2
17. A pesquisa por Assunto de obras ficcionais na antiga versão do Aleph (11.0) sempre atendia as necessidades do usuário.	1	1	2	1	
18. O aluno prefere fazer a pesquisa no OPAC por autor e título.			2	1	2
19. Você sempre utilizava o Campo 690 (termo livre) para que possa utilizar a linguagem adequada para o seu usuário.	1		2	1	1
20. Na nova versão do Aleph a pesquisa por assunto de obras de ficção é mais relevante para o usuário	1		3	1	

¹⁴ Um dos entrevistados não respondeu a questão por desconhecer os métodos de indexação.

¹⁵ Um dos bibliotecários não respondeu a questão

Bloco III – Caracterização do entrevistado

Sexo	Todos os entrevistados são do sexo feminino;
Faixa etária	04 entrevistadas estão na faixa etária entre 26 a 35 anos;
Grau de Instrução	01 entrevistada está na faixa etária entre 36 a 45 anos.
	03 entrevistadas possuem Superior Completo;
	02 entrevistadas possuem Especialização.
Renda Familiar	01 entrevistada possui renda familiar entre R\$ 4.500,00 a R\$ 6.000,00
	01 entrevistada possui renda familiar entre R\$ 2.500,00 a R\$ 4.500,00
	03 entrevistadas possuem renda familiar entre R\$ 1.000,00 a R\$ 2.500,00
Principal atividade	02 supervisoras técnicas de seção (catalogação)
	03 catalogadoras (bibliotecárias)
Segunda atividade	01 entrevistada respondeu como sendo o processamento técnica;
	01 entrevistada respondeu como sendo a indexação;
	03 entrevistas deixaram em branco a questão.
Principais Ferramentas Usadas na indexação	<p>1. (2) Classificação Decimal de Dewey 2. (4) OPAC Athena 3. (5) Bibliodata 4. (5) Library of Congress 5. (4) Outro</p> <p>Especifique qual: Biblioteca Nacional – por 2 bibliotecários na mesma unidade Acervus Dedalus</p>
Experiência Profissional com a Indexação	Uma de 06 meses; Uma de 01 ano; Duas assinalaram “Outro”: correspondendo a 05 anos e 07 anos Uma de 03 anos;
Participação em grupos de discussão na	03 bibliotecárias responderam que não participavam 02 bibliotecárias responderam que participam:

Internet	<ul style="list-style-type: none"> • Bibliotecários Yahoo; • BibAmigos.
-----------------	---

b) Entrevista focalizada

A entrevista foi realizada com as cinco bibliotecárias responsáveis pela catalogação nas unidades objetivas da pesquisa. Foram elaboradas sete questões relacionadas com a atividade de indexação e as obras de ficção. A seguir, a transcrição das respostas:

1	Na sua opinião, quais são as principais diferenças existentes entre uma obra técnico-científica (livro didático, revista informativa, periódico) e uma obra de ficção (literatura, romance, crônica, conto)? Enumere as diferenças.
	<p>"dentro da indexação, o tema que foi levantado hoje, que a obra de ficção exige algumas peculiaridades"</p> <p>"no ambiente da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, a diferença pode estar na finalidade que o usuário quer da obra, os técnico-científicos são, normalmente, para estudos, sendo que as de ficção são para lazer, por esse motivo, talvez, não se pensa em tratar essas obras com uma especificidade maior no momento da indexação".</p> <p>"a obra técnico-científica, geralmente, é objetiva nos assuntos. Já a obra de ficção merece mais conhecimento prévio por parte do catalogador/indexador".</p> <p>"a obra técnico-científica, na maioria das vezes, traz seus assuntos mais explícitos, seja pelo destaque dado no resumo, na introdução. Em contrapartida as obras de ficção demandam um tempo maior pois é preciso conhecer minimamente a obra para saber quais assuntos ela trata. Nem sempre os títulos dão uma clara noção do assunto quando falamos de obra de ficção. A obra técnico-científica traz muitas vezes o assunto explicitado no título".</p> <p>"dados de publicação (na literatura os dados são menos consistentes); sumário; índices; bibliografia"</p>
2	Qual o "tipo" de material que é mais rápido para ser indexado? Por quê?
	<p>"material que a comunidade conhece. Os livros da área, pois conhece a demanda. As obras relacionadas aos cursos oferecidos aqui".</p> <p>"na realidade atual acredito que não existe diferença com relação a tempo entre obras técnicas e as de ficção. Depende da obra, as obras de ficção por se indexar pelo tipo de literatura às vezes é rápido, mas tem livros técnicos que tratam de assuntos bem diretos que também são rápidos",</p> <p>"depende do nível de domínio sobre o assunto, da língua, do conhecimento sobre o público usuário".</p> <p>"Os livros didáticos, pois ao determinar a área fica mais fácil encontrar as subdivisões adequadas".</p> <p>"o técnico-científico é mais fácil, pois possui mais informações".</p>

3	Se você tiver que indexar uma obra sem a utilização da lista do Bibliodata qual seriam os seus procedimentos? Explique.
	<p>"utilizaria o cabeçalho local. Criado pelo senhor Acácio José Santarosa, que trabalhou na biblioteca durante muitos anos, e conhecia os livros que tal forma que podia perguntar a localização deles que ele sabia onde estava, a cor e espessura do livros. Na época dele não havia as divisões na biblioteca, existia um chefe". O cabeçalho local de mostra eficiente. Geralmente o termo é autorizado no Bibliodata".</p> <p>"depois de analisar a obra e levantar alguns descritores, procuraria no próprio OPAC do Aleph, o que outras unidades usaram como termo, e depois outras bases existentes"</p> <p>"partindo da leitura técnica e conhecendo a forma de busca do usuário, deveria utilizar/criar uma outra lista de assuntos autorizados, pois um padrão é necessário".</p> <p>"analisaria o título, subtítulo. Recorreria a ficha catalográfica no verso da página de rosto caso ela exista. Leria as 'orelhas', contracapa. Analisaria o sumário., e se ainda fosse necessário leria a introdução".</p> <p>"olhar título, orelha, página de rosto, bibliografia".</p>
4	Por quê o trabalho do indexar é importante dentro da biblioteca?
	<p>"considero o mais importante, pois o termo é importante para recuperação da informação. A classificação é importante para a localização física do material, mas é indexação que faz com que o usuário recupere a informação".</p> <p>"porque é através da indexação que o usuário consegue recuperar a informação e sanar sua necessidade informacional, é mais uma forma de busca, além de título, autor".</p> <p>"sem indexação pode não haver recuperação da informação com especificidade".</p> <p>"porque é através dela que a obra se torna realmente acessível ao usuário. Uma boa indexação permite uma recuperação satisfatória, aliando revocação e precisão. De nada adianta atribuir uma infinidade de assunto a uma obra se eles são apenas superficialmente mencionadas na mesma, criando uma falsa impressão de qualidade".</p> <p>"para recuperação da informação"</p>
5	Você se considera indexador ou catalogador?
	<p>"faço um pouco de tudo. Exerço os dois papéis, as duas funções".</p> <p>"sou mais catalogador".</p> <p>"catalogadora, já que a indexação está dentro do registro bibliográfico, que é feito por completo".</p> <p>"ambos, pois ainda que a indexação não seja uma atividade isolada na hora de catalogar é preciso determinar os assuntos e escolher o que é correto e mais adequado ao perfil do nosso usuário. É bom lembrar que ao classificar também estamos indexando pois ao atribuir uma seqüência numérica a obra estamos encaixando-a em uma determinada classe".</p> <p>"as duas coisas"</p>
6	Você considera que a lista de assuntos autorizados do Bibliodata é

	adequada para indexar as obras de ficção, por quê?
	" a questão não é a base autorizada, mas a forma que o profissional se comporta com esse material. Não faz parte da realidade do profissional pensar as peculiaridades da obra de ficção. Um exemplo, outro tivemos que catalogar um livro de literatura que tratava em seu assunto o "aborto", mas indexamos ele como "Literatura austríaca". A mesma coisa aconteceu com um livro que tratava sobre deficiência mental", indexamos como "literatura americana". Mesmo sabendo do assunto, não me sinto a vontade para indexar a literatura por outros termos. Por isso acho que é um problema na formação, de treinamento profissional".
	"os termos do Bibliodata não contemplam várias áreas, inclusive a de ficção, um exemplo é o termo "romance brasileiro" que não existe.
	"não é adequada, pois não contempla termos como "romance brasileiro, forma bibliográfica".
	"não, pois ela é superficial e muitas vezes não possui termos que possam identificar mais claramente a obra. Ainda existe o problema do relacionamento dos termos, como as subdivisões, que não podem ser concretizados devido as instruções do que pode ou não pode ser cabeçalho, subcabeçalho, ou quando surge a necessidade de utilizar uma determinada divisão geográfica".
	"existem falhas, mas atende as necessidades, e quando não atende o Campo 690 é usado.
7	O que mais dificulta a indexação de obras de ficção?
	"eram as consideradas as mais fáceis antes desse nosso contato, agora estou repensando sobre isso".
	"muitas vezes precisa-se buscar conhecimentos sobre o autor, para saber qual é o tipo de literatura, ano de morte, dados desse tipo".
	"a lista de autorizados e talvez a falta de uma nova política de indexação".
	"a falta de tempo, a falta de conhecimentos específicos na área e a inexistência de um instrumento, como um vocabulário controlado ou tesauro, da área".
	"a falta de informações nas publicações quando fazemos a pesquisa no bibliodata, pois a maioria não traz o registro".

7.2.4 Análise e discussão dos resultados

Bloco I – Experiência com a atividade de indexação

Discutiremos a seguir as questões assinaladas pelos bibliotecários que realizam a indexação de obras ficcionais (e outras obras) nos *campus* que fizeram parte do escopo dessa pesquisa.

O primeiro bloco de respostas a ser analisado e discutido será o Bloco I:

1. É importante o bibliotecário de indexação ter trabalhando em outra área dentro da biblioteca?

Os cinco profissionais entrevistados responderam que é importante o bibliotecário ter experiência em outro setor dentro da Biblioteca. Quatro responderam que a importância é substancial e um que a importância é intensa. Isso é relevante, pois o profissional precisa ter a visão global do sistema de informação no qual está inserido, desenvolvendo habilidades nas diversas áreas de atuação no ambiente da biblioteca, proporcionando ao profissional o desenvolvimento de competências no seu fazer. Acredita-se que o bibliotecário que conhece a unidade de forma global, suas rotinas, atividades, administração, terá mais recursos disponíveis para a tomada de decisão.

2. É importante o bibliotecário que trabalha com indexação de obras ficcionais conhecer seu público-alvo (demanda)?

Todos os entrevistados responderam que é importante para a atividade de indexação o conhecimento da comunidade, da demanda. Todos responderam que a importância é “intensa”. O bibliotecário que realiza a indexação não é o mesmo que atende ao usuário, pois na estrutura organizacional das bibliotecas da Rede Unesp, o profissional lotado para essa atividade trabalha na seção conhecida como STATI – Seção de Tratamento Técnico da Informação, e não tem contato com o usuário interno e externo. Ele executa rotinas voltadas para o processamento técnico do material. Dessa forma, os entrevistados consideraram importantes o conhecimento da comunidade, dado que inter-relaciona-se com a questão 1, uma vez que os mesmos entrevistados consideram importante a experiência em outros âmbitos dentro da unidade de informação. Essa experiência proporcionaria conhecimento no que diz respeito ao profissional que executará a indexação, ter experiência no atendimento ao usuário, na referência, contribui positivamente para a atividade, pois o profissional conhece sua comunidade, sua demanda e suas necessidades informacionais da mesma.

3. Existe diferença entre a indexação de uma obra técnico-científica e uma obra de ficção?

A resposta dos entrevistados foi que a diferença é de média para intensa. Um bibliotecário considera que a diferença é média, e dois que a diferença é intensa. No segundo instrumento de coleta respondido os profissionais explicam quais são as diferenças consideradas por eles. O importante para essa pesquisa é detectar que os profissionais confirmam que as diferenças existem entre uma obra didática, técnico-científica, e uma obra de ficção.

4. É importante o uso de um vocabulário controlado ou tesauro para a indexação?

Todos reconhecem que é importante a utilização de instrumentos que padronizem as entradas para os assuntos das obras processadas no sistema da biblioteca. Essa importância é de substancial a intensa. Um profissional considera substancial e quatro consideram intenso. Esse dado é importante para avaliarmos que as bibliotecas escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa, que possuem grandes acervos na área de literatura, reconhecem que esses materiais precisam ser processados para posterior recuperação da informação por meio da utilização de recursos que possibilitem a potencialidade e otimização dos resultados das pesquisas dos usuários.

5. É importante o bibliotecário fazer a leitura documentária das obras de ficção?

Pelas respostas obtidas, todos apontam que é importante a leitura documentária das obras de ficção, sendo substancial e intensa. Dois entrevistados consideram a importância substancial e três consideram intensa. A leitura técnica possibilita que o profissional, por meio de pontos estratégicos da obra, saiba do que trata o documento, assim estabeleça quais são os assuntos que representam a obra para sua recuperação.

6. Qual o grau de importância do profissional bibliotecário que trabalha com indexação?

Todas as respostas foram que a importância do indexador é intensa. Trabalharemos esse dado na questão 8.

7. A experiência profissional faz a diferença no momento da atividade de indexação de obras ficcionais?

Quanto entrevistados consideram que a experiência é importante, e um que é pouca. Foi a primeira questão em que os entrevistados apresentaram grande diferença na resposta. Os que consideram importante explicam que a experiência no fazer da indexação desenvolve as competências para a realização da atividade. O entrevistado que respondeu que a importância é pouca, é baixa, explicou que para essa atividade a experiência profissional na indexação não faz tanta diferença, pois existem as regras e os padrões para ser seguidos no

momento da indexação, o que entendemos por política. Interessante ressaltar que o entrevistado que forneceu essa informação é um dos profissionais que mais tem experiência com a atividade, pois no Bloco III – Caracterização do entrevistado, responde que trabalha como indexador a mais de cinco (5) anos.

8. Existe diferença entre indexação e catalogação?

Todas as respostas foram que a diferença entre indexação e catalogação é intensa. O interessante nessa resposta é que a atividade de indexação é realizada na Rede UNESP como um componente da catalogação. O profissional não é considerado “indexador” e sim “catalogador”. Isso é confirmado no Bloco III – Caracterização do entrevistado quando perguntamos qual a principal atividade e três (03) responderam “catalogação” e dois (2) supervisores técnicos de seção (são supervisores da seção técnica de tratamento da informação e responsáveis pela catalogação de suas unidades de informação).

Se a diferença entre catalogação e indexação é intensa porque essa é executada como sendo um componente da primeira?

O profissional ao realizar a catalogação vai preenchendo os campos da planilha em formato de intercâmbio (Formato MARC) colocando os dados necessários para descrição da obra (001 Número de Controle; 002 Código de Movimento; 040 Fonte de catalogação; 041 Código de Idioma; 100 Entrada Principal – Nome pessoal; 245 Título; 300 Descrição física; etc) e no Campo 650 Assunto – Termo tópico o assunto é da obra é inserido.

Atualmente a indexação é realizada introduzindo os descritores de assunto de acordo com o Bibliodata desenvolvido pela Fundação Getúlio Vargas (FVG), o que utiliza linguagem de indexação natural, controlada e pré-coordenada, fundamentada no Library of Congress Subject Headings (LCSH) e respeitando as particularidades de língua portuguesa.

Os descritores devem ser extraídos do Bibliodata conforme os passos a seguir:

- Passo 1 – Fazer a pesquisa no Bibliodata do assunto concernente a obra a ser indexada

O Bibliodata fornece uma lista de termos autorizados para o assunto desejado.

- Passo 2 – Verificar na lista de termos autorizados se existe o assunto

Se existir o assunto

- Passo 3 – Indexar o assunto no campo 650 TERMO AUTORIZADO
Se não existir o assunto
- Passo 4 - Fazer a pesquisa de assunto na Library of Congress
A LC trará uma lista de termos autorizados em inglês
- Passo 5 – Fazer a tradução dos termos e verificar se ele é muito usado ou não
Se for pouco utilizado
- Passo 6 – Indexar no Campo 690 – TERMO LIVRE – Cabeçalho não autorizado pelo Bibliodata
Se for muito utilizado
- Passo 7 – Fazer o pedido, por meio da CGB, para que o Bibliodata insira o termo na lista de autorizada.
- Passo 8 – Aguardar a inserção do termo e indexar. Finalização.

Voltamos a ressaltar que apesar dos entrevistados detectarem que exista diferença entre indexação e catalogação, a primeira é realizada como um componente da segunda.

9 – O público-alvo (demanda) pode interferir na atividade de indexação?

As respostas mostraram que o público exerce interferência sobre a forma de recuperação da informação. Duas (2) foram de forma substancial e três (3) intenso. Os entrevistados explicaram que de acordo com as necessidades do usuário as obras são indexadas. Às vezes por sugestão de especialistas o livro é indexado em assuntos que permitam que ele fique agrupado junto com obras que o usuário poderá rastreá-lo visualmente na estante.

10 – As ferramentas e recursos utilizados no momento da indexação têm influência na recuperação da informação?

As respostas mostraram que as ferramentas e recursos utilizados para indexação exercem influência na recuperação da informação.

As principais ferramentas utilizadas pelos profissionais por ordem de utilização e destacadas no Bloco III – Caracterização do entrevistado forma:

- Bibliodata;

- Library of Congress;
- OPAC Athena;
- Outro (Biblioteca Nacional, Acervus, Dedalus);
- Classificação Decimal de Dewey.

A Classificação Decimal de Dewey - CDD (Dewey decimal classification and relative index / devised by Melvil Dewey) é um recurso muito utilizado para a indexação. As obras são classificadas de acordo com a CDD, e de acordo com o assunto usado utilizado o profissional procede à indexação.

11 – O tratamento temático da informação da obra de ficção tem influência para a importância para o desenvolvimento técnico-científico?

Todos entrevistados responderam que tem influência, mas os graus foram diversos: dois (2) responderam médio; dois (2) substancial; e um (1) intenso.

12 – Existe uma política de capacitação sobre indexação para o bibliotecário indexador dentro da Rede de Bibliotecas da UNESP?

Três entrevistados assinalaram que não existe nenhuma política de capacitação sobre indexação. Dois responderam que existe, mas muito pouco.

Os entrevistados reconhecem os treinamentos existentes, mas sentem a carência de uma política que estabeleça um plano periódico de capacitações onde os profissionais possam, além de se atualizarem, trocar experiências.

Bloco II – Atitudes em relação a atividade de indexação

1 – A recuperação da informação fica prejudicada com uma indexação realizada sem descritores que representem adequadamente o assunto?

Levando em consideração a proposta da pesquisa em relação às obras de ficção essa questão foi elaborada visto que entendemos que essas obras não são representadas adequadamente por descritores no sistema de informação. Todos os

entrevistados forneceram a mesma resposta, ou seja, concordam substancialmente que a recuperação da informação fica prejudicada com uma indexação que não corresponda aos assuntos mais relevantes que tratam uma obra.

2 – Você prefere usar os métodos mais avançados de indexação?

Nesta questão, dois (2) entrevistados responderam que concordam, preferem usar os métodos mais avançados, variando entre concorda substancialmente e concorda pouco; dois (2) responderam que discordam moderadamente. As respostas foram interessantes uma vez que já Rede de Bibliotecas da UNESP utiliza-se o Bibliodata de linguagem natural, controlada e pré-coordenada, com fundamento no Library of Congress Subject Headings (LCSH). Um dos entrevistados não respondeu por desconhecer os métodos sugeridos na pergunta.

3 – Você tem a impressão que as linguagens de indexação utilizadas em outras universidades são mais adequadas do que a que você utiliza?

As respostas foram dispersas variando de discordo pouco a concordo substancialmente. Talvez devido à falta de conhecimento nos procedimentos de indexação de outras universidades.

4 – A indexação utilizada na Rede de Biblioteca da UNESP para obras ficcionais é adequada para representar os conteúdos das obras?

As respostas concentraram-se no discordo, variando entre discordo totalmente e concordo pouco. Isso demonstra para a pesquisa que seu pressuposto é coerente, as obras ficcionais precisam de melhor representação para a recuperação de suas informações.

5 – A indexação na Rede UNESP de biblioteca utiliza os descritores de assunto conforme o Bibliodata, fundamentado no Library of Congress Subject Headings (LCSH)?

Todos os entrevistados concordam que os descritores de assunto utilizados na Rede de Bibliotecas da UNESP são os do Bibliodata, utilizando-se do mesmo para a indexação em suas bibliotecas.

6 – Você está atualizado com os avanços na área de indexação?

Um (1) entrevista respondeu que discordava pouco com a questão; um (1) discordou moderadamente; dois (2) concordaram pouco; e (1) não respondeu. Percebe-se pela dispersão nas respostas que seria importante a Rede de Bibliotecas ter uma política de capacitação não apenas do ponto de vista operacional da indexação, mas também teórico.

7 – Existe diferença em indexar uma obra técnico-científica (livros didáticos, obras de referência, periódicos, etc) de uma obra de ficção (conto, crônica, romance, novela)?

As respostas variaram entre discordo moderadamente e concordo substancialmente. As diferenças apontadas pelos bibliotecários quanto as diferenças serão elucidadas na análise da pergunta de número um (1) da entrevista focalizada.

8 – Indexar uma obra de ficção é mais complexo, pois não existem as marcações textuais dos textos técnico-científicos (introdução, objetivo, justificativa, metodologia, conclusão)?

As respostas dos entrevistados variaram de discordo moderadamente a concordo substancialmente. A visão desses profissionais as obras de ficção possuem características bem peculiares que individualizam o processamento desse tipo de material.

9 – É importante a UNESP ter sua própria linguagem de indexação para que a identificação e seleção de conceitos sejam realizadas segundo a concepção orientada para o conteúdo e para a demanda?

Todos concordaram que é necessário da UNESP ter sua própria linguagem de indexação. As respostas se concentraram em concordo substancialmente (3) e concordo pouco (2). As unidades entrevistadas possuem seu acervo especializado em obras literárias sendo relevante esse dado para a pesquisa uma vez que a problemática da representação das obras ficcionais é exposta neste trabalho.

10 – Você faz a indexação das obras ficcionais (ou técnicas) no momento que vai realizar a catalogação?

As respostas de concentraram em concordo substancialmente, tendo uma variação de concordo pouco. Como foi apresentando na análise do bloco anterior os

profissionais identificam-se como catalogadores. Apesar de todos serem unânimes ao responder que existem diferenças entre a catalogação e a indexação, esta é executada como sendo um componente da primeira.

11 – Você nunca utilizou o Campo 690 (termo livre), pois não é necessário?

As respostas concentraram-se em discordo. Uma (1) apenas foi concordo substancialmente. Isso mostra que apesar de usarem o Biblioteca, os termos não representam adequadamente os assuntos das obras para seus usuários, fato que é observado com a utilização do Campo 690 de termo livre.

12 – Não existe Manual de Indexação na Rede Unesp de Biblioteca?

As respostas concentraram-se em concordo. Variação de uma resposta como discordo totalmente. Não existe um manual de indexação, o que existe são orientações de como realizar a catalogação no sistema, e como fazer a pesquisa de assunto no Bibliodata.

13 – Você nunca precisa procurar o termo em inglês porque todos os termos estão em português?

A respeito dos termos em inglês os entrevistados mostraram dispersão na resposta. Três (3) discordaram e dois (2) concordaram. Isso mostra que os termos em português não contemplam os assuntos necessários para a indexação. É necessário procurar o termo em inglês para verificar se já existe uma tradução autorizada.

14 – Os assuntos das obras no OPAC são bem representados por isso o aluno prefere fazer a pesquisa pelo assunto e não por autor e título?

Todos discordaram dessa afirmação, variando entre discordo totalmente e discordo pouco. Os usuários preferem a busca por autor e título. Os usuários que mais realizam as pesquisas por assuntos são os da pós-graduação.

15 – Você considera que a lista de termos autorizados no Bibliodata contempla os

assuntos concernentes as obras de ficção (romances, contos, crônicas,, novelas, literatura infanto-juvenil, etc)?

A dispersão da resposta ficou entre discordo totalmente a concordo pouco. Os entrevistados apontaram que os termos do Bibliodata são falhos. Um exemplo é que o Bibliodata não contempla do assunto “Romance Brasileiro”.

16 – Você considera importante que os procedimentos metodológicos de análise de assunto das obras ficcionais sejam diferentes dos procedimentos aplicados às obras técnicas?

As respostas concentraram-se em concordo. Uma (1) variação de discordo moderadamente. Essa informação é importante para essa pesquisa, pois a proposta nuclear é o estudo que possibilite a criação de uma metodologia para análise de obras de ficção.

17 – A pesquisa por assunto de obras ficcionais na antiga versão do Aleph (11.0) sempre atendia as necessidades do usuário?

Os entrevistados discordaram que na antiga versão do Aleph (sistema automatizado da Rede de Biblioteca da UNESP), conhecido pela comunidade usuária como Athena, a pesquisa por assunto sempre atendia as necessidades do usuário. Tendo uma variação de resposta concordo pouco. Na versão 11.0 do sistema a busca por assunto não era confiável, não recuperava as informações reais das obras, pois do sistema era muito desatualizado e o buscador por assunto apresentava alguns problemas.

18 – O aluno prefere fazer a pesquisa no OPAC por autor e título?

Os entrevistados responderam positivamente a essa questão, tendo a variação de duas (2) respostas discordo moderadamente. Novamente explicaram que os alunos de graduação preferem a pesquisa por autor e título e os alunos de pós-graduação pela pesquisa de assunto.

19 – Você sempre utilizada o Campo 690 (termo livre) para que possa utilizar a linguagem adequada para o seu usuário?

As respostas foram coerentes em relação a mesma pergunta apresentada no item 11 só que na negativa, ou seja, o termo livre é utilizado para representação de assunto nessas bibliotecas pois o bibliodata não contempla totalmente a necessidade de representação.

20 – Na nova versão do Aleph a pesquisa por assunto de obras de ficção é mais relevante para o usuário?

Quatro (4) respostas concordaram que na nova versão a pesquisa por assunto das obras de ficção é mais relevante, e uma (1) resposta discordou totalmente. O entrevistado que discordou explicou que considera que isso não modificou com a nova versão. Na nova versão a busca por assunto está funcionando, trazendo para o usuário as obras que foram indexadas, tanto no 650 (termo autorizado) como no 690 (termo livre).

Entrevista focalizada

a) Principais diferenças entre obras técnicas-científicas e obras de ficção:

- Finalidade de uso: a primeira para estudos, as de ficção para lazer, por isso não existe uma necessidade de tratar essas obras com tanto especificidade;
- A obra técnica é mais objetiva na apresentação dos assuntos;
- Os assuntos nas obras técnicas são mais explícitos, na maioria das vezes apresentam o assunto no título. A obra de ficção necessita de tempo para conhecer o seu assunto e os títulos não dão uma noção dos mesmos;
- A diferença está também nos dados de publicação. Na literatura os dados são menos consistentes. As obras técnicas apresentam sumário, índices, bibliografia.

b) Qual o material mais rápido de ser indexado:

- Material que a comunidade conhece;
- Livros da área de especialidade da biblioteca;
- Obras da bibliografia dos cursos;
- O técnico por possuir mais informações;
- Os livros didáticos por determinar diretamente a área.

c) Procedimentos para indexar uma obra em utilizar o Bibliodata:

- Cabeçalho local da Biblioteca;
- Análise da própria obra e busca de como essa obra foi indexado no OPAC no Aleph por outra biblioteca em outras unidades, depois em outras bases;
- Análise do título, subtítulo, ficha catalográfica, leitura das 'orelhas', contracapa, análise do sumário, e se for necessário ler a introdução.

d) Por que o trabalho do indexador é importante:

- Porque é o termo indexado que trará a obra para o usuário na recuperação da informação;
- Porque sem indexação não há recuperação da informação com especificidade;
- Porque a indexação permite a revocação e a precisão na busca;

e) Você se considera indexador ou catalogador?

- Catalogador;
- Tanto catalogador como indexador;
- Mais catalogador.

f) A lista do bibliodata é adequada para indexar as obras de ficção?

- O problema não está na lista autorizada e sim no profissional no momento de indexar esse tipo de material;
- Os termos do biblioteca não contemplam várias áreas, inclusive ficção. Exemplo: não existe o termo "Romance Brasileiro";
- Não é adequada;
- Não é adequada porque é superficial, e existe o problema do relacionamento dos termos;
- É falho, mas atende as necessidades, e quando não atende usa-se o Campo 690 – Termo livre.

g) O que mais dificulta a indexação de obras de ficção:

- As informações sobre autoria, qual tipo de literatura, ano de morte do autor;
- Lista de autoridades, e, talvez, a falta de política de indexação;
- Falta de tempo, falta de conhecimentos específicos na área e a falta de um instrumento adequado (vocabulário controlado, tesouro, etc);
- Falta de informações nos registros do bibliodata.

7.2.5 Informações adicionais acerca das entrevistas

Algumas informações importantes foram coletadas durante as entrevistas e não foram registradas pelas questões:

- Foram entrevistados profissionais de três bibliotecas da Rede UNESP. Duas destas unidades utilizam um cabeçalho local para indexar as obras. A unidade A utiliza um cabeçalho desenvolvido por um antigo bibliotecário que trabalhou naquela unidade. Este cabeçalho atende as necessidades das obras da biblioteca; na unidade C o bibliotecário mostrou uma lista de assuntos construída a partir da CDU.
- Na unidade B os profissionais demonstraram grande preocupação em indexar obras de ficção com termos diferentes daqueles utilizados tradicionalmente. O receio é ter uma alta revocação e uma baixa precisão;
- Na unidade B os profissionais explicaram que o livro de ficção é considerado mais como uma leitura de lazer e não científica;
- Os profissionais das três unidades detectaram o problema do Bibliodata não trazer o termo “Romance Brasileiro”, para indexar eles utilizam “Literatura brasileira – Romance”;
- Os recursos utilizados pelos profissionais quando não conseguem extrair o assunto da obra são parecidos. A unidade B destacou a Biblioteca Nacional como uma alternativa importante de busca para verificar como a obra foi indexada;
- Na unidade B sempre se recorre aos professores das áreas de especialidade para contribuírem com o levantamento dos assuntos;
- A unidade B destacou a dificuldade de encontrar os assuntos das obras de ficção a começar pela subjetividade dos títulos que não remetem ao conteúdo;
- A unidade A explicou sobre o novo conceito dentro da Rede de Bibliotecas da UNESP, ou seja, a base única. O registro catalográfico da obra sempre trará os assuntos de quem catalogou primeiro, os catalogadores que forem inserir seus itens poderão colocar novos assuntos se julgarem necessários, mas não podem apagar os assuntos já inseridos. Todos os assuntos aparecerão para o usuário no momento da pesquisa;
- A unidade A destacou que materiais como teses e dissertações são práticos para

trabalhar, pois seus autores especificam os assuntos nas palavras-chaves;

- Um grande problema levantado pela unidade C é a falta de padronização dos dados nas obras brasileiras. A indústria editorial falha nas descrições dos dados de imprensa nas obras. Algumas livrarias são exemplo de descrição de dados como a Elsevier.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de formas de representação da informação, explícita e registrada, possibilitando sua recuperação, seu reuso, sua revisitação, é uma dentre muitas finalidades da Ciência da Informação.

Por meio da criação de metodologias, a área estabelece parâmetros de ordem contribuindo para a geração, transferência, utilização e preservação de documentos nos ambientes informacionais.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi a aplicação do percurso gerativo de sentido, simulacro metodológico que busca explicar os processos de entendimento que são executados na leitura pelo leitor, em cinco contos de Carlos Drummond de Andrade contribuindo para os estudos de ferramentas que possibilitem a análise documental de obras de ficção. O foco do estudo esteve na análise textual buscando a concretização de sentido no encadeamento das figuras e no encadeamento dos temas presentes nos contos para a recuperação da informação.

Com o pressuposto que as obras ficcionais não possuem ferramentas de análise de assunto adequadas devido à ausência de procedimentos metodológicos que contribuam efetivamente para o tratamento desse tipo de documentos, o estudo de aplicação foi realizado e obtivemos resultados positivos e satisfatórios, pois possibilitaram a análise, identificação e extração dos assuntos dos textos. Os textos foram trabalhados de forma que sua seqüência canônica fosse enunciada e as fases fossem estabelecidas: manipulação, competência, performance e sanção. Em seguida, as figuras e os temas foram aglutinados segundo suas categorias, e os subtemas de cada percurso identificados para possibilitar o estabelecimento do tema geral de cada trecho.

Como contribuição para o arcabouço teórico e metodológico esta pesquisa atingiu seu objetivo ao trabalhar com os elementos da lingüística, especificamente da semântica discursiva. A ciência da informação tem firmado uma estreita ligação com a lingüística ao utilizar seus métodos e processos para a descrição dos documentos. Trabalhamos com a dimensão metodológica que tem como diferencial a preocupação da definição e explicitação de procedimentos para a análise documental de obras de ficção.

Evidentemente, a aplicação dos procedimentos em obras de ficção na íntegra não é

uma atividade viável, como estudos posteriores já demonstraram, mas em textos breves se mostra muito eficaz.

No tocante a atividade profissional dos bibliotecários que exercem a atividade de indexação nas bibliotecas da Rede UNESP que foram entrevistadas, e coletados os dados, observou um terreno muito fértil para futuros estudos. Identificamos que a indexação das obras, ficcionais ou não, na Rede é um componente da catalogação. O trabalho foi realizado tendo como fundamento a linha teórica da *“analyse documentaire”* e tivemos a oportunidade de verificar que na Rede trabalha-se com os fundamentos da base epistemológica da *“subject cataloguing”*. Fizemos a constatação empírica de que dependendo da base epistemológica a identificação, extração e representação da informação pode apresentar uma dimensão de forma ou de conteúdo, ou seja, forma quando está ligada ao processo de descrição bibliográfica, conhecida como catalogação, tendo como objetivo a criação de registros; e conteúdo quando está ligada aos processos de análise e descrição dos aspectos intrínsecos do documento, conhecida como tratamento temático da informação.

Como reflexão proveniente do estudo dessa pesquisa apresentamos as seguintes sugestões:

- O estabelecimento de um plano de educação continuada para os profissionais bibliotecários da Rede de Bibliotecas da UNESP para atualização e contato com novas áreas de interface com a Ciência da Informação, como por exemplo, a lingüística que a aproximadamente a uma década atrás não compunha os currículos escolares dos cursos de graduação;
- A inserção nos cursos de graduação em biblioteconomia da temática da representação temática de obras ficcionais e suas peculiaridades;
- O estabelecimento de uma linguagem de indexação para a Rede de Bibliotecas da UNESP para atender sua realidade e otimizar a recuperação da informação de seus acervos;
- Uma política de capacitação em indexação para os bibliotecários;
- A criação de uma proposta para o mercado editorial brasileiro que oriente a impressão de obras com as informações necessárias e relevantes para análise documental;

- A criação de uma base beta que insira obras de ficção indexadas não apenas pelos grandes assuntos obtidos no Bibliodata, mas dos assuntos que tratam realmente da obra. Assim, poderá realizar uma avaliação da revocação e precisão na recuperação da informação dessas obras, bem sua utilização.

Dessa maneira, oferecemos nossa contribuição para a construção teórica de representação de documentos ficcionais e esperamos que futuros estudos possam avançar mais nessa área possibilitando, não apenas avanços teóricos e práticos, mas avanços sociais para a geração de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. ALBUQUERQUE. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n.3, jul/set., p. 64 - 74 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/spp/v16n3/13563.pdf> >. Acesso em: 20 outubro 2007.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Introducción a la lingüística del texto**. Barcelona: Ariel, 1997

BELKIN, N. J. Progress in documentation: information concepts for information science. **Journal of Documentation**, London, v. 34, n. 1, p. 55 -85, 1978.

BORBA, F. S. **Introdução aos estudos lingüísticos**. São Paulo: Campanhia Editora Naciona, 1967.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p.. 3-5, 1969.

BUSH, V. **As we may think**. **Atlantic monthly**, v. 176, n. 1, p. 101-108, 1945.

CABRAL, L. S. **Introdução à lingüística**. Porto Alegre: Editora Globo, 1979.

DAMAZO, A. C. **Análise de assunto de conto espírita por meio do percurso figurativo e do percurso temático**. 2006. f. Tese (Mestrando em Ciência da Inforamção) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

DIAS, E. W. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 67-80, jan./jun. 2000.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. **Contos plausíveis**. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. **Lingüística textual: introdução**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1999.

FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à lingüística**. São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2003.

FIORIN, J. L. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **DELTA: Documentação de estdos em lingüística teórica e aplicada**, São Paulo, v. 15, n.1, fev./jul. 1999.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo : Martins Fontes, 1999. 541 p.

FUJITA, M.S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para

indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 60-90, jul./dez. 2003

GREIMAS, A. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOFFMAN, W. Information Science: discipline or disappearance. **Aslib Prodeedings**, v. 22, n. 12, p. dec., 589 – 596, 1970.

GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, v.1, p. 77-99, 2008.

HEILPRIN, L. B. Foudations of informations science reexamined. **Annual Review of Information Science and Tecnology**, v. 24, p. 343 – 372, 1989.

INFANTE, U. **Do texto ao texto**: curso prático de leitura e redação. 6.ed. São Paulo: Scipione, 2001.

JOLLES, A. **Formas simples**. São Paulo: Cultrix, 1976.

KAISER, J. O. **Systematic indexing**. London: Pitman, 1911.

KOBASHI, N. Y. Análise documentária: considerações sobre um modelo lógico-semântico. In: CHUNHA, I. M. R. F. et. al. (Org.). **Análise documentária: considerações e experimentações**. São Paulo: FEBAB, 1989. p. 47 – 57.

KOBASHI, N. Y. **A elaboração de informações documentárias**: em busca de uma metodologia. 1994. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: contexto, 2002.

KOCH, I. Lingüística textual hoje: questões e perspectivas. In: ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DE LINGUAGEM DO CENTRO-OESTE, 2., 2004, Brasília. **Atas...** Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. p. 21-33.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LIMA, G. A. B. O modelo simplificado para análise facetada de Spiteria a partir de Ranganathan e do Classification Research Group (CRG). *Información, Cultura e Sociedad*, n. 11, p. 57-72. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/ics/n11/n11a03.pdf> . Acesso em: 23 maio 2008.

LOPES, E. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1993.

LÓPES YEPES, José. Teoria e história de la información y documentación. In.: LÓPES YEPES, José (Org.). **Fundamentos de información y documentacion**. Madrid: Eudema, 1989. p. 25 – 52.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 5.ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2002.

MENDONÇA, E.S. A lingüística e a ciência da informação: estudos de uma interseção. **Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n. 3, p. 50- 70, set./dez. 2000

Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 3, p. 50-70, set./dez. 2000.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária, Prosa**. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: a prosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

MOISÉS, Massaud. Guia prático de análise literária. São Paulo: Cultrix, 1970.

MOOERS, C. N. Zatocoding applied to mechanical organization of knowledge. **American Documentation**, v. 2, p. 20-32, 1951.

MORAES, J. B. E.; GUIMARÃES, J.A.C. **Análisis documental de contenido de textos literarios narrativos**: en busca del diálogo entre las concepciones de aboutness/meaning y de recorrido temático/recorrido figurativo. *Scire* (Zaragoza), 2006.

MORAES, J. B. E. ; GUIMARÃES, J.A.C. ; GUARIDO, M. D.M. . Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. In: Francisco Javier García Marco (Org.). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación en entorno digital**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007, p. 93-100.

NASCIMENTO, D. M.; MARTELETO, R. M. A “informação contruída” nos meandros dos conceitos da teoria social de Pierre Bordieu. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out04/F_I_art.htm>. Acesso em: 23 outubro. 2007.

NOVA ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA FOLHA. Lingüística. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/bibliot/enciclop/>>. Acesso em: 30 outubro 2007.

ORLANDI, E. P. **O que é lingüística**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

PROPP, V. **A morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

RANGANATHAN, S. R. **Colon classification**. London: E. Goldston, 1933.

RAYWARD, W. B. The origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, n. 4, p. 289 – 300, 1997.

ROBREDO, J. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003. 262 p.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan/jun. 1996

SARACEVIC, Tefko. O profissional da informação e sua relação com as áreas de Biblioteconomia/Documentação, Arquivologia e Museologia. In: VALENTIM, M. L. P.(Org.). **Profissionais da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. cap. 6, p. 119-134.

SHERA, J. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. In: GOMES, H. E. (Org.). **Ciência da informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 90-105. (Série Ciência da Informação).

SMIT, J. W. (Coord.) **Análise documentária: a análise da síntese.** 2.ed. Brasília: IBICT, 1989.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral.** 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

TÁLAMO, M. F. G. M. **Elaboração de resumos.** Escola de Comunicação e Artes, 1987. 14 f. Datilografado.

TATI, L. Abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à lingüística.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 187-209.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português.** 1991. Campinas, Tese de Doutorado / IEL / UNICAMP, 1991. 330 + 124 pp

VAN DIJK, T. A. **La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinari.** Barcelona: Paidós, 1997.

VAN DIJK, T.A. Gramáticas textuais e estruturas narrativas. In: CHABROL, C. et al. **Semiótica narrativa e textual.** São Paulo: Cultrix, 1987.

VAN DIJK, T. Text and context. **Explorations in semantics and pragmatics of discourse.** London: Longman, 1977.

VAN DIJK, T. The **Porto Rico lectures on the structures and functions of discourse.** Amsterdaá: 1978.

VICKERY, B. C. **Classificação e indexação nas ciências.** Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1980.

APÊNDICE A

A semântica discursiva dos “Contos”

Análise do percurso temático e figurativo como contribuição para um modelo de identificação da Tematicidade de obras ficcionais

Prezado (a) Bibliotecário (a)

A pesquisa “**A semântica discursiva dos ‘Contos’: análise do percurso temático e figurativo como contribuição para um modelo de identificação da tematicidade de obras ficcionais**”, conduzida pela aluna de mestrado em Ciência da Informação, Deise Maria Antonio, Programa de Ciência da Informação, faz parte da **Dissertação de Mestrado**, realizada na UNESP/Campus de Marília, sob a orientação do Dr. João Batista Ernesto de Moraes, e tem como objetivo a análise, identificação e aplicação metodológica do percurso gerativo de sentido na busca da identificação dos textos figurativos e temáticos, bem como a concretização do sentido do texto.

Para tanto, é necessário investigar os procedimentos e ações profissionais intrínsecos na indexação de obras ficcionais, descrevendo os recursos e ferramentas utilizadas, identificando as dificuldades no processo de identificação do assunto.

Buscamos uma parceria com esta unidade de informação para estabelecermos a relação dialógica entre teórica e prática com vistas à contribuição no processamento e disponibilização dos materiais bibliográficos de ficção.

Dessa forma, solicitamos que o (a) senhor (a) responda ao questionário a seguir.

As questões foram divididas em 03 blocos, procurando identificar os aspectos da experiência profissional em relação à atividade de indexação, bem como suas atitudes e posturas, e por fim a caracterização do perfil do entrevistado.

Ressalto que as informações enviadas serão tratadas com o maior sigilo e não serão divulgadas individualmente. Elas têm finalidade única para o desenvolvimento de trabalhos científicos, que possam viabilizar melhorias no fazer profissional, bem como o desenvolvimento metodológico e científico da área.

Aproveito para agradecer sua participação e me coloco à sua disposição para quaisquer informações adicionais.

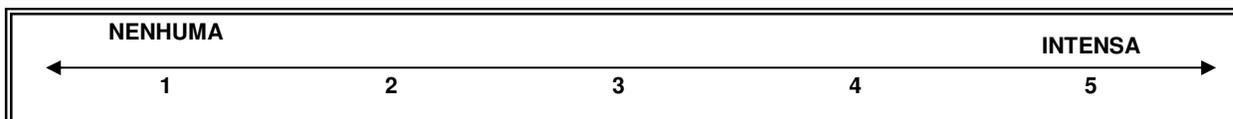
Atenciosamente,

Deise Maria Antonio
UNESP – Campus de Marília
Programa de Pós-Graduação Ciência da Informação
deise@tupa.unesp.br
(14) 3404-4209

Entrevista da pesquisa “Semântica discursiva dos “Contos”: Análise do percurso temático e figurativo como contribuição para um modelo de identificação da Tematicidade de obras ficcionais.

Bloco I – Experiência com a atividade de indexação

A lista a seguir apresenta algumas questões sobre a atividade de indexação para que você indique o nível de experiência na atuação profissional, de acordo com uma escala que vai de 1 a 5, sendo que 1 representa NENHUMA e 5 representa INTENSA.



ATIVIDADE DE INDEXAÇÃO	Nenhum(a)	Pouco(a)	Médio(a)	Substancial	Intenso(a)
1. É importante o bibliotecário de indexação ter trabalhado em outra área dentro da biblioteca?	1()	2()	3()	4()	5()
2. É importante o bibliotecário que trabalha com indexação de obras ficcionais conhecer seu público-alvo (demanda)?	1()	2()	3()	4()	5()
3. Existe diferença entre a indexação de uma obra técnico-científica e uma obra de ficção?	1()	2()	3()	4()	5()
4. É importante o uso de um vocabulário controlado ou tesauro para a indexação?	1()	2()	3()	4()	5()
5. É importante o bibliotecário fazer a leitura documentária das obras de ficção?	1()	2()	3()	4()	5()
6. Qual o grau de importância do profissional bibliotecário que trabalha com indexação?	1()	2()	3()	4()	5()
7. A experiência profissional faz a diferença no momento da atividade de indexação de obras ficcionais?	1()	2()	3()	4()	5()
8. Existe diferença entre indexação e catalogação?	1()	2()	3()	4()	5()
9. O público-alvo (demanda) pode interferir na atividade de indexação?	1()	2()	3()	4()	5()
10. As ferramentas e recursos utilizados no momento da indexação têm influência na recuperação da informação?	1()	2()	3()	4()	5()
11. O tratamento temática da obra de ficção têm importância para o desenvolvimento técnico-científico?	1()	2()	3()	4()	5()
12. Existe uma política de capacitações sobre indexação para o bibliotecário indexador dentro da Rede de Bibliotecas da UNESP.	1()	2()	3()	4()	5()

BLOCO III - Caracterização do entrevistado

As informações abaixo possuem fins científicos e são importantes para a realização da pesquisa. Têm como objetivo caracterizar o entrevistado e sua atuação profissional. Ressalta-se que as informações prestadas não serão divulgadas individualmente, e não identificará o entrevistado.

1. Nome:		2. E-mail:	
3. Telefone / celular:			
4. Cidade:		5. Estado:	
6. Sexo: 1. () Masculino 2. () Feminino			
7. Faixa etária:			
1. () De 18 a 25 anos		4. () De 46 a 55 anos	
2. () De 26 a 35 anos		5. () De 56 a 65 anos	
3. () De 36 a 45 anos		6. () Mais de 66 anos	
8. Estado civil: 1. () Solteiro 2. () Casado/união estável 3. () Separado/divorciado 4. () Viúvo			
9. Grau de instrução (proprietário):			
1. () Superior Completo		Local:	
2. () Especialização		Local:	
3. () Mestrado		Local:	
4. () Doutorado		Local:	
10. Cargo e/ou Função			
11. Renda familiar mensal aproximada:			
1. () De R\$ 1.000,00 a R\$ 2.500,00			
2. () De R\$ 2.500,00 a R\$ 4.500,00			
3. () De R\$ 4.500,00 a R\$ 6.000,00			
4. () De R\$ 6.000,00 a R\$ 10.000,00			
12. Localização da Atuação Profissional (cidade/estado):			
13. Principal atividade Profissional:		14. E a segunda?	
15. Número estimado de material processado em um ano (em exemplares):			
16. Principais Ferramentas usadas na indexação:			
1. () Classificação Decimal de Dewey 2. () OPAC Athena 3. () Bibliodata 4. () Library of Congress 5. () Outro			
Especifique qual: _____			
17. A quanto tempo trabalha com indexação: () 6 meses () 1 ano () 2 anos () 3 anos () Outro			
Especificar quanto tempo: _____			
18. Participa de grupo de discussão para bibliotecários na internet? () Sim () Não			
Se positivo qual: _____			

APÊNDICE B

A semântica discursiva dos “Contos”

Análise do percurso temático e figurativo como contribuição para um modelo de identificação da Tematicidade de obras ficcionais.

ENTREVISTA

1 – Em sua opinião, quais são as principais diferenças existentes entre uma obra técnico-científica (livro didático, revista informativa, periódico) e uma obra de ficção (literatura, romance, crônica, conto)? Enumere as diferenças?

2 – Qual o “tipo” de material é mais rápido para ser indexado? Por quê?

3 – Se você tiver que indexar uma obra sem a utilização da lista do Bibliodata qual seriam os seus procedimentos? Explique.

4 – Por quê o trabalho do indexar é importante dentro da Biblioteca?

5 – Você se considera indexador ou catalogador?

6 – Você considera que a lista de assuntos autorizados do Bibliodata é adequada para indexar as obras de ficção, por quê?

7- O que mais dificulta a indexação de obras de ficção?

APÊNDICE C

A semântica discursiva dos “Contos”

Análise do percurso temático e figurativo como contribuição para um modelo de identificação da Tematicidade de obras ficcionais.

Apliação:

Os textos são narrativas complexas onde os enunciados de estado (fazer e ser) estão hierarquicamente organizados, tendo como estrutura uma seqüência canônica composta por quatro fases: **manipulação, competência, performance e sanção.**

<p>Manipulação: um sujeito agora sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. O sujeito é um papel narrativo e não, necessariamente, uma pessoa. São vários os tipos de manipulação aqui descritos os quatro mais comuns: tentação, intimidação, sedução e provocação.</p>

<p>Competência: o sujeito que realiza a narrativa é dotado de um saber e ou poder fazer.</p>

<p>Performance: fase em que se dá a transformação central da narrativa.</p>
--

<p>Sanção: última fase onde há a constatação de que a performance se concretizou. A sanção pode ser cognitiva se há o reconhecimento que a competência se realizou; ou sanção pode ser pragmática, com prêmios e castigos.</p>

Os esquemas narrativos abstratos podem estar revestidos com temas e com figuras. Assim, figuratização e tematização são considerados dois níveis de concretização de sentido, e todos os textos tematizam o nível narrativo que poderá ser figurativizado ou não. existem duas formas básicas de discurso, o que são concretos e os que são abstratos. Esses termos não são termos polares que fazem oposição, mas constituem um continuum, que gradualmente caminha do abstrato para o concreto.

TEMA	FIGURA
<ul style="list-style-type: none"> • Explicam a realidade; • Classificam e ordenam a realidade; • Estabelece relações e dependências; • Tem função predicativa ou interpretativa; • Faz comentários sobre as propriedades do mundo; • Um grande tema abarca temas principais; • Dá coerência ao texto principal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Efeito de realidade; • Representam o mundo; • Criam imagem do mundo; • Criam imagem dos seres; • Criam os acontecimentos do mundo; • Trabalham com o concreto; • Tem função representativa; • Constroem simulacro da realidade; • Tem função descritiva ou representativa.

Com base nas informações apresentadas identifique no texto “**O Torcedor**”, de Carlos Drummond de Andrade, a seqüência canônica dos parágrafos, e a seguir destaque quais são os temas e as figuras que revestem os esquemas narrativos.

O TORCEDOR¹⁶

- 1 No jogo de decisão do campeonato, Eváglio torceu pelo Atlético Mineiro, não porque fosse atleticano ou mineiro, mas porque receava o carnaval nas ruas se o Flamengo vencesse. Visitava um amigo em bairro distante, nenhum dos dois tem carro, e ele previa que a volta seria problema.
- 2 O Flamengo triunfou, e Eváglio deixou de ser atleticano para detestar todos os clubes de futebol, que perturbam a vida urbana com suas vitórias. Saindo em busca de táxi inexistente, acabou se metendo num ônibus em que não cabia mais ninguém, e havia duas bandeiras rubro-negras para cada passageiro. E não eram bandeiras pequenas nem torcedores exaustos: estes parecia terem guardado a capacidade de grito para depois da vitória.
- 3 Eváglio sentiu-se dentro do Maracanã, até mesmo dentro da bola chutada por 44 pés. A bola era ele, embora ninguém reparasse naquela esfera humana que ansiava por tornar a ser gente a caminho de casa.
- 4 Lembrando-se de que torcera pelo vencido, teve medo, para não dizer terror. Se lessem em seu íntimo o segredo, estava perdido. Mas todos cantavam, sambavam com alegria tão pura que ele próprio começou a sentir um pouco de flamengo dentro de si. Era o canto? Eram braços e pernas falando além da boca? A emanação de entusiasmo o contagiava e transformava. Marcou com a cabeça o acompanhamento da música. Abriu os lábios, simulando cantar. Cantou. Ao dar fé de si, disputava à morena frenética a posse de uma bandeira. Queria enrolar-se na pano para exteriorizar o seu partidário que pulava em suas entranhas. A moça em vez de ceder o troféu, abraçou-se com Eváglio e beijou-o na boca. Estava batizado, crismado e ungido: uma vez flamengo, sempre flamengo.
- 5 O pessoal desceu na Gávea, empurrando Eváglio para descer também e continuar a festa, mas Eváglio mora em Ipanema, e já com o pé no estribo se lembrou. Loucura continuar flamengo a noite inteira à base de chope, caipirinha, batucada e o mais. Segurou firme na porta, gritou: “Eu volto, gente! Vou só trocar de roupa” e, não se sabe como, chegou intacto ao lar, já sem compromisso clubista.

¹⁶ ANDRADE, Carlos Drummond. Contos plausíveis. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 148

M A N I P U L A Ç Ã O	
Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
TEMA:	

C O M P E	
-----------------------	--

TEMA:	

S A N S Ã O		
	Tema (Elementos Abstratos)	Figura (Elemento Concretos)
	TEMA:	